



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Gleicy Mailly da Silva

**Caminhando pelas Ruas, Batendo de Porta em Porta:
Dinâmica Religiosa e Experiência Social
entre Testemunhas de Jeová no Campo Religioso Brasileiro**

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação da Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.

Campinas, Março de 2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

Si38c **Silva, Gleicy Maily da**
Caminhando pelas ruas, batendo de porta em porta: dinâmica religiosa e experiência social entre Testemunhas de Jeová no campo religioso brasileiro / Gleicy Maily da Silva.
-- Campinas, SP : [s. n.], 2010.

Orientador: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

**1. Testemunhas de Jeová. 2. Experiência (Religião).
3. Sociabilidade. I. Almeida, Ronaldo Rômulo Machado de.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

Título em inglês: Walking the streets, knocking from door-to-door: religious dynamics and social experience among Jehovah's Witnesses at the religious field in Brazil

**Palavras chaves em inglês (keywords) : Jehovah's Witnesses
Experience (Religion)
Sociability**

Área de Concentração: Religiões no Mundo Contemporâneo

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida, Eliane Moura da Silva, Luiz Henrique de Toledo

Data da defesa: 25-03-2010

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

C
R 637

GLEICY MAILLY DA SILVA

**Caminhando pelas Ruas, Batendo de Porta em Porta:
Dinâmica Religiosa e Experiência Social entre Testemunhas de Jeová no Campo
Religioso.**

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação da Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.

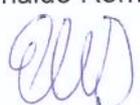
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 25/03/2010.

Comissão Julgadora:

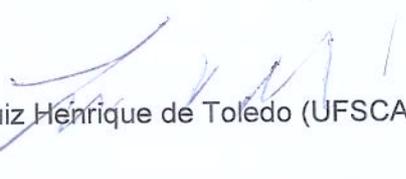
Titulares:



Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida (DA-IFCH-UNICAMP) - (Presidente)



Profa. Dra. Eliane Moura da Silva (DH-IFCH-UNICAMP)



Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (UFSCAR)

Suplentes:

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (DA-IFCH-UNICAMP)

Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner (UFSCAR)

**Campinas
Março de 2010**

Aos meus pais, José Roberto e Ivone. E ao meu companheiro Guilherme. Com eles aprendi o respeito, a dedicação e o compromisso.

Agradecimentos

Entrar no mestrado significou o meu comprometimento durante três anos exclusivamente com a pesquisa. Três anos significam muito. E este trabalho não poderia ter sido feito sem a contribuição profissional e o respaldo afetivo de muitas pessoas.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me proporcionar dois anos de bolsa, que foram muito importantes para aquisição de materiais necessários à pesquisa e para custear as viagens para a minha participação em dois eventos internacionais, ambos em Buenos Aires: as XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina (Setembro/2007) e a Reunião de Antropologia do Mercosul (Setembro/2009).

Ao meu orientador, Ronaldo Rômulo Machado de Almeida, por ter aceito o desafio de me orientar no estudo de um grupo religioso ainda pouco conhecido no Brasil, mantendo minhas inquietações, provocando questões importantes, me dando broncas quando necessário, mas me oferecendo autonomia para conduzir a pesquisa.

Ao professor Gustavo Andrés Ludueña, da Universidade de Buenos Aires, que teceu importantes comentários e indagações a respeito de minha pesquisa; e ao professor Ricardo Mariano, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que me indicou leituras, apontou caminhos e me incentivou. Ambos foram coordenadores do GT: Religiões em Transformação nas Cidades Latino-Americanas, da RAM 2009, de que participei.

À professora Eliane Moura da Silva, que participou da minha qualificação em Outubro de 2009, e que com grande respeito e entusiasmo avaliou meu trabalho, valorizando minha abordagem etnográfica, colocando novas questões, e ampliando alguns aspectos que pareciam fora de enquadro. Por me alertar para o fato de que um dos valores de uma pesquisa acadêmica está naquilo que ela indica e não necessariamente naquilo que resolve. E por aceitar participar de minha defesa.

Ao professor Omar Ribeiro Thomaz, que participou também de minha qualificação e com muito cuidado atentou para o aspecto do sofrimento das Testemunhas de Jeová durante o holocausto, me incentivando a levar em conta a história dramática do grupo em suas particularidades.

Ao professor Luiz Henrique de Toledo por aceitar participar de minha defesa, acrescentando questões e comentários certamente importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas de turma e trabalho, Delcídes Marques, Mulumba Bertazini Kabengele, Talita Pereira de Castro, Michelle Alcântara de Camargo, Rafael Silveira Cintra, Raquel Taminato Gomes da Silva, por partilharem comigo bons momentos em sala de aula e fora dela. E em especial a José Onésio Ramos pela amizade, acolhimento, pelos longos papos e por me hospedar tão carinhosamente em sua casa em minhas idas para Campinas.

Ao meu amigo, e bibliotecário, Emanuel Guedes por me ajudar de boa vontade a formatar meu texto (considerando meus palpites), cedendo gentilmente seu tempo para organizar imagens, citações, lista de ilustrações, me auxiliando para que a composição final estivesse bem feita.

Ao Bruno por revisar meu resumo para a língua inglesa.

Aos meus amigos e familiares, Kleber, Leonardo, Ricardo (Romário), Náira, Joyce, Juliana e Kelly (Campello) que compreenderam minha ausência, e estresse, como parte de minha responsabilidade e dedicação com a pesquisa e que me ofereceram sempre que possível seu carinho, apoio, transmitindo sua confiança e valorizando meu trabalho. E, ao meu primo/irmão Felipe (Fê), que tantas vezes foi meu ombro amigo, tendo paciência e carinho comigo em alguns momentos particularmente difíceis destes três anos.

À Eulália, por me receber em sua casa tão amorosamente esses longos anos, para a pesquisa de campo em São Paulo ou mesmo passeio. Por me acolher em sua família, por ter acompanhado cada passo dado dessa pesquisa, desde minha aprovação no mestrado, e por torcer animadamente por minha conquista profissional. À avó Rosalba, pelo carinho especial.

Ao meu companheiro, e antropólogo, Guilherme André Aderaldo, por seu reconhecimento do meu esforço no dia-a-dia, pela leitura minuciosa de meus textos, pela crítica generosa, por me exigir além do que eu pensava que podia fazer, pelas constantes sugestões de leituras, enfim, pelo acompanhamento

interessado de toda a pesquisa. Sem seu apoio profissional, e seu carinho e paciência incondicionais, que foram fundamentais para que eu me mantivesse confiante na importância de minhas questões, nada disso teria sido possível.

Aos meus pais, Ivone e José Roberto, pela paciência, pela convivência, pela amizade, pelo suporte material, pelo respeito ao tempo que me dediquei ao trabalho, pelo colo amoroso em meus dias tristes, por compartilharem comigo suas alegrias e confiarem nas minhas escolhas.

E, finalmente, às Testemunhas de Jeová que me receberam entusiasmadas nas congregações e eventos em que fiz pesquisa de campo, que me ofereceram seu tempo, que expuseram suas trajetórias de vida, que me auxiliaram com materiais de que precisei, que me deixaram participar de seu cotidiano. Enfim, que, ao me verem caminhando em suas ruas, abriram-me suas portas. Muito obrigada!

“Como reagem os homens de sensibilidade religiosa quando o maquinário da fé começa a desgastar-se? O que fazem quando as tradições vacilam?”

Fazem, obviamente, todo tipo de coisas. Perdem sua sensibilidade. Ou canalizam-na para o fervor ideológico. Ou adotam um credo importado. Ou se voltam, preocupados, para si mesmos. Ou se agarram ainda mais fortemente às tradições em decadência. Ou tentam recompor essas tradições em formas mais efetivas. Ou se dividem ao meio, vivendo espiritualmente no passado e fisicamente no presente. Ou tentam expressar sua religiosidade em atividades seculares. Alguns poucos simplesmente não percebem que seu mundo está mudando e, quando percebem, simplesmente entram em colapso.

Mas essas respostas gerais não são em verdade muito esclarecedoras, não só porque são gerais, mais porque vão além daquilo que mais desejamos saber: por que meios, por quais processos sociais e culturais acontecem esses movimentos em direção ao ceticismo, ao entusiasmo político, à conversão, ao revivalismo, ao subjetivismo, ao pietismo secular, ao reformismo, à adoção de um padrão duplo? Que novas formas de arquitetura abrigam essas mudanças cumulativas?

Ao tentar responder as grandes questões como estas, o antropólogo sempre se inclina em direção ao concreto, ao particular, ao microscópico. Somos os miniaturistas das ciências sociais, pintando em telas liliputianas com movimentos que consideramos delicados. Esperamos encontrar no pequeno o que nos escapa no grande, tropeçar em verdades gerais em meio aos casos específicos (Geertz, 2004, p. 17-18).

RESUMO

As Testemunhas de Jeová, representadas juridicamente pela Sociedade Torre de Vigia, se formaram nos Estados Unidos, em 1870, à luz de movimentos protestantes fundamentalistas que emergiram no mesmo período, e se consolidaram a partir de uma doutrina rigorosa, fortemente restritiva. Esta pesquisa busca compreender, considerando a dinâmica interna deste grupo, o que faz com que ele se mantenha coeso numa comunidade aparentemente tão restritiva no contexto do campo religioso brasileiro, cuja característica, como inúmeras análises vêm demonstrando, é a intensa flexibilidade entre doutrinas e práticas religiosas. Ao analisar e dar visibilidade aos meios dos quais lançaram mão para crescerem, se organizarem, se expandirem e se manterem no campo religioso, fica evidente a tensão entre mobilidade e radicalidade. Desse modo, termos redutores como “fundamentalismo” e “proselitismo” são colocados em perspectiva, considerando importantes dimensões de conflito que, por fim, inserem as Testemunhas de Jeová nesta dinâmica. É a capacidade de conviverem, rivalizarem, cooptarem, reinventando suas crenças e práticas quando necessário, que torna o grupo flexível de um modo bastante particular, ainda que pareça rígido, onde as mudanças tornam-se recursos importantes para manterem suas crenças e distinção em meio às transformações pelas quais tem passado o campo religioso.

Palavras-Chave: Testemunhas de Jeová; Experiência Religiosa; Sociabilidade.

ABSTRACT

The Jehovah's Witnesses, legally represented by the Watch Tower Bible Society, were formed in the United States, in 1870, in the light of fundamentalists protestants movements which had emerged at the same period, and solidified themselves through a rigorous doctrine, strongly restrictive. This research investigates, considering its internal dynamics, what sustains group cohesion in a community apparently so restrictive in Brazilian religious field context, whose characteristic, as many analyses has demonstrated, is its intense flexibility between several doctrines and religious practices. By analyzing and giving visibility to the means from which they had resorted for develop, organize, expand and support themselves in the religious field, it is evident the tension between mobility and radicalism. Thereby, limited terms as "fundamentalism" and "proselytism" are placed in perspective, considering important conflict dimensions that, finally, insert the Jehovah's Witnesses in this dynamics. It is the capacity of live together, contend, coopt, reinventing their beliefs and practices whenever necessary, that turns the group flexible in a very particular way, even if it seems strict, where changes become important resources to sustain their beliefs and distinctiveness amid the modifications by which the religious field has been crossing over.

Keywords: Jehovah's Witnesses; Religious Experience; Sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01: Capas e Temas de Revistas dos anos 1970	42
Quadro 02: Capas e Temas de Revistas dos anos 1980	42
Quadro 03: Capas e Temas de Revistas dos anos 1990	44
Quadro 04: Capas e Temas de Revistas dos anos 2000	45
Quadro 05: Capas sobre o Tema Teologia	46
Quadro 06: Capas sobre o Tema Religiões	46
Quadro 07: Capas sobre o Tema Ciência	46
Quadro 08: Capas sobre o Tema Meio Ambiente	47
Quadro 09: Capas sobre o Tema Saúde.....	47
Quadro 10: Capas sobre o Tema Medicina.....	47
Quadro 11: Capas sobre o Tema Comportamento	48
Quadro 12: Capas sobre o Tema Sociedade	48
Figura 01: Carro de Som.....	57
Figura 02: Marcha Pública.....	58
Figura 03: Marcha Pública.....	59
Figura 04: Entrada Principal de Betel.....	67
Figura 05: Gráfica.....	68
Figura 06: Refeitório.....	70
Figura 07: Vestimenta usada nos campos de concentração	72
Figura 08: Apartamentos dos Betelitas	74
Figura 09: Imagem aérea de Betel	76
Figura 10: Vista para o Bairro Jardim Anália Franco.....	116
Figura 11: Bairro Jardim Anália Franco.....	116
Figura 12: Bairro Anália Franco e Shopping.....	117
Figura 13: Vista do CERET para o Jardim Anália Franco	117
Figura 14: Salão do Reino de Boituva/SP	120
Figura 15: Salão localizado na Rua São Sabino nº325.....	120
Figura 16: Salão localizado na Rua Dias Leme nº303	121
Mapa 01: Localização dos Templos das Testemunhas de Jeová.....	123
Mapa 02: Localização dos Templos da Assembléia de Deus e da IURD	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Procedimentos Metodológicos	20
Organização dos Capítulos.....	23
1 O PROCESSO HISTÓRICO EM PERSPECTIVA	27
1.1 Construindo uma Doutrina (1870 – 1916)	31
1.2 Praticando a Distintividade (1917 – 1970)	34
1.3 Estruturando a Hierarquia (1971 – 2009)	38
1.4 Modificando a Estrutura, Persistindo na Crença	49
2 A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE NO BRASIL	55
2.1 A Sede e os Betelitas.....	62
2.2 A Visita.....	66
3 TESTEMUNHA E PROTAGONISTA: Disposição para uma Ética da Ação Individual	77
3.1 O Estudo Bíblico e o Processo de Conversão	78
3.2 O Salão do Reino e Seus Representantes	83
3.3 A Dinâmica das Reuniões.....	87
3.4 Quem Testemunha, Prega.....	100
3.5 Pregando em meio à Diversidade Religiosa	103
3.6 Ética da Ação Individual.....	106
4 SOCIABILIDADE NA CENA PÚBLICA: (Re)inventando a Cidade	108
4.1 Situação 1	108
4.2 Situação 2	110
4.3 Pregação e Interação Espacial	112
4.4 Espacialidade e Dinâmica Social das Congregações	119
4.5 Reinventando as Portas.....	127
CONSIDERAÇÕES, FINAIS?	130
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	143
Anexo A: Convite de Estudo Bíblico	144
Anexo B: Modelo de Questionário Aplicado.....	145
Anexo C: Modelos de Cartas	147

INTRODUÇÃO

Em 2006, após concluir meus estudos de graduação, fui morar com meus pais na cidade de Boituva, a 116 km da capital paulista.

Já nas primeiras semanas, percebi - e logo me acostumei a - uma intensa circulação de Testemunhas de Jeová pregando no bairro; e comecei a alimentar certa curiosidade por este grupo que a mim era totalmente desconhecido. Minha aproximação inicial, nesse sentido, foi através das revistas que quase todos os domingos vinham parar em minha casa¹.

Nestas publicações, diversos aspectos me chamavam atenção, como a representação iconográfica da comunidade a partir de composições que destacavam esteticamente uma diversidade étnica; a quantidade de línguas em que as revistas eram traduzidas; bem como a variedade de assuntos abordados sob o ponto de vista religioso.

A pregação de casa em casa não era menos interessante, ao contrário, e parecia reiterar a disposição que tinham em abordar temas dos mais diversos numa concepção religiosa fundamentada, sobretudo, na espera pelo Fim do Mundo.

Entre as principais práticas das Testemunhas de Jeová, as que me despertavam maior curiosidade eram as restritivas como, por exemplo, o fato de não comemorarem datas festivas como Aniversário, Páscoa, Natal ou Réveillon; não prestarem serviços às forças armadas; não terem participação ou representação política, sendo que a maior expressão dessa isenção é o voto em branco; não doarem e nem receberem sangue. E, porque não utilizam nenhum veículo midiático para divulgar sua crença, como jornais, rádio ou televisão, pude considerar que as Testemunhas de Jeová tornaram-se conhecidas, sobretudo, pela atividade de pregação de porta em porta e pelas publicações (em especial as revistas A Sentinela e Despertai!) que distribuem.

¹ Mais tarde vim saber que esta circulação intensa de Testemunhas de Jeová na cidade não era mera impressão, mas, antes, devia-se ao fato de Boituva ser vizinha da cidade onde está localizada a Sede Brasileira das Testemunhas de Jeová (Betel) - a cidade de Cesário Lange/SP - que abriga cerca de mil moradores (betelitas) que trabalham em suas dependências. Sendo Cesário Lange uma cidade muito pequena para o número de betelitas existente, boa parte destes membros é diariamente enviada para as cidades vizinhas para a pregação nas ruas. Boituva é uma delas.

Ocorre que o que se tornou uma fonte de pesquisa para mim, tornou-se, ainda no mesmo ano, fonte de uma profunda experiência religiosa para minha mãe, que passou a fazer estudo bíblico uma vez por semana com duas Testemunhas de Jeová da vizinhança. Essa situação permitiu o meu acesso imediato às informações necessárias para compreender quem eram aquelas Testemunhas², considerando alguns privilégios, como a visita à Sede Brasileira. E, ainda que eu sempre me apresentasse como pesquisadora, as Testemunhas me tratavam como “a filha” de uma “quase-Testemunha de Jeová”, o que constantemente me fazia passar despercebida em Congressos e Assembléias de que participei no período³.

Nesse ínterim, eu, que nunca tive familiaridade com nenhuma denominação religiosa, fosse com crenças, práticas, terminologias, acabei acompanhando o processo de conversão de minha mãe que, em Maio de 2007, no mesmo ano em que ingressei no mestrado, se batizou. Assim, posso dizer que acompanhei de soslaio, com grande interesse enquanto pesquisadora e grande inquietação enquanto filha, o processo de construção de uma motivação que pouco a pouco foi tornando minha mãe confiante e hábil a defender sua crença de porta em porta; o que me fez perceber de fato a complexidade desse aprendizado, da internalização desse conjunto de crenças, da mudança necessária no cotidiano de quem se torna uma Testemunha de Jeová.

² Refiro-me a estes religiosos ora como “Testemunhas de Jeová”, ora apenas como “Testemunhas”.

³ Percebi que, de certo modo, consideravam minha pesquisa como uma oportunidade rara de terem registradas suas crenças e atividades num documento acadêmico. E o fato de minha mãe estar entre elas trazia certa segurança de que eu não fosse “falar mal” ou polemizar suas crenças. No entanto, não restringi minha pesquisa de campo à Boituva. Pois, nesse sentido, a cidade de São Paulo me ofereceu um contraponto de tudo o que eu observava e compreendia a partir da pesquisa de campo na cidade em que estava morando. Enquanto a cidade de Boituva permitia um contato contínuo com as congregações e com seus membros (muitos deles betelitas), visitas periódicas e conversas formais e informais; a cidade de São Paulo me oferecia uma dinâmica sócio-espacial e temporal particular de uma metrópole, o que me permitiu observar por contraste não somente a dinâmica interna das congregações, mas principalmente aspectos singulares da atividade de pregação nos dois espaços tão distintos. Assim, as Testemunhas de Jeová me receberam, me deixaram gravar entrevistas, me convidaram para visitas em suas casas. A única restrição que fizeram foi em relação ao meu pedido de acompanhar-lhes nas ruas durante a pregação e durante a pregação por telefone sobre a qual me atenho no capítulo 4 deste trabalho. Sua justificativa era de que, em ambos os casos, se eu as acompanhasse estaria dando “falso testemunho”, pois seria confundida com uma Testemunha de Jeová.

Fosse por conta das crenças, da atividade de pregação, do conteúdo das publicações ou da expansão das atividades, não tinha dúvidas sobre a singularidade das Testemunhas de Jeová enquanto foco de pesquisa.

Para se ter uma idéia dessa expansão e diversidade, atualmente, segundo dados retirados do Anuário das Testemunhas de Jeová de 2009 (Watch Tower, 2009a, p. 31 – 39), há em torno de 110 filiais em todo o mundo que totalizam mais de 7.000.000 de membros “publicadores”⁴. Em tais dados ganham destaque países como México (660.903), Nigéria (313.559), Itália (240.604), Japão (218.091), Alemanha (166.182), Filipinas (158.837), Rússia (153.358), República Democrática do Congo (150.705), Ucrânia (143.243), Argentina (137.311), Grã-Bretanha (132.751), França (128.899), Polônia (127.154) e Espanha (109.063). Nesta composição, o Brasil aparece com 699.280 *publicadores*, sendo o segundo país com maior número de membros, perdendo apenas para os Estados Unidos (1.105.789).

No entanto, minha maior dificuldade foi em relação à escassez de estudos sobre este grupo religioso na área de Ciências Sociais⁵. E a principal questão que me veio como um grande problema foi a importância das Testemunhas de Jeová nos estudos de religião no Brasil, já que estes estavam se dedicando com veemência à dinâmica oferecida, principalmente, pelos grupos pentecostais e neopentecostais num contexto de acentuada rivalidade com a Igreja Católica, não apenas na cena religiosa, mas também no cenário político, considerando sua atuação destacadamente no período de redemocratização brasileira, nos anos 1980 (Pierucci e Prandi, 1996; Montero, 1999). O Brasil, país até então predominantemente católico, estava assumindo uma postura fortemente evangélica (Teixeira e Menezes, 2006).

Nesse processo, as análises que se seguiram aos dados apontados pelo Censo do IBGE de 2000 enfatizaram um contexto dinâmico entendido como espaço de “trânsito”, através do qual puderam destacar seis vértices principais – católicos, protestantes históricos, pentecostais, afro-brasileiros, kardecistas e sem religião – que caracterizariam circuitos, tendo os grupos pentecostais

⁴ O termo *publicador* é utilizado para classificar as Testemunhas de Jeová que realizam a atividade de pregação regular de porta em porta por uma média de 10 horas por mês.

⁵ Se as Testemunhas de Jeová são um tema raro para as Ciências Sociais, o mesmo não se aplica para as chamadas Ciências da Religião. No entanto, os trabalhos encontrados nesta área de estudo referem-se exclusivamente ao conteúdo teológico do grupo, analisado sob pontos de vista muitas vezes religiosos.

como maiores receptores de adeptos e os católicos como maiores doadores (Almeida e Montero 2001).

A constatação desta dinâmica presumia não só permutações entre os grupos, mas também uma declarada convivência entre práticas, considerando um movimento social muito mais intenso, e que havia se acentuado principalmente nas duas últimas décadas (Almeida, 1996; Mariano 1996). Tais movimentos, portanto, abririam um espaço para formas de sociabilidade bastante flexíveis, ora de ação comunitária, ora de experiências mais individualizantes, a partir de demandas também variadas, muitas vezes envolvendo relações diretamente materiais com as doutrinas; o que fez com que alguns estudos de religião no Brasil passassem a tratar das relações propriamente oferecidas por este contexto com o uso de termos como “ofertas de serviços”, “concorrência”, “mercado religioso”, amparando-se em metáforas emprestadas das relações econômicas (Pierucci 1996; Pierucci e Prandi, 1996).

Tendo em vista esta mudança e mobilidade de práticas, a “conversão” deixou de ser considerada uma categoria de análise preponderante (Montero, 1999), já que os vínculos religiosos poderiam ser freqüentemente rompidos conforme as demandas fossem satisfeitas e restabelecidos quando outras tornassem a aparecer. Por esse motivo, os dados sócio-demográficos dos últimos 20 anos destacaram, entre a multiplicação de alternativas religiosas, os evangélicos como o grupo que estaria apresentando uma grande expansão e fragmentação ao mesmo tempo. Isto porque para ampliarem seus serviços, e crescerem em número de fiéis, estas religiões seriam obrigadas a levar em conta as diferentes necessidades dos adeptos ajustando seus preceitos conforme estas necessidades. E é este ajuste que as tornaria flexíveis a uma regulamentação da vida prática que, por sua vez, as transformaria em “religiões de passagem” e não em religiões “fechadas”.

Ocorre que as Testemunhas de Jeová constituem um grupo que, se por um lado representa uma alternativa religiosa dentro deste campo, por outro lado, caracteriza uma comunidade circunscrita por uma relação rígida com a instituição, não permitindo ao adepto um convívio aberto com outras práticas religiosas. Partindo então dessas análises do contexto religioso brasileiro, as Testemunhas de Jeová apareceriam francamente desfocadas, tornando o

estudo do grupo em princípio interessante unicamente a partir de suas características excludentes ou associadas a outros grupos considerados também apartados dessa dinâmica, reforçando um ar de exotismo ou excentricidade que apenas realçaria sua condição marginal dentro do campo religioso.

Entretanto, a meu ver, era justamente o fato de as Testemunhas de Jeová parecerem apartadas desse contexto que poderia suscitar reflexões importantes. Afinal, como este grupo religioso sustenta as necessidades particulares de seus adeptos num projeto comum, num contexto de intenso movimento de doutrinas? Se, como atesta o Censo do IBGE de 2000, haveria cerca de 1.105.000 Testemunhas de Jeová no país⁶, como o compromisso religioso com uma prática rígida, que impossibilita o indivíduo de aderir simultaneamente a outras práticas religiosas, seria regulado?

Outro aspecto importante deste contexto religioso, portanto, como destaca Bourdieu, seria a concorrência neste campo não apenas entre denominações religiosas, mas entre outros possíveis agentes, como psicólogos, psicanalistas, médicos, sexólogos, professores das mais variadas áreas. Assim, haveria ainda um conjunto mais amplo de agentes, onde “Todos fazem parte de um novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução da vida privada e a orientação da visão de mundo, e todos colocam em prática na sua ação definições correntes, antagônicas, da saúde, do tratamento, da cura dos corpos e das almas” (Bourdieu, 1990, p. 121).

É o caso do “circuito neo-esotérico”, que segundo Magnani abrange “o universo de crenças e práticas conhecidas como esotéricas, alternativas, místico-esotéricas, da Nova Era, do Movimento do Potencial Humano etc.” (Magnani, 2006, p.161). A relevância desse tipo de experiência aponta sem dúvidas para o alargamento do campo religioso tal qual se refere Bourdieu (1990).

Um ponto instigante dos adeptos deste “circuito”, então caracterizado pela conjunção de tipos de conhecimento abrangentes, consistindo não apenas

⁶ Há uma dissonância entre os dados fornecidos pelas Testemunhas de Jeová e os dados fornecidos pelo Censo de 2000. Uma tentativa em compreender parte deste desequilíbrio seria considerar o fato de os dados das Testemunhas de Jeová distinguirem seus membros “ativos”, no caso os *publicadores*, daqueles que não estão desassociados, mas não participam regularmente das atividades em congregação, em especial a pregação nas ruas, os chamados “inativos”. Assim, o Censo de 2000 poderia abarcar esses membros.

na crença, mas em um “estilo de vida”, é que, nos dados sócio-demográficos da população brasileira, no Censo do IBGE de 2000, estes praticantes se classificam como “sem religião” (Camurça, 2006). Isso acontece, sobretudo, porque a lógica que fundamenta o pensamento neo-esotérico se ampara essencialmente no discurso da ciência contemporânea, do autoconhecimento e aperfeiçoamento individual (Magnani, 2006), o que também torna essas práticas freqüentemente associadas às camadas mais altas da sociedade.

Nesse caso, é interessante destacar que as publicações das Testemunhas de Jeová ilustram também pontos convergentes dessa transformação.

Assim, pude notar que as revistas e folhetos distribuídos durante a pregação traziam títulos que poderiam ser divididos segundo alguns temas específicos. Por exemplo, enquanto matérias do tipo: “O que é o Armagedom?”, “A vinda de Cristo – como afetará você?”, “O que o Pai-Nosso significa para você?”, “Você tem um espírito imortal?”, “Quem é Jeová?”, “A morte é realmente o fim de tudo?”, “Você deve ter medo do inferno?”, abordavam questões teológicas centrais ao grupo; outras, como “O problema dos sem-teto acabará um dia?”, “Quando virá a próxima epidemia global?”, “Desastres naturais estão piorando?”, “Estamos vivendo nos últimos dias?”, “Um Mundo unido é possível?”, “Devemos ter medo do futuro?”, relacionavam explicitamente questões políticas, socioeconômicas, ambientais como elementos decisivos à composição de um cenário catastrófico do Mundo que consideravam estar acabando.

Além desses temas, outros poderiam ser agrupados como questões de ordem mais prática, relacionando os preceitos religiosos à condução da vida privada: “Mães adolescentes - calamidade mundial”, “O divórcio é a solução?”, “Como enfrentar os desafios da juventude”, “Seu filho e a internet”, “Você conhece bem os seus filhos?”, “Como construir um casamento feliz?”, “Homem e Mulher – um papel digno para cada um”.

Porém, encontrei igualmente temáticas de caráter um pouco mais genérico, e que poderiam ser encontradas em revistas diversas sobre saúde e comportamento, entre elas: “Como se proteger do câncer de pele?”, “Obesidade - qual é a solução”, “Você se exercita o suficiente?”, “Tecnologia – benéfica ou prejudicial?”, “Conheça melhor a menopausa”, “Preconceito e

discriminação – por que existem e como vencê-los?”, “Ajuda para os que sofrem de depressão”, “Como enfrentar o desafio da terceira idade?”, “Você está trabalhando demais?”, “Alívio do estresse”, “Distúrbios alimentares – o que pode ser feito?”. Estes temas representam um tipo de apropriação do discurso sobre os corpos da qual fala Bourdieu, da indefinição das fronteiras entre o discurso científico e o religioso, que acaba impondo lutas sobre os discursos, sobre a manipulação simbólica e a imposição de formas de pensar e viver, transferindo a crença na doutrina para a Instituição que a representa.

E desse modo, percebi que as Testemunhas de Jeová não estavam apartadas dessas transformações pelas quais têm passado o campo religioso no mundo contemporâneo, ao contrário, mantinham relações diretas com estas mudanças demonstrando espaços de diálogo e dissonâncias que incorriam numa mobilidade necessária à recomposição regular de suas crenças e práticas.

Assim, a questão central desta pesquisa fundamenta-se na tentativa de analisar as formas através das quais as Testemunhas de Jeová se mantêm coesas numa comunidade aparentemente tão restritiva, num contexto em que doutrinas e práticas religiosas têm se tornado tão flexíveis. E, assim, torná-las um grupo estratégico para ampliar as condições de se pensar o campo religioso brasileiro e outras alternativas possíveis de as religiões se posicionarem em relação a esse contexto de ofertas religiosas.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho é resultado, sobretudo, de uma intensa pesquisa de campo realizada entre os anos de 2007 e 2009⁷.

Assim, as fontes desta pesquisa estão organizadas a partir do conjunto de materiais disponibilizados pela instituição, como livros, revistas e DVDs; e do conjunto de dados correspondentes à minha observação participante em congregações, assembléias e outros eventos, bem como aos depoimentos coletados em entrevistas formais e informais.

Além disso, procurei relacionar minha análise às análises encontradas a respeito do grupo, sendo a principal entre elas o trabalho etnográfico de Andrew Holden (2002) sobre as Testemunhas de Jeová na Grã-Bretanha, intitulado “*Jehovah’s Witnesses: portrait of a contemporary religious movement*”.

Há, nesse sentido, três domínios por onde se formula e se transfere as crenças que conjugam a prática religiosa das Testemunhas de Jeová: a Instituição, enquanto espaço social de significativo poder simbólico, compondo a Sede Brasileira e as congregações; as publicações, enquanto capital simbólico responsável pela transmissão da crença; e a vida comunitária, enquanto processo de conformação da crença. Neste trabalho, procurei conjugar estes três domínios, considerando suas nuances conforme as questões abordadas.

Assim, em relação à dimensão institucional, minha pesquisa de campo se ateve à Betel e à observação participante regular em dois “Salões do Reino”⁸, um na cidade São Paulo e outro na cidade de Boituva, além da participação em algumas assembléias e eventos que ocorreram durante o período da pesquisa.

Em Betel, meus objetivos principais foram compreender a importância da sede brasileira na composição das publicações, bem como a forma de vida e trabalho de seus moradores e também o peso que esta instituição exerce sobre

⁷ Acredito que, por se tratar de um grupo religioso que está fora do foco dos estudos de religião no Brasil, de um modo geral, as questões deveriam ser tratadas essencialmente a partir da análise etnográfica, por esse motivo não me ative a dados socioeconômicos já que não encontrei um meio através do qual estes poderiam me ajudar em minha análise especificamente.

⁸ Nome dado aos espaços onde se reúnem as congregações.

a conformação da crença para aqueles que se encontram fora de sua delimitação. Também foi importante reparar nas formas possíveis de hierarquia dentro da sede. Já a observação participante nos Salões se deve à importância em compreender a dinâmica interna da congregação, ou seja, os tipos de reuniões e de sociabilidade compartilhada, e seu papel nos processos de consolidação do grupo. O mesmo foi o motivo de minha presença nos eventos como assembléias, congressos e na “Comemoração da Morte de Cristo”, evento realizado todo ano, e que ocorre geralmente entre os meses de Março e Abril.

Em relação às publicações, considerando sua importância essencial para a experiência religiosa das Testemunhas, foi indispensável fazer uma análise desse material disponível para compreender a forma como esse repertório cultural é apreendido, divulgado e amplamente utilizado não só nas reuniões e pregações, mas no cotidiano da vida social.

Finalmente, busquei apreender a vida comunitária, constituída principalmente pelas reuniões (baseadas nas leituras sistemáticas de algumas publicações) e pelo trabalho de pregação, entre outras atividades menos regulares, tecendo relações possíveis entre a sociabilidade verificada na dinâmica congregacional e os depoimentos de algumas Testemunhas de Jeová coletados em entrevistas – tomando o devido cuidado de considerar trajetórias de pessoas em diferentes situações dentro da congregação, seja no sentido familiar (aquele que tem parentes que são Testemunhas de Jeová, aquele que é a única Testemunha na família, aquele que tem parente “desassociado”⁹, etc.), seja no sentido hierárquico (verificado em relação à dedicação à atividade de pregação).

Toda a prática religiosa, como veremos, é sistematizada no sentido de as Testemunhas irem para as ruas pregar, fazendo com que boa parte dessa experiência não esteja alocada entre muros de uma igreja apenas, mas dependa essencialmente das relações compartilhadas com aqueles a quem pregam e que corresponde mais a um exercício de verificação de sua

⁹ “Desassociação” é o termo utilizado para o desligamento de uma Testemunha da congregação. Falarei melhor sobre esta prática no decorrer do trabalho.

“verdade” frente às demais religiões do que a uma atividade meramente proselitista como pode parecer mais evidente num primeiro momento.

Para fazer essa análise, tomo a atividade de pregação em duas vias: a coletiva – considerando as atividades em congregação voltadas ao preparo para a pregação, levando em conta não apenas o conteúdo textual aprendido, baseado em uma interpretação bíblica particular, mas também o conteúdo performático, de entonação de voz, postura, vestimenta, etc., apreendido nas reuniões semanais; e a ação individual – observada a partir das entrevistas.

Organização dos Capítulos

Organizei este trabalho em quatro capítulos.

No capítulo 1 – *O Processo Histórico em Perspectiva* – procuro remontar historiograficamente o processo pelo qual passaram as Testemunhas de Jeová, desde sua formação, em 1870 como *Estudantes da Bíblia*, aos dias atuais. E para dar ênfase às mudanças que este grupo enfrentou no decorrer destes 140 anos, dividi a análise em três períodos estratégicos.

O período que começa em 1870, com a presença austera do pastor Russell, fundador do grupo de *Estudantes*, responsável pela instituição das principais crenças do grupo e pela postura polêmica cercada de previsões para a “Segunda Vinda de Cristo” e o “Armagedom”, anunciadas em periódicos e distribuídas publicamente; e segue até 1916, no ano da morte de Russell.

O segundo momento, portanto, que vai de 1917 a 1970, trata da manutenção do grupo a partir da criação de práticas baseadas em interdições diversas, como a comemoração das festas consideradas pagãs e a restrição ao sangue. Outros aspectos importantes do período são a adoção do nome “Testemunhas de Jeová”; a adoção da atividade de pregação de porta em porta como prática oficial; a intensificação da publicação e distribuição das revistas, em diferentes idiomas; a construção de uma versão própria da tradução bíblica; e a expansão do grupo para diversos países através da fundação de Filiais.

Enfim, o terceiro momento, que trata dos anos 1970 aos dias atuais, enfatiza as mudanças ocorridas na administração da Sociedade e que resultaram na composição de uma estrutura hierárquica centralizada num “Corpo Governante”, e não mais na figura de um presidente, e que foi fundamental para a coesão comunitária e para a administração das atividades em outros países, impedindo um enfraquecimento da autoridade da Sede Mundial localizada nos Estados Unidos.

A partir dessa reconstrução histórica processual, busquei relativizar conceitos comumente utilizados para definir as Testemunhas de Jeová, como fundamentalismo, milenarismo, rigorismo, mostrando o modo como suas características foram mudando ao longo das décadas, e como essa mobilidade de práticas foi fundamental à adaptação da Sociedade às transformações pelas quais passou não apenas o mundo social, considerando os desdobramentos

políticos e econômicos mundiais do período, mas também as transformações do campo religioso em geral; e à sua manutenção no cenário religioso contemporâneo.

No capítulo 2 – *A Representação da Sociedade no Brasil* – trato da chegada das Testemunhas de Jeová no país, em 1920, e de sua trajetória até a formação da Sede Brasileira, Betel, na cidade de Cesário Lange, atualmente responsável pela impressão de publicações para toda a América do Sul; mostrando como as atividades realizadas no espaço público brasileiro até os anos 1960, considerando as situações políticas enfrentadas pelo país, incorreu em contínuas proscricções das atividades, até a década de 1970, quando a Sociedade finalmente foi devidamente legalizada, e se expandiu.

Nesse contexto, aponto para a substituição de um comportamento belicoso nos espaços públicos por uma imagem contida e pacífica verificada durante as pregações nas ruas principalmente a partir dos anos 1980. Desse modo, acompanhamos a alternância entre uma postura rígida e uma postura mais branda, ou seja, a mobilidade das práticas, onde Betel torna-se o espaço material e simbólico fundamental para o assentamento social do grupo no país.

No capítulo 3 – *Testemunha e Protagonista: disposição para uma ética da ação individual* – priorizo a experiência religiosa especificamente, tratando-a como um ciclo contínuo dependente da atividade de pregação. Assim, me ateno a uma dinâmica centralizada na relação entre “instrutor” e “estudante”, presente no estudo bíblico, até a conversão, selada com o batismo por imersão diante da comunidade, construindo o processo através do qual um leigo se torna uma Testemunha de Jeová apta a pregar nas ruas, de porta em porta, processo que transforma finalmente o “estudante” em “instrutor”.

Nesta análise, busco demonstrar a forma como um conjunto de práticas que se estabelece nessa experiência religiosa, principalmente no trabalho de pregação, possibilita à crença sua conformação e assentamento no plano social de um modo peculiar. Há, nesse sentido, uma dimensão performativa apreendida no conjunto de atividades coletivas, caracterizadas pelas reuniões semanais, que são encaradas como parte de uma formação para a prática religiosa, cujo objetivo é conduzir a uma reflexão individual que torna a crença, não só na doutrina, mas na Instituição, passível de verificação e reafirmação cotidiana, sobretudo durante a pregação nas ruas. Desse modo, a dimensão

proselitista, missionária, da pregação é ofuscada por uma dimensão reflexiva que cria um espaço no mundo social para que cada Testemunha sinta-se protagonista de sua fé frente às demais alternativas religiosas.

É esse exercício cotidiano, apoiado numa ética de ação individual, que promove uma congruência particular entre doutrina e prática e ao mesmo tempo regula uma forte coesão comunitária, fazendo da pregação a alma da sociabilidade entre as Testemunhas de Jeová.

Desse modo, argumento que o sentido desta experiência religiosa e, portanto, das relações dos adeptos com sua crença e prática, não só referenda uma adequação entre uma moralidade internalizada e a experiência social, mas também localiza as Testemunhas de Jeová na dinâmica do campo religioso brasileiro de uma forma bastante particular.

Parece-me assim que, diferentemente das estratégias correntes entre as religiões de maior crescimento no país (Almeida 1996a, 1996b, 2001, 2004; Mariano 1996; Montero 1999, 2006; Pierucci e Prandi, 1996, Teixeira e Menezes 2006; entre outros), as Testemunhas de Jeová se utilizam do espaço social, no caso as ruas, numa dupla chave, onde a mesma atividade que realizam com o intuito de angariar adeptos, provoca o adensamento da experiência pessoal com a crença que divulgam, ao entrarem em contato com pessoas de diversas religiões, tornando a prática da pregação uma experiência fundamental não só para uma divulgação doutrinária (ação missionária ou proselitista), mas, sobretudo, para uma autogestão espiritual.

Enfim, no capítulo 4 – *Sociabilidade na Cena Pública: (Re)Inventando a Cidade* – utilizo duas “situações sociais”, provenientes de minha pesquisa de campo, relacionadas a uma alternativa à prática de pregação padrão, que tem se tornado usual em regiões de segregação espacial onde não é possível acessar diretamente os moradores a partir das ruas, a pregação por cartas e por telefone. Este recurso, embora não padronizado pela Sociedade, tem se tornado cada vez mais comum em regiões de prédios e condomínios fechados.

Por isso, partindo de uma situação social ocorrida na cidade de Boituva, onde a Testemunha de Jeová Simone iniciou um sistema de pregação por carta no condomínio fechado em que mora; e, uma situação social na cidade de São Paulo, onde pude verificar de perto o modo como a pregação por

telefone é organizada, tomando como cenário os bairros Vila Invernada e Jardim Anália Franco na zona leste da cidade; pude problematizar não só os modos de sociabilidade e a apreensão dos espaços públicos, evidenciando a questão da segregação espacial, mas também, o modo como as práticas de pregação por carta e telefone criam arranjos, reinventando os próprios espaços.

Tendo isso em vista, tentei mostrar como as alternativas de pregação das Testemunhas, embora parecessem definidas por contextos em que a cidade, aparentemente, lhes impunha restrições segundo sua configuração sócio-espacial e, portanto, política, socialmente marcada, revelavam uma experiência intensa com a cidade e de interação com seus habitantes, ao reconfigurarem estes espaços conforme suas necessidades.

Ora, essa ação alternativa a uma prática padronizada mundialmente demonstra claramente um espaço de mobilidade das práticas das Testemunhas de Jeová necessário à proteção e conservação do seu lugar e de suas formas de atuação no campo religioso.

Assim, quando retornamos à pergunta central de minha pesquisa – O que torna um grupo religioso coeso a partir de práticas aparentemente restritivas num contexto em que doutrinas e práticas religiosas têm se tornado tão flexíveis, negociáveis? – posso perceber a importância do trabalho etnográfico que, se foi o responsável por minhas primeiras inquietações em relação ao grupo estudado, foi também a principal forma de compreender e problematizar as Testemunhas de Jeová no campo religioso brasileiro, bem como os conceitos-chave comumente utilizados para defini-las. Pois é justamente a capacidade de conviverem, a seu modo, neste contexto religioso dinâmico, reinventando suas práticas quando necessário, ou seja, permitindo uma mobilidade, de forma a manterem e defenderem suas crenças, sentindo que não estão mudando enquanto mudam, que permite que as Testemunhas de Jeová se mantenham coesas apesar de suas práticas restritivas.

1. O PROCESSO HISTÓRICO EM PERSPECTIVA

Se o problema se coloca com uma acuidade particular no caso da religião, é porque o campo religioso é, como todos os campos, um universo de crença, mas no qual o assunto é a crença. A crença que a instituição organiza (crença em Deus, no dogma, etc.) tende a mascarar a crença na instituição, o *obsequium*, e todos os interesses ligados à reprodução da instituição (Bourdieu, 1990, p.109).

A segunda metade do século XIX favoreceu embates, sobretudo teológicos, entre visões liberais e conservadoras do protestantismo, nos Estados Unidos e na Europa, que culminaram na insurgência de movimentos de caráter militante e expansionista, autodenominados fundamentalistas por defenderem um conjunto definido de princípios, entre eles, o milenarismo (crença no Retorno de Cristo e no Milênio) e a inerrância bíblica.

Esse processo estimulou o desenvolvimento de diversos movimentos como o revivalismo, o evangelicalismo, o criacionismo, o pentecostalismo, que abrangeram vertentes protestantes como a batista, a adventista, a presbiteriana, entre outras (Mendonça, 2002). Assim, o século XX representou um importante cenário para as mais variadas transformações religiosas, ocorridas à luz das mudanças políticas, econômicas e culturais.

As Testemunhas de Jeová se formam neste contexto, nos Estados Unidos, em 1870, a partir de influências desse protestantismo conservador americano em ebulição, especialmente da vertente Adventista; e, se expandem, durante o século XX, principalmente devido ao caráter escatológico, acentuadamente alarmista, presente em sua doutrina propagada na atividade missionária.

Embora a literatura acadêmica a respeito das Testemunhas de Jeová seja ainda escassa, é possível chamar atenção para uma tendência presente na forma de descrevê-las, tanto nos estudos comparativos com outros grupos religiosos quanto em estudos mais específicos.

Holden (2002), sociólogo inglês, faz uma análise etnográfica das Testemunhas de Jeová na Grã-Bretanha, e se utiliza da expressão "*ascetic*

millenarian community”, mas também as caracteriza como “*a well-known community of people whose doctrines defy convention*” (p. XI).

Gomes (2006) faz uma análise antropológica das relações entre *ethos* privado e experiência religiosa no Brasil, e as classifica como uma religião “sensivelmente orientada para o fundamentalismo e com enorme ênfase no controle sobre as ações de seus membros e a conseqüente limitação de suas fronteiras ético-religiosas” (p. 203).

Castro (2007), historiador que em sua dissertação de mestrado se atém a uma análise das Testemunhas no Estado de São Paulo entre os anos 1930 e 1954, as define como uma “exótica organização (...) com características de seita” (p.10) e “princípios bíblicos fundamentalistas” (p. 161).

Silva (2007), que se impõe a partir de um ponto de vista religioso, as descreve como um “sistema de crenças e práticas distintivo (...) de teologia peculiar” (p. 151) e as situa, entre as denominações de origem protestante, como um “ramo protestante misterioso” (p.153).

Embora os quatro trabalhos pertençam a linhas de pesquisa de áreas diferenciadas, a saber, Sociologia, Antropologia, História e Ciências da Religião, respectivamente, e situem o grupo em contextos específicos, todos apresentam uma variedade de termos conceituais amparados em expressões descritivas de consistência vaga que no fim das contas tem tornado as Testemunhas de Jeová um emaranhado de coisas. O que significa dizer que os conceitos utilizados para circunscrevê-las aparecem de modo cambaleante, acentuando uma indeterminação em vez de suavizá-la.

Pode parecer, num primeiro momento, que esta amplitude conceitual incorra em falta de consenso. Não necessariamente. De fato, a doutrina das Testemunhas de Jeová não só contém influências de denominações protestantes milenaristas, como apresentam concepções creacionistas. Além disso, suas práticas mais conhecidas como a isenção política, a não prestação de serviços às forças armadas e a recusa na transfusão de sangue apresentam um considerável grau de exotismo que reforça uma imagem polêmica e sectária. Dessa forma, as Testemunhas de Jeová são facilmente ajustáveis a diversos aspectos das doutrinas fundamentalistas¹⁰.

¹⁰ Vale considerar que o termo fundamentalismo tem sido utilizado comumente, em tom pejorativo, para definir outros movimentos com características semelhantes que eclodiram em

No texto *“Fundamentals of Fundamentalism”* (1992), Martin Marty¹¹, faz uma relação de 11 princípios básicos relativamente concernentes a todos os grupos religiosos classificados como fundamentalistas. A idéia em questão seria construir um espaço para aproximações comparativas (*“comparative approaches”*) que elucidem aspectos importantes destes movimentos que hoje são reconhecidos em diversas religiões em todo o mundo, ainda que o autor destaque a importância de realçar a singularidade de cada fenômeno em particular.

Por um lado, o autor consegue traçar um panorama bastante interessante que ora se concilia e ora diverge de um conjunto de denominações reconhecidamente (por vontade própria ou não) fundamentalistas. O recurso comparativo, ou mesmo aproximativo, não é uma forma de reducionismo, mas um modo de encontrar padrões de comportamento em grupos aparentemente distintos, se não em conteúdo, em perspectiva (um exemplo é a autonomia de algumas denominações em relação à tradução bíblica).

Por outro lado, boa parte dos princípios que Marty atribui aos grupos fundamentalistas pode muito bem pertencer a qualquer outra denominação religiosa, como o fato destes grupos se originarem de “culturas tradicionais” e manterem uma posição conservadora; ou o fato de assumirem uma atitude agressiva em relação tanto a outros grupos religiosos quanto à sociedade secular e, portanto, causarem escândalo; ou o fato de sistematizarem padrões de comportamento (*“patterns behavior”*) e privilegiarem relações de parentesco dentro da comunidade; ou mesmo o fato de medirem suas atitudes em função de um futuro almejado (*“Golden Age or Paradise”, “The Second Coming of Jesus”*). Ou seja, há momentos em que se tem a impressão de que pelo desejo de falar de todos Marty não fala de ninguém. O fato de o autor abrir espaço para a diversidade dá à relação de princípios, ou fundamentos, como diz Marty,

contextos culturais diferenciados, a partir de denominações religiosas também distintas, como é o caso de algumas correntes islâmicas, que também representaram um movimento de revitalização religiosa, embora estejam mais associadas aos países e imigrantes islâmicos, aos quais têm difundido um repertório religioso vinculado a questões marcadamente políticas (Marty, 1992).

¹¹ Marty foi um dos editores de “Fundamentalism Project”, uma obra com 5 volumes dedicados a uma análise minuciosa dos diversos fundamentalismos religiosos e da conformação de suas práticas em diferentes setores da sociedade, como educação, família e política, publicada nos anos 1990.

fazendo um jogo de palavras com o próprio termo fundamentalismo, um caráter bastante amplo e, por esse motivo, indefinido.

Evidentemente que aproximações comparativas entre grupos específicos devem resultar em apreensões mais satisfatórias, mas não há como dar conta de um processo sem considerar as distinções (peculiaridades) e contrastes que tornam a religião um campo de disputas por bens simbólicos dentro de contextos específicos.

Desse modo, os enquadramentos mantidos em analogias com outros grupos religiosos, a partir de concepções milenaristas, fundamentalistas, sectárias, se servem para demarcar um conjunto possível de crenças, deixam aparente uma lacuna analítica a respeito da organização das Testemunhas de Jeová como um todo, mantendo uma aura de mistério sobre o grupo e, ao mesmo tempo, ofuscando sua posição no campo religioso.

Assim, neste primeiro capítulo, buscarei realizar uma análise processual do desenvolvimento da Sociedade Torre de Vigia a partir do modo como suas crenças e práticas foram sendo construídas e costuradas a um corpo institucional dinâmico que, mesmo dotado de um passado controverso, assegura uma comunidade fortemente vinculada, ainda que freqüentemente hostilizada na cena pública; e, desse modo, elucidar suas características mais marcantes neste contexto dinâmico.

Para tanto, considerando o período que vai desde a formação do grupo dos Estudantes da Bíblia em 1870 aos dias atuais, compus, ao meu modo, três períodos que considero estratégicos para pensar a forma como esta instituição religiosa se organizou e expandiu suas atividades. O primeiro período, de 1870 a 1916, trata do projeto de construção de uma teologia particular amparada na interpretação bíblica. Neste projeto, ganha destaque a figura do pastor Russell, seu fundador, e suas previsões para a Segunda Vinda de Cristo, alardeadas em panfletos distribuídos pelas ruas. O período seguinte, de 1917 a 1970, é marcado pela criação de práticas religiosas distintivas e pela intensificação de uma atividade expansionista de grande porte. Enfim, o período que vai de 1971 à atualidade trata da administração das atividades em escala mundial através de uma composição hierárquica consolidada na crença em um governo “teocrático”, cujos membros são diluídos na figura mística de um Corpo Governante, fundamental à identidade comunitária.

1.1 Construindo uma Doutrina - 1870 a 1916

No ano de 1870, um americano chamado Charles Taze Russell, filho de presbiterianos, formou em Pittsburgh (Pensilvânia) um pequeno grupo de conhecidos para a leitura sistemática dos textos bíblicos. Influenciado por doutrinas protestantes, e com o objetivo de construir uma interpretação que considerasse verdadeira da Bíblia, Russell e seus seguidores se autodenominaram “Estudantes da Bíblia”.

Para sustentar suas atividades, em 1879, o grupo inaugurou a “*Zion’s Watch Tower and Herald of Christ’s Presence*”¹² (A Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo), uma revista editada por Russell, vendida por assinatura, a partir da qual começaram lentamente a construir um conjunto de interpretações e refutações de conceitos e práticas cristãs¹³.

Partindo de questões conceituais advindas de diferentes denominações religiosas, estes Estudantes começaram a divulgar suas descobertas em panfletos e periódicos e, rapidamente, se aventuraram na interpretação das profecias bíblicas segundo sua cronologia, amparados na autoridade de Russell. Apoiados na crença no Pecado Original, descrito em Gênesis, os Estudantes consideravam que, uma vez expulso do Paraíso, o homem estaria condenado a buscar o perdão divino e o merecimento do retorno à terra sem males, que viria num tempo determinado com a Segunda Vinda de Cristo.

Até aqui, não há grandes questões que distingam a visão deste grupo de outras denominações cristãs, principalmente as de origem protestante. Passado à condição de mortal, o homem teria que submeter-se à autoridade divina para que fosse possível alcançar novamente a imortalidade terrena. Haveria, no entanto, um tempo definido circunscrito pelo cumprimento de Profecias, descritas principalmente nos livros de Daniel e

¹² Esta revista, que recebeu diversas modificações no seu título ao longo de décadas - “*The Watch Tower and Herald of Christ’s Presence*” (A Torre de Vigia e Arauto da Presença de Cristo) em 1909, “*The Watch Tower and Herald of Christ’s Kingdom*” (A Torre de Vigia e Arauto do Reino de Cristo) em 1939 e, finalmente, “*The Watchtower Announcing Jehovah’s Kingdom*” (A Sentinela Anunciando o Reino de Jeová) ainda no mesmo ano, nome pelo qual é conhecida atualmente - foi, até os anos 1920, uma revista de circulação limitada, dedicada exclusivamente aos “Estudantes da Bíblia”. Até os anos 1970 esta revista foi vendida por assinatura, sendo que somente após esse período passou a ser oferecida por donativos.

¹³ Os principais conceitos refutados eram o da Imortalidade da Alma, o da Trindade, a existência do Inferno e o Batismo Católico.

Apocalipse/Revelações. E é na interpretação dessas Profecias que está grande parte das polêmicas suscitadas pelos *Estudantes* na época. Ao homem, logo, restaria a importante tarefa de dar testemunho da autoridade de Deus e auxiliar a humanidade a cumprir Suas Leis.

De forma resumida, segundo a interpretação dos *Estudantes*, o homem ficaria incumbido espalhar ao mundo as “Leis de Deus” até “os quatro cantos da Terra” para o fim do “governo” humano. Então, Deus devastaria o mundo com pestes, calamidades, destruindo um quarto (1/4) da humanidade. Esse período é conhecido como Armagedom. Depois disso, Satanás seria aprisionado por mil anos para que os homens pudessem viver na Terra sem suas influências. O termo “milénaristas” é utilizado para caracterizar os grupos religiosos que crêem nesses mil anos de paz. Após esses mil anos, no entanto, Satanás seria liberto novamente para um segundo teste de obediência, e este seria o teste definitivo, onde aqueles que se mantivessem obedientes seriam finalmente perdoados e admitidos para a vida eterna, e aqueles que incorressem em desobediência simplesmente deixariam de existir. São essas crenças, ancoradas na expectativa de vida eterna num mundo governado unicamente por Deus, que as Testemunhas chamam de “Boas Novas”.

Assim, em 1884, foi registrada a *Zion's Watch Tower Tract Society*¹⁴ (Sociedade Torre de Vigia de Tratados de Sião), uma associação jurídica sem fins lucrativos da qual Russell era o presidente, seguido de uma diretoria composta por seis membros.

Não tardou para que o grupo começasse angariar seguidores, formando grupos em outras cidades da Pensilvânia e, posteriormente, outros Estados como Nova Jérsei, Massachussets, Nova York, Ohio e Michigan, que tão logo Russell passou a visitar para formar “classes”, que depois vieram a ser conhecidas como congregações, onde os filiados¹⁵ poderiam se reunir regularmente para o estudo das revistas, dirigido por um membro eleito.

¹⁴ Como em outras instâncias, em 1896 o nome dessa associação foi modificado para *Watch Tower Bible and Tract Society* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados); e, em 1955, para *Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Pensilvânia), como é conhecida atualmente a principal associação jurídica das Testemunhas de Jeová.

¹⁵ Pouco se fala a respeito dos recursos financeiros utilizados para o desenvolvimento da *Organização*. Além das contribuições dos adeptos e possíveis doações de outros tipos de instituições, há menção de alguns associados que teriam oferecido todos seus recursos para a “obra” a que se dedicavam. Russell foi um deles.

Não se contentando, contudo, com a distribuição de panfletos, Russell aos poucos começou um processo de divulgação de suas mensagens por telégrafos e jornais, e publicação de volumes de livros de conteúdo teológico para alcançar outros países. A essa altura, os membros do grupo Estudantes da Bíblia já eram conhecidos como “russelistas”.

Em 1908, quando a Associação se mudou para um prédio no Brooklyn, no Estado de Nova York, onde até hoje está localizada a Sede Mundial¹⁶, as publicações periódicas já haviam alcançado países da Europa. Na rota de um “movimento imigratório” de religiões protestantes missionaristas, principalmente de origem norte-americana (Mendonça e Velasques Filho, 2002), o grupo começava, então, a assumir características de uma organização religiosa expansionista, destacando o trabalho de pregação como atividade fundamental.

Durante esse período, segundo Holden (2002, p.1), crendo na brevidade do mundo em que viviam, os Estudantes chegaram a anunciar os anos de 1874 e, posteriormente, de 1914, como datas precisas para a “Segunda vinda de Cristo”, atitude que os colocava ora em estado de franco alarde, ora em uma situação de intenso questionamento e crítica por conta das tentativas frustradas de adivinhação.

A Primeira Guerra Mundial, entretanto, foi sem dúvida um marco fundamental para reforçar a crença das Testemunhas de que o mundo estava enfrentando mudanças já previstas por profecias bíblicas, reforçando, portanto, a crença em Russell. E foi tal a importância dessa conjuntura político-econômica mundial que o ano de 1914 acabou sendo determinado pelas Testemunhas como o ano em que Jesus Cristo passaria a reinar, de forma invisível na Terra com a finalidade de preparar o mundo para o Seu governo, o Reino de Deus ou o Novo Mundo (Holden, p.19). Nesse sentido, o século XX representava um mundo em vias de extinção, o que incitava a uma intensificação da pregação em todo e qualquer território ao alcance e à

¹⁶ Esta sede passou a abarcar não apenas escritórios e equipamentos gráficos, mas também alojamentos para os *associados* que se dedicavam à Organização em tempo integral. Quando passaram a construir sedes filiais em outros países, para facilitar o projeto de expansão, tradução e impressão das publicações, estas sedes ganharam o nome de Betel, que significa “Casa de Deus”. Atualmente, há mais de 100 filiais responsáveis pelo trabalho de expansão no mundo todo.

composição de publicações alarmistas traduzidas em todas as línguas possíveis.

Em consequência deste contexto, todas as atividades que estivessem relacionadas a uma tomada de posição política ou nacionalista, como a vinculação a partidos, a saudação a símbolos nacionais e o serviço militar, passaram a ser tidas como proibidas. A justificativa era a de que os Estudantes simplesmente não podiam tomar partido de questões relacionadas aos governos humanos, não somente pelo fato de não acreditarem neles, mas porque se consideravam a serviço e à espera do governo divino. Esse posicionamento, evidentemente, foi motivo de muitos conflitos jurídicos.

Mas, no ano de 1916, quando Charles Russell faleceu, embora toda a interpretação teológica do grupo já estivesse construída e o trabalho religioso já estivesse em considerável expansão, devido ao público que formava, os Estudantes ficaram desorientados. Haviam perdido seu líder.

1.2 Praticando a Distintividade - 1917 a 1970

O fato de Joseph Franklin Rutherford ser nomeado o segundo presidente da Sociedade, em 1917, por voto em Assembléia, sem que fizesse parte da diretoria, representada pela comissão editorial das publicações, despertou conflitos, principalmente quando Rutherford demitiu a diretoria existente, que havia sido instituída por Russell, e nomeou outra pelo voto das congregações. Esta considerável mudança teria resultado em conflitos abertos e cisões (Holden, 2002, p.19), narradas pela própria Sociedade: “Em resultado disso, depois do verão de 1917, diversas congregações dos Estudantes da Bíblia se dividiram em dois grupos – os que eram leais à Sociedade e os que foram presa fácil da fala macia dos opositores” (Watch Tower, 1993, p.68). No entanto, não há mais informações a respeito dessas cisões.

Novamente, em 1919, foi criada outra revista, a *The Golden Age*¹⁷ (Idade de Ouro), cujo objetivo central era difundir a crença na presença de

¹⁷ E, em 1937, “*The Golden Age*” ganhou um novo nome, “*Consolation*” (Consolação). Finalmente, em 1946, “*Consolation*” teve seu nome novamente modificado para “*Awake!*” (Desperta!), como ficou conhecida desde então.

Jesus Cristo e no Novo Mundo que estaria por vir e as práticas recorrentes dessas crenças. O novo presidente começava a ganhar destaque.

Durante as décadas seguintes, a postura alarmista da mensagem religiosa dos Estudantes¹⁸ se manteve. E, entre os anos 1920 e 1930, as datas festivas como Natal e Aniversário passaram a ser vistas como datas pagãs e não podiam mais ser comemoradas. Aqui começaram também os questionamentos acerca do sangue, porém, nesse momento, a interdição era somente alimentar.

Foi nessa época que os Estudantes começaram a difundir sua crença em outros países a partir de um trabalho de expansão efetivo, o que incluía a visitação do presidente e a nomeação de missionários americanos para organizar e manter congregações nesses novos territórios. Isto implicou num intenso trabalho de tradução das publicações para diversos idiomas.

Tal ritmo levou a Sociedade à compra de uma estação de rádio (WBBR), a partir da qual Rutherford passou a apresentar programas e sermões¹⁹. Outro mecanismo importante foi a radiodifusão utilizada nas Assembléias entre países, para que fosse transmitido o discurso do presidente simultaneamente alcançando várias cidades ao mesmo tempo. E, já que, conforme o trabalho desses religiosos aumentava, as restrições policiais e judiciais também cresciam, por conta de acusações como a venda sem licença e perturbação da paz, foi criado um departamento legal na Sede, no Brooklyn, para prestar assistência jurídica aos membros.

Ao mesmo tempo, conforme a necessidade de anunciar o Reino era reafirmada, o nome “Jeová”, como referência ao nome de Deus, passou a ser também destacado. E, em 1931, a Associação decidiu que os Estudantes da Bíblia deviam ser conhecidos como “Testemunhas de Jeová”²⁰ (Watch Tower, 1993, p. 82).

¹⁸ Alguns títulos de artigos, tratados e discursos ilustram bem a situação do período: “Esperança para a humanidade angustiada”, “Anunciai o rei e o Reino”, “Milhões que agora vivem jamais morrerão”, “O nascimento de uma Nação”, “O reino e a esperança do mundo”, “Um novo Nome”.

¹⁹ Não encontrei informações a respeito do porquê do fim do uso da estação de rádio que, ao que tudo indica, ocorreu.

²⁰ Apenas a partir desse período é que são encontrados relatos de batismos por imersão, como são realizados em Igrejas protestantes. Antes disso, porém, não é feita nenhuma menção de ritual de conversão dos Estudantes da Bíblia. Parece tratar-se de uma prática assumida somente dos anos 1930 adiante.

Esse processo também seria marcado por uma grande mudança na organização hierárquica da Sociedade, onde as diferentes nomeações para cargos administrativos não seriam mais pelo voto geral em Assembléias, mas por decisão exclusiva do corpo da diretoria, agora designado “Corpo Governante”. As publicações da Organização descrevem essa alteração como uma mudança de um governo democrático para um governo teocrático, atribuindo a tal “corpo” a autoridade divina (Watch Tower, 1993, p. 218).

Durante as décadas seguintes, que tiveram como pano de fundo acontecimentos políticos em escala mundial, considerando a Segunda Guerra (1939 – 1945) e seus encadeamentos, sempre que emergiam movimentos nacionalistas a “ação” das Testemunhas era restringida, já que sua recusa às obrigações civis (recusa ao serviço militar obrigatório e à saudação a símbolos nacionais) as tornava um alvo fácil de restrições legais e prisões. Além das críticas ferozes à Igreja Católica que freqüentemente resultavam também em prisões e processos judiciais (Castro, 2007).

E quando, em 1942, Rutherford falece, é prontamente substituído por voto, das diretorias das duas entidades jurídicas da época, pelo vice-presidente Nathan H. Knorr, de modo bem menos impactante, provavelmente devido à estrutura da Organização que já se encontrava dinâmica o suficiente assegurando os fiéis de suas atividades.

Como a atividade em outros países parecia crescente, era preciso organizar a administração. Tem início aqui uma fase de criação de diversos cursos de capacitação para o exercício de atividades em diferentes setores, desde a administração de pequenas congregações à administração de filiais. Para isso, foram criadas Escolas, entre elas, a Escola Bíblica de Gileade (1942) para formar missionários, a Escola de Treinamento Ministerial (1943) com o objetivo de treinar homens²¹ para discursarem nas congregações e a assumir responsabilidades administrativas, e a Escola de Membros de Comissão de Filial para aqueles que fossem exercer atividades nas Filiais²².

²¹ Embora as mulheres estejam em companhia dos esposos em todos os cargos, somente homens realizam atividades administrativas de qualquer categoria. À mulher fica relegada a atividade de pregação de porta em porta e a evangelização ou “estudo bíblico”, atividades das quais os homens evidentemente também participam.

²² Ao que consta nas publicações, atualmente, a sede Mundial, em Patterson (NY), contém um complexo de 28 prédios, conhecido como “Centro Educacional da Torre de Vigia”, onde são oferecidos diversos tipos de cursos.

Segundo os registros oficiais, a regra geral para ser aceito nos cursos era o intenso envolvimento com o serviço de pregação, o que dava um tónus bastante democrático, deixando entender que qualquer um que se dedicasse à Sociedade poderia participar. Entretanto, além do mérito “espiritual”, os voluntários dependiam fundamentalmente da indicação do Corpo Governante, que muito obviamente não se estenderia a qualquer membro da comunidade.

A partir dos anos 1950, pós Segunda Guerra Mundial, teve início uma intensa campanha de visitas do presidente Knorr nos países onde havia filiais, com a organização de congressos, nos quais havia, sobretudo, discursos do presidente e batismos, reunindo o maior número de adeptos possível. Os periódicos da época retratam estes eventos com tom otimista, destacando a quantidade de participantes, incentivando os serviços realizados, divulgando a figura de Knorr ainda como central na hierarquia da Sociedade. Neste período, havia mais de 20 filiais administradas por Comissões designadas.

Mesmo num clima político mundial em constante alvoroço, os registros que se seguem descrevem uma instituição que a cada ano arrecadava mais fiéis, e assim mais dinheiro para editar mais publicações e alcançar mais países. Livros eram lançados com o intuito de preparar seus membros para a pregação. As gráficas eram expandidas para as Filiais. E em 1950, a Organização lançaria uma tradução própria da Bíblia, intitulada “Tradução do Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs” em que fariam a substituição do nome “Senhor” por “Jeová”.

Segundo seus dados, em 1955 já havia mais de 500.000 Testemunhas no mundo todo, distribuídas em mais de 77 filiais (Watch Tower, 1993, p. 100 - 101).

E, é a partir dos anos 1960, ao que parece, que a abstenção de sangue enquanto prática alimentar foi reavaliada e conduzida a uma posição mais extremista, a de rejeição até mesmo a procedimentos médicos que implicassem no recebimento de sangue. As justificativas, que remontam aos tempos de Noé, se fundamentam na questão da poluição moral²³. Holden sugere, porém, que o período entre guerras pode ter proporcionado um solo

²³ A idéia de “poluição moral” também está presente nas justificativas utilizadas para a interdição do fumo e a restrição de práticas sexuais (como o sexo antes do casamento e o homossexualismo).

firme para este posicionamento devido às demandas de doação de sangue para os soldados feridos, fato que provavelmente poderia ter sido associado pelas Testemunhas às práticas nacionalistas, fortalecendo a interdição (Holden, p. 28). Outra questão que certamente reforçou a adesão a essa prática por questões morais é a das doenças transmitidas através do sangue, principalmente a AIDS.

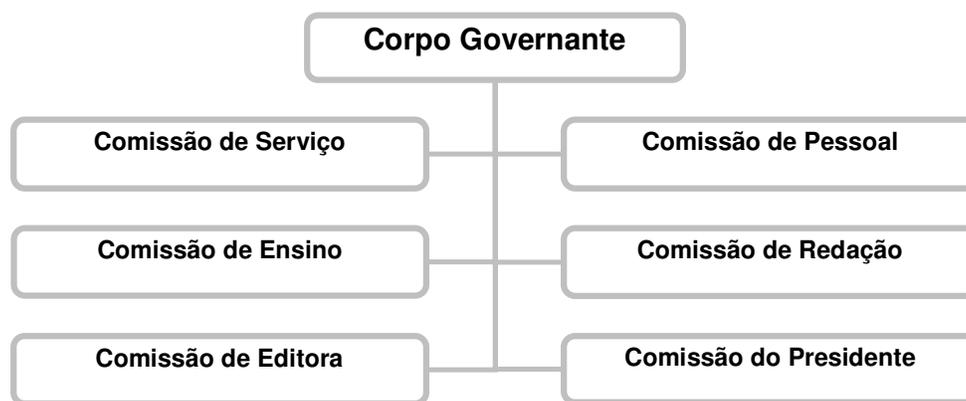
Portanto, esse fundamento adquiriu forças e ficou decidido que desobedecê-lo implicaria na “desassociação”²⁴ da Organização. Evidentemente que esse posicionamento suscitou debates éticos, médicos e, sobretudo, legais em torno do poder de decisão individual e dos riscos assumidos por essa decisão, o que freqüentemente tornava a prática “impraticável” devido às restrições jurídicas. Não bastava criar interdições, era preciso criar condições de mantê-las.

1.3 Estruturando a Hierarquia - 1971 a 2009

A década de 1970 significou um período de grande desafio para a organização administrativa da Sociedade, que se expandia rapidamente. E um conjunto de regras em relação à administração geral, desde as congregações até a Sede Mundial, foi restabelecido, onde para cada setor haveria uma Comissão especialmente treinada em cursos específicos.

Assim, as atividades de supervisão passaram a ser delegadas não mais a um só indivíduo, mas a um corpo de homens, conhecidos como “anciãos” ou “ministros”, preparados especificamente para cada atividade determinada. Começaram a ser estabelecidas graduações segundo as funções exercidas e, em 1976, o Corpo Governante foi estruturado a partir de seis Comissões administrativas compostas por cerca de sete membros cada uma. Essa nova estrutura, como indica a tabela a seguir, serviria não somente para decompor as atividades, mas também para decompor, sobretudo, a organização hierárquica da Instituição.

²⁴ Este termo refere-se ao desligamento de um membro da atividade de pregação e da comunhão com a congregação, o que, no entanto, não o impede de freqüentar as reuniões e ser posteriormente reintegrado. Tratarei melhor disso no capítulo 3.



Para organizar o trabalho internacional haveria agora a Comissão de Serviço. Já a Comissão de Pessoal ficaria responsável pelo recrutamento e designação de membros para atividades específicas. A Comissão de Ensino seria responsável pela construção dos discursos das reuniões e eventos como Assembléias e Congressos. As publicações (revistas, livros, CDs, DVDs, etc.) ficariam aos encargos da Comissão de Redação. E o trabalho gráfico (de impressão, edição e expedição) seria de responsabilidade da Comissão de Editora. Finalmente a Comissão do Presidente, cujo cargo principal agora seria rotativo ano a ano entre sete membros, ficaria responsável por decisões de carácter mais urgente como auxílio aos membros em casos jurídicos (processos administrativos e judiciais) e sociais, (decorrentes, por exemplo, de calamidades naturais).

Do mesmo modo, esse aspecto segmentar do Corpo Governante seria também propriamente ajustado aos demais setores administrativos, que se multiplicaram, deixando aparente um modo estratégico de administrar um grupo religioso em franco crescimento. A tabela seguinte nos ajuda a compreender esta divisão.



Essa tabela nos permite construir a seguinte composição. Cada congregação apresenta um corpo de anciãos responsáveis pela manutenção das atividades cotidianas, como organização dos discursos e reuniões semanais²⁵. Uma vez a cada seis meses, cada congregação recebe a visita de um “Superintendente de Circuito”, responsável pela supervisão das atividades de 20 congregações, que compõem um circuito. O Superintendente de Circuito, por sua vez, supervisiona as atividades de 20 circuitos, que compõem um distrito, e envia relatórios periódicos à Comissão de Filial. Seguindo a mesma lógica, a Comissão de Filial é supervisionada pelos chamados “Superintendentes Zonais”, responsáveis pela supervisão das filiais de vários países, as chamadas “zonas internacionais”, e que enviam finalmente relatórios periódicos ao Corpo Governante.

Assim, Holden descreve essa relação hierárquica:

The chain of posts and the graduation of authority upwards from *Minister* (or *Publisher*) to *Pioneer*, *Special Pioneer*, *Circuit Overseer*, *District Overseer*, *Branch Official* and *Governing Body* suggest a complicated system of command and promotion. Strange as it may seem to outsiders, all positions are viewed as positions of service with no visible or official exaltation of individuals. At every level of the organisation, those in authority oversee those below them, which means that every Witness is under official surveillance (p. 30).

Em consequência disso, essa composição hierárquica dilui a autoridade do Presidente na figura de um “Corpo” de membros. E a eficácia dessa nova

²⁵ É um requisito básico que estes ministros tenham forte participação na atividade de pregação que é atribuída ao número de horas que se faz durante um mês. Em geral, o número mínimo de horas de pregação a que se dedica uma Testemunha de Jeová é de 10 horas mensais. O membro que realiza esse mínimo é chamado de “publicador”. Aquele que participa na pregação durante 50 horas por mês é conhecido como Pioneiro Auxiliar. E o que realiza 70 horas de pregação por mês é chamado de Pioneiro Regular.

estrutura pode ser verificada em 1977, quando o presidente Knorr falece e é prontamente substituído por Frederick W. Franz, segundo as novas diretrizes. Assim, no novo sistema, a cada ano um membro da Comissão do Presidente ocuparia o cargo principal. Essa rotatividade não só supõe uma ausência de um poder autoritário, como destitui a figura física do Presidente da importância de outrora, e graças a esse novo mecanismo, os membros no topo dessa hierarquia, ofuscados enquanto sujeitos, foram paulatinamente substituídos pela idéia de Corpo que, associada à crença num “governo teocrático” da Sociedade, coloca em destaque um componente místico cabal à coesão comunitária.

Vale destacar o papel das publicações nesse ínterim. Os periódicos foram importantes aliados, pois ofereciam um espaço para que essas mudanças estruturais fossem devidamente retratadas e justificadas. Ao mesmo tempo, a partir da década de 1970, as publicações ampliaram seu escopo e passaram a abordar dilemas sociais que ganhavam espaço no cotidiano de homens e mulheres num período de intensa expansão da economia capitalista, sobretudo, na sociedade americana. Há nesse período uma ampliação no trato de questões associadas ao comportamento como sexualidade, divórcio, jovens, influência da mídia, uso de drogas e criminalidade.

Certamente, nesse bojo, ganha espaço o campo científico, principalmente no que se refere à medicina. Dá-se ênfase ao tratamento de doenças. E, no encalço dos avanços médicos, as discussões a respeito do sangue são amplamente reforçadas, sobretudo a respeito de medidas alternativas para cirurgias sem transfusão de sangue. Tal ritmo de proximidade com assuntos médicos culmina, no início dos anos 1980, com a organização da COLIH (Comissão de Ligação com Hospitais para Testemunhas de Jeová), com o objetivo de desenvolver “convênios” com profissionais da área médica que estivessem dispostos à realização de cirurgias a partir de outros recursos que não utilizassem sangue alheio (otimização sanguínea do paciente, redução de hemorragia, recuperação sanguínea, diluição do sangue com agentes

artificiais e o fracionamento do sangue são alguns exemplos de medidas citadas pela literatura da Organização) ²⁶.



Quadro 01: Capas e Temas de Revistas dos Anos 1970



Quadro 02: Capas e Temas de Revistas dos Anos 1980

²⁶ Há muita literatura da Organização a esse respeito, principalmente documentários onde é possível assistir essas alternativas sendo aplicadas e cuja linguagem utilizada é, sobretudo, técnica, científica.

Assim, o vínculo entre instituição religiosa e discurso científico trouxe sem dúvida uma forma de amenizar as polêmicas e entraves legais para a recusa na transfusão, embora não tenha sido possível ainda mensurar em que medida essa Comissão tenha realmente servido à comunidade como um todo, pois não há informações que mostrem de fato que estes hospitais são acessíveis a todas as Testemunhas. Além disso, esta restrição sobre o sangue até hoje tem sido a causa de grandes conflitos jurídicos, representando um fator limitador para o reconhecimento das Testemunhas de Jeová como “religião” em alguns países europeus, o que impede que estas tenham o mesmo reconhecimento e partilhem dos mesmos direitos e concessões públicas que outras denominações religiosas²⁷.

No entanto, ao mesmo tempo em que as alternativas foram surgindo, o posicionamento das Testemunhas foi sendo abrandado, e a questão foi sendo conduzida à esfera da “consciência individual”, o que quer dizer que a aceitação ou não dessas novas práticas médicas já não incorreria em sanções dentro da comunidade, exceto pela transfusão de sangue, ainda terminantemente proibida.

O que é elucidativo nos trinta anos seguintes é a forma como a Instituição amplia seu escopo de assuntos num processo de ajuste às demandas sociais, de modo a preservar a coesão do grupo e suas atividades, dando grande destaque ao campo científico, tanto na quantidade de questões tratadas quanto em diversidade. Aos poucos, um escopo de questões relativas às diferentes áreas de conhecimento passa a ser abordado nas publicações refletindo não só uma mudança na configuração, em especial das revistas, mas o próprio estado do campo religioso do período. Nessa diversificação de assuntos, também ganham espaço aqueles que poderiam ser mais facilmente associados às profecias divulgadas, como as catástrofes naturais recorrentes de mudanças climáticas propiciadas pelo desenvolvimento industrial - como o aquecimento global, a energia nuclear, a poluição – e problemas sociais

²⁷ Giumbelli (2002) trata detidamente da questão da distinção das denominações religiosas em “seitas” e em “religiões” na França, mostrando a dificuldade de minorias religiosas, adeptas de práticas restritivas e polêmicas, em obterem o reconhecimento jurídico de “religião” e, assim partilharem as concessões públicas comuns a esses grupos, como redução de impostos, por exemplo.

provenientes das relações político-econômicas em escala mundial – como a falta de empregos e a violência.



Quadro 03: Capas e Temas de Revistas dos Anos 1990

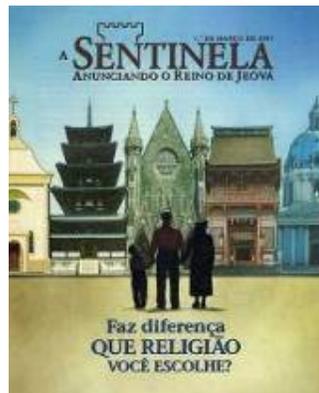


Quadro 04: Capas e Temas de Revistas dos Anos 2000

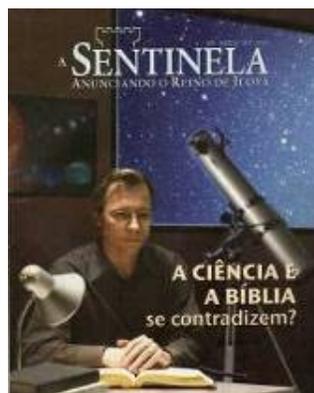
Outro aspecto interessante é a crítica acentuada a denominações religiosas que, se até os anos 1990 era mais incisiva contra a Igreja Católica, nos anos 2000 amplia seu escopo de críticas e se volta também principalmente contra o pentecostalismo, preservando-se, no entanto, em não mencionar instituições específicas, ou seja, tratando com generalidade as denominações pentecostais. E, se de um modo geral os assuntos, ainda que algumas vezes polêmicos, não variam muito entre décadas, a própria instituição enfatiza a regularidade e a repetição como aspectos fundamentais para a prática religiosa.



Quadro 05: Capas sobre o Tema Teologia



Quadro 06: capas sobre o Tema Religiões



Quadro 07: Capas sobre o Tema Ciência



Quadro 08: Capas sobre o Tema Meio Ambiente



Quadro 09: Capas sobre o Tema Saúde



Quadro 10: Capas sobre o Tema Medicina



Quadro 11: Capas sobre o Tema Comportamento



Quadro 12: Capas sobre o Tema Sociedade

1.4 Modificando a Estrutura, Persistindo na Crença

Em princípio, a preocupação do pastor Russell era fundamentalmente teológica. E, se a demanda era por uma visão teológica particular, o uso de publicações servia não apenas para divulgar esse pensamento em construção, mas também para refutar as demais concepções acerca do cristianismo. Por isso, podemos considerar esse período como de uma “batalha teológica”, em que, se a crença no Armagedom trazia a mensagem de que o mundo estava prestes a acabar, era preciso construir um universo de crença em torno dessa evidência.

Em 1916 o mundo não havia acabado, mas a morte de Russell seria um acontecimento fundamental para o desenvolvimento de outras formas de administração que focariam na expansão da doutrina em diferentes países e na formação de filiais. Amparados ainda nas publicações, se a crença parecia fundamentada, as práticas ainda não estava circunscritas. Os Estudantes da Bíblia sabiam em que acreditar, mas ainda não sabiam muito bem como. Assim, esse período foi importante para a construção de práticas distintivas, que culmina finalmente com uma tradução bíblica própria. Ao deixar de comemorar datas festivas, seus seguidores caminharam para uma convivência muito mais dependente da congregação. Ao mesmo tempo, a instituição rompeu barreiras nacionais, construindo sedes em diversos países e fazendo traduções no maior número possível de línguas, solidificando um corpo administrativo com membros propriamente qualificados, modificando estatutos para centralizar poderes.

Observamos, na década de 1940, um processo de configuração de uma estrutura de poder moralmente constituída, ao nomear-se teocrática e que, portanto, torna-se soberana. Nessa nova medida é tirada da diretoria a responsabilidade e autoridade direta sobre a disposição de membros nos cargos, que passa a depender do grau de compromisso nas atividades de pregação e na congregação. Dessa relação, a atividade de pregação torna-se um ponto chave para certa forma de promoção hierárquica das atividades administrativas, tornando essa atividade central à distinção e ao mesmo tempo dando a noção de que a hierarquia é necessária e meramente administrativa, dependendo exclusivamente da vontade do indivíduo.

Os usos estilísticos referentes a uma prática distintiva estão por toda parte, nos “estudos”, nas “escolas”, nos “congressos”, nos “discursos”. E o excesso de publicações impressas regularmente, o esforço em manter todas elas traduzidas e a rotina de leituras fornecem uma certeza em relação à formação que recebem. Uma observação importante a respeito destes materiais utilizados é que todo texto original é escrito nos Estados Unidos, ficando aos encargos da Comissão de Redação do Corpo Governante, como foi dito anteriormente, a sua elaboração. Só então são enviados às sedes filiais onde serão configurados segundo os diferentes idiomas. De resto, as imagens, o número de páginas, tudo permanece inalterado. Por isso todas as publicações contêm, na última página ou no verso, uma relação de endereços das gráficas, em diferentes países, para onde se pode enviar um pedido de materiais no idioma desejado. Deste modo, indicam não apenas a diversidade de traduções de que dispõem, mas o alcance geográfico de seu próprio grupo.

Sendo a segunda metade do século XX o período de maior investida na expansão missionária das Testemunhas de Jeová, há nas revistas dessa época pontos bastante ilustrativos que expressam a voracidade com que as Testemunhas começaram a se organizar em territórios fora dos Estados Unidos. Por esse motivo, as publicações das décadas de 1950 e 1960 faziam grande menção aos eventos de porte internacional, como Congressos e Assembléias, dando destaque à figura do presidente da Instituição e seus discursos. Essa participação ativa do Presidente era de fundamental importância visto que a grande maioria das congregações existentes fora dos Estados Unidos ainda dependia da presença de missionários americanos para uma regulação administrativa.

Entretanto, a partir dos anos 1970 quando o corpo administrativo da sede mundial nos Estados Unidos é modificado, a figura do presidente é ofuscada por um Corpo Governante que ganha uma projeção doutrinária mística, em que os membros são pouco mencionados, evitando qualquer tipo de associação a um membro em particular como até então.

Ao que tudo indica, evitar uma associação da Instituição com um único indivíduo seria evitar futuras dissensões e rupturas que promovessem dissidências em massa de fiéis por carisma ou partidarismo. Ou seja, ao evitar a identificação dos fiéis com possíveis líderes, membros da Organização,

haveria uma coesão institucional mais eficiente, ancorada na Sociedade como um todo, independente de quem sejam seus representantes. Essa teria sido uma estratégia e tanto para sobreviver no campo religioso principalmente nos anos 1980 em diante, quando denominações pentecostais se expandiram em massa.

Disso, acompanhamos também uma alocação do discurso científico às questões propriamente religiosas e uma tentativa deliberada de ajuste de questões mundiais (sociais, ambientais) às profecias, onde ainda é preciso manter a crença de que o mundo como conhecemos está em extinção e que, portanto, as profecias estão ocorrendo sim. Num contexto em que preceitos e práticas já estão definidos, caberia às publicações manterem sua divulgação, onde a questão cronológica das profecias não perde sua importância, ao contrário.

Portanto, é, sobretudo, a partir das publicações que podemos perceber o modo como estes religiosos expuseram seu entendimento do mundo social o ajustando conforme as necessidades. Assim, percebemos algumas diferenças na forma de tratar os periódicos analisando a estrutura e o conteúdo das revistas de grande tiragem nos últimos quarenta anos, de forma a acessarmos não apenas o discurso religioso, mas também o modo de gestão da própria organização e que tem relação direta com as transformações do campo religioso ao longo das décadas.

Finalmente, temos nesta primeira década do século XXI um apanhado de questões que quase ofuscam a urgência da mensagem bíblica que crêem divulgar, mas um olhar mais atento indica que, ao contrário, tratar dessas discussões torna-se uma forma de ampliar ainda mais o alcance da fé que propagam, já que cada assunto aparece interpretado a partir de um posicionamento severamente religioso.

Em relação às profecias, ao todo cinco datas precisas para a Segunda Vinda de Cristo foram anunciadas: 1874, 1914, 1918, 1925 e 1975 (Holden, 2002, p.1). Recebidos com alarde e, posteriormente, sendo frustrados, esses anúncios muito freqüentemente causaram o esvaziamento das congregações. No entanto, muitos membros retornavam e mantinham as atividades de pregação em constante movimento. E ao que tudo indica, em fins dos anos 1970, após outra previsão falha, a Sociedade estabeleceu a data de 1914

como o ano preciso em que Jesus Cristo teria retornado ao mundo em forma invisível como prenúncio do Armagedom. Dessa forma, consideram-se, como desde sempre, próximos dos últimos dias sem incorrer em mais tentativas de previsões.

Ou seja, fica evidente que, as questões políticas que avançaram a partir da Primeira Guerra Mundial, como a Guerra Fria e a Segunda Grande Guerra (marcada pelas atrocidades do Holocausto), continuaram a ser interpretadas como sinais das Profecias se cumprindo. De tal modo que, com o tempo, as Testemunhas abandonaram uma atitude mais especulativa sobre quando exatamente chegaria o Fim, mas continuaram a interpretar as calamidades desses eventos passados, assim como os diferentes problemas da conjuntura sócio-política mundial dos dias atuais, como sinais inquestionáveis. É por esse motivo que, em pleno século XXI, o trabalho de pregação das Testemunhas ainda pode ser tomado como a ação mais relevante e incisiva desse grupo religioso.

A expectativa do Fim do Mundo, o Armagedom, foi uma crença comum a grupos surgidos na segunda metade do século XIX, os chamados milenaristas. E se o contexto político mundial favorecia uma atmosfera alarmista, que estimulava a constante previsão de datas precisas, todos estes grupos acabaram se frustrando. Jon Stone (2000) aponta, no entanto, que a principal questão seria compreender de que forma estes movimentos responderam aos seus seguidores às constantes demonstrações de fracasso. Conforme enfatiza Stone, a principal forma de sanar as recorrentes decepções era buscando justificativas para a reafirmação da fé, não abandonando, mas mantendo a expectativa do Armagedom.

As Testemunhas de Jeová representam bem esse movimento. Basta atentarmos para o modo como o conjunto da crença respondia às previsões fracassadas com uma maior ansiedade e certeza de que o Fim estaria próximo. Evidentemente que, como vimos, a estrutura material e organizacional da Sociedade foi fundamental para manter a coesão do grupo. Assim como dissidências tiveram também sua importância para afastar os membros descontentes. Mas Stone indica o reconhecimento dos erros, a atribuição dos erros à interpretação e não à veracidade do acontecimento, e a estruturação de

novas expectativas com a reinterpretação das profecias como passos estratégicos fundamentais para a manutenção da crença no próprio grupo.

É salutar, nesse sentido, o modo como a Instituição se empenhou na manutenção da crença, modificando sua estrutura, expandindo suas atividades e o alcance e teor de sua mensagem através de suas publicações mantendo a certeza que a cada passo dado caminham para o esperado Fim.

Por isso, é patente a importância em considerar a flexibilidade estrutural e a habilidade das Testemunhas de Jeová para adaptar suas crenças às novas conjunturas, levando em conta também a mobilidade em adequar a crença às mudanças socioculturais. Desse modo, as publicações correspondem ao produto melhor acabado dessa mobilidade, desse esforço de adequação entre crença e mundo social. No entanto, essa mobilidade não exclui a importância das práticas restritivas.

Dean Kelley (1995, p. 21) destaca as Testemunhas de Jeová como uma denominação de origem protestante caracterizada por uma doutrina que mantém forte coesão social e que cresceu consideravelmente na segunda metade do século XX justamente por seu padrão restritivo. Neste contexto, Kelley destaca também a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a Convenção Batista do Sul (EUA) e Assembléia de Deus como denominações que apresentariam um padrão centralizado em dois aspectos principais: a coesão social e o rigorismo comportamental.

Desse modo, Kelley (1995, p. 56 - 81) atribui a coesão social a três aspectos: o compromisso com as obrigações exigidas, expresso na adequação das demandas individuais às coletivas; a disciplina para submeter-se às normas e demandas; e o fervor missionário. Já o rigorismo seria expresso principalmente pela autoridade absoluta diante da crença (a verdade), pela intolerância com membros desviantes e, nesse sentido, pelo tom autoritário da pregação, expressando certo grau de fanatismo. Assim, para manter a coesão social frente às demais denominações religiosas, estes grupos tenderiam a lidar com estes dois domínios de controle do grupo e do comportamento religioso em maior ou menor grau, ajustando seus diferentes aspectos conforme a necessidade.

A trajetória das Testemunhas de Jeová, tanto nos EUA quanto em outros países, principalmente em períodos destacadamente conturbados da política mundial, as destaca como um grupo agressivo que se espalhava pelas ruas com ações que não raro resultavam em prisões e restrições institucionais, além de diversas proscições que sofreram em vários momentos.

Hoje, quando vemos Testemunhas andando calmamente pela cidade com suas pastas contendo publicações, pregando de porta em porta, já não se assemelham mais à atitude agressiva que causou tanta polêmica. A forma de se expressarem publicamente e o tom de seu discurso foram acentuadamente atenuados.

Mas, incontestavelmente, ainda hoje, é possível indicar características muito associadas às das doutrinas fundamentalistas, como a severidade com que controlam o comportamento moral de seus adeptos, dentro e fora da congregação, a crença literal de que 144.000 fiéis “reinarão nos céus”, e o radicalismo que se impõem na recusa de sangue (tanto por ingestão quanto por intervenção médica).

Contudo, em suas próprias publicações, se esforçam em manter-se apartadas de todas as classificações possíveis, principalmente as de tom pejorativo como é o caso do termo “fundamentalista”. Um exemplo disto está na revista “A Sentinela”, de 1º de Março de 1997, que traz um artigo intitulado “O que é fundamentalismo?”. Neste artigo, afirmam que este termo “evoca a imagem de um fanatismo irracional” (p.5) e, evidentemente, distanciam-se de qualquer afinidade com este sentido. E, oportunamente, no artigo seguinte da mesma revista referem-se a si mesmas como “Um caminho melhor” (p. 6).

Se alguns comportamentos rigorosos parecem ter sido abandonados, o ardor religioso expresso na incessante e exaustiva atividade de pregação de porta em porta é mantido. Disto, podemos apreender que, mais do que identificar as Testemunhas de Jeová a partir de conceitos-chave, como fundamentalismo, milenarismo, rigorismo, é preciso contextualizar essas características e a forma como estas são mantidas e adaptadas num constante processo que exige a mobilidade das práticas e da crença para sua manutenção no cenário religioso contemporâneo.

2. A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE NO BRASIL

Os registros apresentados pela Organização das Testemunhas de Jeová (Watch Tower, 1993) relatam que suas primeiras publicações chegaram ao Brasil em 1920²⁸, pelas mãos de marinheiros brasileiros que, tendo passado pelo porto de Nova York e entrado em contato com os Estudantes da Bíblia, foram os primeiros a pregar no país, na cidade do Rio de Janeiro. A partir desse momento, as publicações passariam a ter uma demanda periódica de assinantes, embora só houvesse versões em inglês e espanhol.

Ainda na década de 1920, os primeiros grupos começaram a ser formados e organizados por George Young, um missionário americano designado como o responsável pela manutenção do que seria a primeira congregação no Brasil, a partir de um escritório alugado no centro da cidade do Rio de Janeiro, que na época era a capital do país.

Estava fundada uma sede (Betel)²⁹ no Brasil, considerada também a primeira filial da América do Sul, a partir da qual passariam a ser expedidas publicações em português, impressas ainda em gráficas comerciais. Betel serviria basicamente para manter contato entre a Sede Mundial e os missionários na região visando à administração das congregações que se formassem, a manutenção da atividade de pregação e a distribuição de publicações pela cidade.

Esse período, de lenta expansão das atividades religiosas das Testemunhas, foi marcado também por intensas tentativas de ampliação na cidade de São Paulo e outras regiões. Tanto que, no final dos anos 1920, Betel acabou sendo transferida para o bairro do Brás na cidade de São Paulo,

²⁸ A segunda metade do século XIX marca a chegada de missionários protestantes ao Brasil a partir das Igrejas: Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal. O período entre as décadas de 1910 a 1950, já marca a chegada de vertentes pentecostais como a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil e a Igreja do Evangelho Quadrangular, de um modo geral, partilhando das mesmas intenções: se adaptarem ao país, se enraizarem e se expandirem (Mendonça, 2002).

²⁹ As Sedes fundadas em diversos países são conhecidas pelo nome de Betel, que significa Casa de Deus.

abrigando o escritório e a gráfica, geridos através de um trabalho desenvolvido entre “irmãos” brasileiros e húngaros.

Durante as primeiras décadas, em que o grupo das Testemunhas de Jeová era composto, sobretudo por missionários norte-americanos, as reuniões semanais eram feitas em casas cedidas por moradores recém convertidos, enquanto que os discursos e eventos de grande porte eram feitos em conservatórios, auditórios, e salões comerciais alugados onde reuniam membros de todos os estados brasileiros.

Nos registros das publicações fica evidente que, até os anos 1970, houve considerável instabilidade em relação ao estabelecimento definitivo dos escritórios que mantinham o contato com a Sede nos Estados Unidos. Por algumas décadas, estes escritórios passaram por transferências ora para a cidade de São Paulo, ora para a cidade do Rio de Janeiro sem maiores explicações. Pouco é mencionado a respeito da atividade em outros Estados.

Porém, se a administração da Filial demorou a ser regularizada, muito cedo os registros da Sociedade mencionam as atividades realizadas em público. Já desde o fim da década de 1930, as Testemunhas contavam com o uso de fonógrafos que reproduziam discursos em inglês, espanhol e italiano em carros de som em pontos centrais da cidade de São Paulo.



Figura 01: Carro de Som (Foto tirada no museu de Betel)

Outra prática colocada em estaque eram as “Marchas Informativas”, que reuniam um grande número de adeptos, nestes mesmos espaços de grande circulação, com cartazes contendo mensagens de protesto em tom imperativo contra sistemas políticos autoritários, mas principalmente contra a Igreja Católica. Não raro essas investidas incorriam em prisões e confisco dos materiais. Um dos eventos que ganhou maior destaque foi a Marcha com tema “Fascismo ou Liberdade”, realizada no Jardim da Luz e na Praça da República, em 1939, que culminou com a prisão de 20 Testemunhas³⁰ (Castro, 2007).

No entanto, essa situação não é restrita às práticas no Brasil, já que o grupo relata problemas com as autoridades governamentais em praticamente todos os países em que se instalou no período, principalmente devido às restrições impostas à vida civil de seus membros e à postura crítica assumida

³⁰ Nesse período era constante a associação da Igreja Católica com os governos autoritários no Ocidente. Cabe aqui considerar evidentemente que os protestos se dirigiam também ao Estado Novo, governo autoritário instituído no Brasil por Getúlio Vargas em 1937 e que perduraria até 1945. Para compreender melhor a relação entre as atividades das Testemunhas de Jeová, a política e a Igreja Católica no período, ver Castro, 2007.

em relação ao contexto político da época, principalmente contra a Igreja Católica³¹.

Segundo Castro, conforme Brasil e Estados Unidos se aproximavam no período entre guerras, as Testemunhas recobravam sua situação legal e suas atividades, ao fim dos anos 1940, prosseguindo em seu objetivo expansionista durante as décadas seguintes.

O dado encontrado nos registros de Betel de que em 1946 teria sido formada a primeira congregação regular da cidade do Rio de Janeiro mostra a forma caótica através da qual as Testemunhas haviam se mantido no país desde 1922, quer dizer, há 24 anos, quando chegaram com seus primeiros representantes a fim de estabelecerem uma filial.

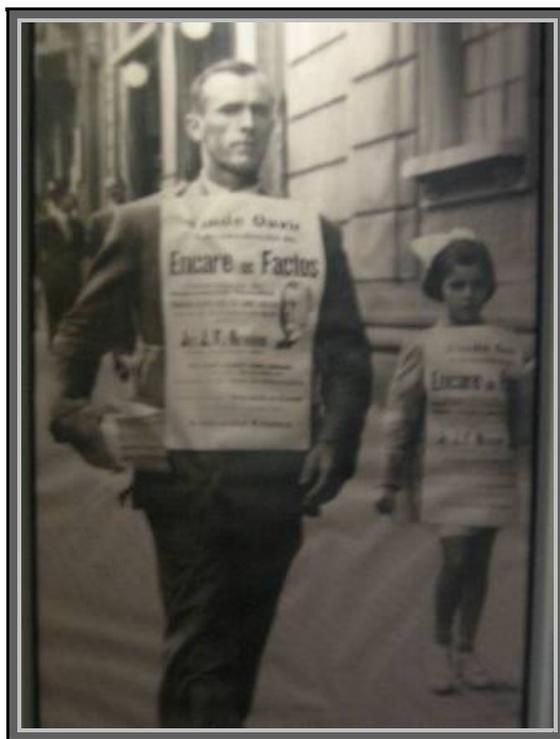


Figura 02: Marcha Pública (Foto tirada no museu de Betel)

Desse modo, durante a primeira metade do século XX, principalmente em decorrência das duas guerras mundiais, devido à ação fortemente

³¹ Referências de alguns títulos das revistas dão idéia do tipo de discurso desses religiosos: "Fascismo ou Liberdade" (folheto), "Encare os fatos" (folheto), "Catholic Action" (folheto), "World Tribulation" (folheto).

agressiva da pregação e contestação das Testemunhas nas vias públicas; levando em conta o posicionamento declaradamente antipatriótico, esse grupo sofreu diversas represálias e proscricões. Contudo, se este contexto conturbado, que se manteve até a década de 1950, trouxe polêmica e conflitos com as autoridades brasileiras, esse passado rebelde foi motivo de orgulho e distinção, sendo por esse motivo ainda hoje continuamente ostentado nas paredes do museu da Sede Brasileira.



Figura 03: Marcha Pública (Foto tirada no museu de Betel)

O fato é que as recorrentes proscricões que as Testemunhas de Jeová sofreram no Brasil, até os anos 1970, dificultaram uma instalação estável do grupo para uma expansão mais sistemática, já que durante esses períodos mantinham suas atividades em sigilo, o que muito provavelmente dificultava novas adesões.

Mas assim que a situação do grupo com o governo era regularizada, novos congressos eram organizados em espaços cada vez maiores, como o Ginásio do Pacaembu (em 1945, 1967, 1973, 1990), Ibirapuera (em 1962) e Morumbi (em 1990) em São Paulo, reunindo membros de todo o país. E, nesse processo, membros brasileiros começavam a ganhar destaque entre os estrangeiros nas atividades de maior porte, como os discursos.

Mesmo quando as Testemunhas de Jeová conseguiram ser registradas oficialmente, a partir da Sociedade Torre de Vigia em 1947, ainda enfrentaram privações legais e tiveram seus missionários em constante situação de ilegalidade, se encontrando corriqueiramente em negociação com as autoridades brasileiras.

Mas durante a década de 1960 os temas dos discursos, como “Pregando e Ensinando em Paz e União”, já denotam uma mudança na postura desses religiosos, que vão pouco a pouco se aproximando mais do padrão evangelizador dos missionários de diversas denominações evangélicas também instaladas no Brasil e em considerável processo de expansão no período. Entre assembléias e programas de treinamento para a pregação, a Sociedade Torre de Vigia começa a investir na construção de Salões próprios para as reuniões, os Salões do Reino (*Kingdom Hall*) e Salões de Assembléia.

Na primeira metade da década de 1970, as revistas *A Sentinela* e *Despertai!* são registradas oficialmente. E, à medida que as construções vão avançando, vai se formando um grupo de membros brasileiros responsável pelas atividades no Brasil, uma Comissão de Filial.

Em 1974, portanto, a Sociedade é reconhecida como instituição de utilidade pública e Salões do Reino passam a ser construídos em diferentes regiões do país. Até que em 1977, a Sociedade adquire um terreno nas proximidades da cidade de Cesário Lange, no interior do Estado de São Paulo, onde constrói uma nova, e definitiva, Betel que passaria a funcionar apenas em 1997, já com a gráfica ampliada responsável por boa parte das publicações da América do Sul.

A legalização da Sociedade, o investimento estrangeiro no crescimento material do grupo, em que ganha destaque a construção da sede brasileira de Betel, com gráficas próprias e equipamentos de alta tecnologia, e a incorporação de brasileiros na gestão das atividades no país, na década de 1980, foram fatores decisivos para a expansão das Testemunhas de Jeová no cenário religioso brasileiro.

E se até então os registros apontavam os esforços da Sociedade para ser reconhecida juridicamente, os anos 1990 registram um período de intenso investimento na construção de templos e na adequação de membros brasileiros aos métodos de administração das congregações e evangelização a

partir de cursos nos Estados Unidos. Nesse processo de ocupação social, materialmente verificada, e de criação de cursos próprios de evangelização e o emprego de um método padrão, o comportamento belicoso e de urgência das Testemunhas de Jeová nos espaços públicos é comodamente substituído pela imagem contida e pacífica verificada durante as pregações nas vias públicas.

Há conexões entre as situações políticas do país e a reação às ações públicas das Testemunhas, no entanto, como já foi dito, em todos os países em que se ocuparam nesse período conturbado da história principalmente no Ocidente, os problemas foram muito semelhantes, de modo que os resultados que atraíram não possam ser relacionados unicamente aos períodos ditatoriais no Brasil. Por esse mesmo motivo a mudança de postura das Testemunhas foi seguida um padrão relacionado, sobretudo, às suas mudanças administrativas e expansão mundial.

No entanto há outros fatores que influenciaram essa mudança. A adequação às normas legais, por um lado, em consonância com as mudanças na situação política mundial, levando em conta a democratização brasileira. E as grandes decepções sofridas pelas previsões do Armagedom que foram frustradas até 1975. A partir daí, as Testemunhas marcaram o ano de 1914 como a data do Reino invisível de Jesus que precederia o Fim dos Tempos. Dos anos 1990 em diante, portanto, a imagem das Testemunhas de Jeová passa a ser associada à atividade de pregação de porta em porta e à distribuição das revistas e panfletos contendo sua mensagem religiosa.

Atualmente, as atividades das Testemunhas no Brasil são administradas a partir da Comissão de Filial composta por cerca de sete homens responsáveis pelas 10.500 congregações do Brasil, e que atendem a um público de mais de um milhão e meio de pessoas com suas publicações regulares.

Cabe então, considerar, desse modo, o conjunto de atividades e relações conjugadas na sede brasileira e o processo de produção das publicações para além do seu sentido material. Pois, mais do que um espaço para a atividade gráfica, Betel é um lugar que materializa a crença através de cada atividade que seu espaço proporciona, conjugando a crença na doutrina à crença na Organização.

2.1 A Sede e os Betelitas

A sede das Testemunhas de Jeová no Brasil, que fica nas proximidades da cidade de Cesário Lange (SP), a 150 km da capital paulista, compõe um complexo de edifícios administrativos, gráfica, fazenda e edifícios residenciais onde abriga cerca de 1.000 (mil) Testemunhas, entre missionários e demais trabalhadores, conhecidas como “betelitas”. Estes funcionários são supervisionados pela Comissão de Filial para a administração das atividades e distribuição de publicações nas mais de 10.000 congregações do país.

Ser betelita significa ser considerado parte de uma família (Família de Betel) onde, uma vez membro, ocupa-se um apartamento, que pode ser dividido com outro colega do mesmo sexo, no caso de ser solteiro, ou com o cônjuge – já betelita. Como parte da “família”, este novo membro passa a participar de dois tipos de atividade, o trabalho na sede, pelo qual recebe, independente da atividade que exerça, R\$150,00 por mês, e as atividades religiosas, compostas pelas reuniões semanais (dentro de Betel ou em Salões do Reino em cidades próximas) e pelo trabalho de pregação nas ruas e o Estudo Bíblico domiciliar.

Um aspirante a betelita precisa ter de 18 a 35 anos de idade, ser solteiro e sem filhos³². Também deve ter sido batizado há mais de um ano. Ser aceito como membro de Betel, no entanto, não é fácil e envolve passar por um processo de solicitação bastante complicado para ser então alocado individualmente, conforme a aprovação do pedido, em longas listas de espera. Esse processo burocrático de avaliação, em linhas gerais, funciona da seguinte maneira.

Uma vez decidido a tornar-se betelita, o membro Testemunha de Jeová deve preencher um termo de solicitação, adquirido na própria congregação. Daí em diante, a aprovação dessa solicitação, que já não depende mais do solicitante, consiste num processo de avaliação que começa na congregação e vai até o Corpo Governante que, finalmente, tem a autoridade de aprová-la ou recusá-la. Então, primeiramente o candidato leva o seu pedido ao corpo de anciãos que, por sua vez, encarregam-se de elaborar um relatório onde

³² A única maneira de ir viver em Betel já casado é casando-se com alguém que já mora lá.

avaliam a “condição espiritual” deste membro. Em seguida, levam esse relatório ao superintendente de circuito que anexa sua própria avaliação ao processo de solicitação e o encaminha ao superintendente de distrito, que prossegue da mesma maneira e, finalmente envia os relatórios à Comissão de Filial. Por último, a Comissão de Filial avalia o conjunto de relatórios e realiza uma avaliação que é encaminhada à Comissão de Pessoal do Corpo Governante, que dá o parecer final.

Até aqui não estamos falando na conquista de uma vaga, mas apenas na condição de participar do processo de solicitação de uma. O caso é que há um conjunto de vantagens concedidas aos solicitantes segundo os anos de serviços prestados à Instituição, o que significa que tem vantagem aquele que tem mais anos no serviço de pregação. Outra questão que pode ser vantajosa é a qualificação profissional, principalmente técnica, que pode ser destacada no pedido, embora não seja garantia da conquista da moradia.

O fato é que, no fim das contas, o pedido passa por um processo, de encaminhamento a instâncias administrativas superiores e avaliações, tão segmentado que aquele que porventura tenha o seu pedido negado nunca vai saber em que instância isso ocorreu. O mesmo acontece com os pedidos aprovados, uma vez que estas listas não são avaliadas conforme a ordem de pedido, mas segundo outros critérios relacionados desde ao tempo de atividades na congregação quanto às habilidades profissionais do candidato. Mas de qualquer forma, o que se ouve nas congregações é que qualquer um pode ser um betelita, desde que devidamente qualificado para isso.

Uma vez dentro de Betel, todos os membros participam de uma Escola de Iniciantes, durante o primeiro ano, para compreender melhor o modo de vida na sede e as tarefas que esta nova vida implica. Trabalhar na sede significa trabalhar 8 horas por dia, de segunda-feira à sexta-feira em uma atividade designada pelos membros da Comissão de Filial. As dependências e atividades ocupadas pelos betelitas estão agrupadas da seguinte forma:

- Fazenda: cuidando dos jardins, dos gramados, ruas, bosques, do pomar – de 6 hectares -, do apiário, e dos animais e da produção de itens alimentícios específicos, como queijos e embutidos utilizados nas cozinhas;

- Arrumação: limpeza dos apartamentos e das dependências em geral;
- Lavanderia: lavagem, secagem e passagem de roupas;
- Cozinha: preparo dos alimentos servidos no refeitório;
- Departamento de Serviço: escritórios em que se cuida das correspondências, relatórios de atividades e organização do serviço de campo e de eventos como Assembléias;
- Serviço de Informação sobre Hospitais: fornece informações a respeito de médicos e hospitais que oferecem tratamento sem o uso de sangue;
- Relações Públicas: responsáveis pelo fornecimento ao público de informações a respeito das crenças e práticas das Testemunhas;
- Departamento Legal: fornece ajuda jurídica à Organização para a defesa da obra de pregação e de suas crenças;
- Departamento de Tradução: cuida da tradução dos textos originais das publicações, quem vêm em inglês da sede mundial no Brooklyn (NY), para o português, braile e a língua brasileira de sinais;
- Departamento de Engenharia: responsável pelo planejamento e construção rápida de Salões do Reino em todo o Brasil;
- Gráfica: impressão, encadernação e expedição das publicações (livros, revistas, tratados, brochuras) em português e espanhol, para todo o Brasil e boa parte da América do Sul (Bolívia, Paraguai, Uruguai, entre outros);
- Oficinas: cuida da manutenção dos prédios e equipamentos em diversos setores (elétrica, hidráulica, mecânica, pneumática, marcenaria e outros).

Assim, a jornada de um betelita começa às 7h30 da manhã com uma oração no refeitório principal diante de toda a comunidade de Betel. Em seguida, às 8h00, cada um se dirige à sua atividade que se dá até meio-dia. A pausa para o almoço, também no refeitório, vai até às 13h00, depois disso estes trabalhadores prosseguem em suas atividades até às 17h00, e a partir

desse horário estão liberados para jantarem no refeitório ou nos apartamentos e descansarem.

Nos finais de semana todos os membros da Família estão liberados para receberem parentes e usufruírem das dependências de lazer (como quadras de esporte, bosque, hortas e churrasqueiras) ou saírem de Betel para visitá-los, não esquecendo, entretanto, as reuniões de sábado/domingo. Assim, um betelita pode morar em Betel por toda a sua vida, desde que não tenha filhos.

Há regras definidas por gênero, principalmente no fato de que apenas os homens são responsáveis pela manutenção das atividades espirituais, como discursos e orações nas congregações. Mas no que diz respeito ao trabalho braçal, exceto talvez por questão de força física, homens e mulheres podem trabalhar em qualquer setor. Os apartamentos compõem divisões entre casados e solteiros, sendo que os casados moram em determinadas alas e os solteiros (que moram em duplas por apartamento) moram em outras, onde ficam separados por gênero. Geralmente, homens e mulheres solteiros andam em grupos segundo o gênero, onde estabelecem maiores vínculos de amizade. No caso dos casais, sempre é aconselhado que permaneçam juntos pelo maior tempo possível, não durante o trabalho, mas durante as refeições principalmente e as horas de lazer e reuniões.

Durante a semana, o dia-a-dia é corrido e cada atividade tem um tempo determinado. Por isso, nos fins de semana, são incentivados momentos de sociabilidade, propiciados pelas áreas recreativas de Betel. Nestes espaços, os betelitas também podem receber amigos e familiares de fora, sendo que estes convidados podem dormir nos apartamentos de seus conhecidos, mas apenas durante o sábado e domingo.

Como em qualquer outro trabalho, betelitas também tiram férias uma vez no ano. E também podem viajar nos feriados, quando são dispensados das atividades, até porque muitos têm familiares fora do estado e acabam precisando de um tempo maior para vê-los. É dessa forma que em geral tudo funciona.

Quem se torna um betelita, portanto, acaba fazendo inúmeras concessões em sua vida, e assumir esse modo de vida também exige um grande esforço de adaptação. Viver nesta comunidade implica em seguir regras definidas durante todo o tempo. Em Betel está o trabalho, o lazer e a

vida religiosa, ou seja, aspectos da vida cotidiana, tanto coletiva quanto individual.

Assim, as razões mais comuns para a saída definitiva de um morador de Betel é o desejo de ter filhos, de trabalhar fora da instituição e alcançar meios próprios de vida, ou o desejo de trabalhar como missionário em outras regiões do país e até mesmo em outros países. E, segundo, me informaram os próprios moradores, o desligamento da Família de Betel é simples, bastando um aviso prévio com um mês de antecedência.

2.2 A visita

Visitei Betel pela primeira vez no dia 26 de Outubro de 2007, numa sexta-feira. Na entrada, me apresentei pelo interfone indicando o betelita³³ que havia me convidado. Em seguida, foram abertos os portões para uma estrada que acentuava um aclive que permitia avistar pastos, gados, lagos ao longe e algumas áreas bastante arborizadas como bosques, destacando a beleza natural do lugar. Ao final desse caminho, havia uma grande área com um estacionamento localizado entre dois grandes prédios. No estacionamento, Juliana e seu esposo Paulo³⁴ já estavam à minha espera. Cumprimentaram-me e me orientaram a ficar numa sala principal aguardando a chegada de um “cicerone” que conduziria a mim e outros visitantes³⁵.

³³ As visitas são permitidas apenas com agendamento prévio.

³⁴ Os nomes são fictícios.

³⁵ Entre os visitantes havia alguns vindos de Fortaleza (CE). Esses visitantes me revelaram, muito animadamente, que o sonho de toda Testemunha de Jeová era conhecer a sede brasileira.



Figura 04: Entrada Principal de Betel

2.2.1 O Cicerone

Quando Fabiana chegou à sala de espera, trazia consigo um relógio para marcar precisamente o tempo de visita, e alguns panfletos³⁶ com imagens e dados sobre Betel além de um histórico sucinto sobre a atividade das Testemunhas no Brasil. Fabiana tinha cerca de 30 anos, estava vestida formalmente, era bastante simpática e atenciosa. O passeio teria a duração de 1h40, tempo em que pudemos (eu e o grupo) conhecer as dependências mais gerais, como o refeitório, a cozinha, a lavanderia, a gráfica, as oficinas e alguns escritórios. Durante a visitação, Fabiana apresentava dados, que ela trazia em mãos, para explicar especificamente cada trabalho realizado, enfatizando números que dessem a noção da quantidade de trabalho realizado e a organização necessária para tal. Passados exatos 100 minutos, Fabiana nos deixou numa sala que dava passagem para as duas últimas áreas de visitação: o Museu de Exposição Histórica e uma ala desse museu intitulada Triângulos Roxos, especialmente dedicada a retratar a perseguição às Testemunhas de Jeová durante o holocausto, bem como a passagem de algumas delas por

³⁶ Através dos quais me orientei para a descrição das atividades.

campos de concentração. A visita nessa área “histórica” não teria tempo marcado, mas seria feita durante a tarde porque a essa altura já era 11h40 e o almoço seria servido no refeitório ao meio-dia. Voltei para a mesma sala de espera de onde iniciei a visita. A sala era ampla, com poltronas e sofás aconchegantes, decorada com vasos, flores e cortinas longas estampadas e quadros com imagens que remetiam a cenas bíblicas e outros de sedes em alguns países como África do Sul, Chile, Estados Unidos. Num canto reservado havia uma pequena mesa de vidro e madeira com alguns fósseis de peixes, rochas e cristais. Dei-me conta de que, durante todo o passeio não foi feita nenhuma menção particularmente religiosa, e nenhum ritual.



Figura 05: Gráfica

2.2.2 O Almoço

No refeitório reencontrei Juliana e Paulo porque, como convidada deles, deveríamos almoçar juntos numa área do refeitório preparada para visitantes. O refeitório era imenso, e as mesas, de oito lugares, já estavam preparadas com pratos, talheres, entre outros utensílios necessários. Nas paredes e colunas do salão havia televisores, a partir dos quais foi transmitida a oração de agradecimento pelo almoço, feita por um membro da Comissão de Filial, ritual que precede toda refeição (café da manhã, almoço e jantar) ³⁷. Após a oração, havia pessoas encarregadas de servir a todos, mesa por mesa, com os alimentos. Sentamos ao lado de outros visitantes e todos começaram a circular as travessas de comida – regra do refeitório – conforme fossem se servindo. Juliana me disse que, como havia betelitas estrangeiros – geralmente missionários estudantes da língua portuguesa – algumas vezes eram servidas comidas típicas dos países dos quais estes vinham para satisfazê-los também.

Enquanto comíamos, pelos televisores, a Comissão de Filial – que falava de uma sala separada do refeitório - avisou que havia um grupo de Testemunhas dos Estados Unidos visitando Betel e que eles tinham dados importantes sobre o serviço de pregação nos EUA. Então, um desses visitantes abriu um relatório e começou a contar sobre os recentes resultados do trabalho de pregação e de estudos domiciliares feitos nos últimos anos em seu país, indicando como esse trabalho estava crescendo. Conforme ele relatava pausadamente as notícias, um membro brasileiro as traduzia simultaneamente para o português. Uma atmosfera de descontração e contentamento parecia ecoar nesse momento, tanto porque os dados pareciam, aos olhos deles, muito positivos, quanto porque o americano (um senhor negro) discorria sobre os dados de forma alegre e simpática, elogiando também o trabalho de seus “irmãos” brasileiros.

Terminado o almoço, exatos 12h45, mais uma oração foi feita, transmitida pelos televisores, para desejar a todos um bom fim de dia de trabalho. Algumas pessoas vinham com muita educação e interesse me

³⁷ Observei que os membros da Comissão de Filial fazem suas refeições numa sala separada, por isso a transmissão pelos televisores.

cumprimentar, saber se eu estava gostando da visita, já que Juliana havia dito a alguns deles que eu era uma pesquisadora e que estava estudando as Testemunhas de Jeová. Todos os que se aproximavam o faziam com grande interesse e simpatia, e um refletido orgulho em mostrar o lugar em que viviam. Queriam saber o que eu gostaria de entender exatamente, e quando eu mencionava que meu principal objetivo naquele instante era conhecer melhor a comunidade como um todo, já que nos estudos acadêmicos se sabia muito pouco sobre eles, acrescentavam que eu podia voltar quantas vezes quisesse, que podia pegar o material que precisasse na gráfica, entre outros detalhes que só apresentavam de maneira elogiosa a grandeza e qualidade dos serviços oferecidos pela sede. Terminamos o almoço, me despedi do casal de betelitas, já que eles teriam que voltar ao trabalho, e continuei minha visita, agora pelo Museu.



Figura 06: Refeitório

2.2.3 O Museu

A ala do Museu destinada à Exposição Histórica contemplava um conjunto de fotos acompanhadas pelos eventos mais marcantes na história das Testemunhas de Jeová no Brasil, começando com a chegada de missionários

no Rio de Janeiro, nos anos 1920, passando por todo o processo de fundação de escritórios e sedes, passando para a cidade de São Paulo, no bairro da Vila Mariana até a construção da grande sede, nos anos 1980, o Betel de Cesário Lange. Nessa viagem histórica, muitos personagens e eventos tiveram destaque, entre eles, os principais fundadores da religião (americanos) e seus primeiros representantes brasileiros formadores das Comissões de Filial. Ganham destaque também as Assembléias e Congressos que dos anos 1940 a 1970 chegaram a ocupar até mesmo o Estádio do Pacaembu (SP). Havia também exemplares originais das primeiras revistas e livros publicados, ainda em inglês, e instrumentos utilizados para uma pregação mais intensiva nas ruas como o fonógrafo. O excesso de textos informativos, explicativos e anexos às imagens, nunca permitiria que alguém conseguisse ler tudo em apenas um dia, mas um olhar atento às imagens e às intitulações já permitia perceber o projeto desta comunidade em crescer e se espalhar pelo Brasil.

A outra Ala do Museu, intitulada Triângulos Roxos, era dedicada às Testemunhas vítimas do Holocausto. Seguindo o mesmo padrão, retratavam cronologicamente o conjunto de acontecimentos que envolveram grande parte das Testemunhas na Alemanha, no período nazista, e fotos e documentos³⁸ originais. Assim, como o primeiro, esse segundo espaço também continha muitos textos para serem lidos em tão pouco tempo. A sala de espera que dava acesso às duas alas do museu era ampla, com sofás confortáveis, e um balcão a partir do qual poderiam ser feitas encomendas de publicações direto da gráfica. É um espaço importante para fazer pedidos que, em outros lugares, precisariam do serviço dos correios, como publicações em outras línguas que não o português.

³⁸ Entre eles havia cartas que o presidente da Torre de Vigia teria enviado a Hitler pedindo que as Testemunhas fossem libertas. Evidentemente que as cartas não alcançaram seus objetivos, mas foram expostas justamente para representar e audácia das Testemunhas na época.



Figura 07: Vestimenta usada nos campos de concentração
(Foto tirada na ala do museu intitulada “Triângulos Roxos”)

2.2.4 O Apartamento

Encontrei Juliana e Paulo às 17h00, como havíamos combinado, ao fim da jornada deles, para que eu fosse conhecer o apartamento que ocupavam, onde me ofereceriam um jantar e um tempo para uma conversa em que eu pudesse fazer as perguntas que eu precisasse. Enquanto subíamos as escadas que davam acesso aos apartamentos, eles me contavam as regras existentes para os moradores, como o fato de os elevadores serem prioridade apenas dos idosos e pessoas que estivessem com algum tipo de fragilidade física, onde a questão era a economia de energia elétrica.

O apartamento era também bastante interessante. Pequeno, porém bem planejado, com espaços bem aproveitados. Os móveis e utensílios, exceto os de madeira, que eram feitos na marcenaria de Betel mesmo, eram comprados pelo casal, com seu próprio dinheiro, assim como outros objetos decorativos. Nesse espaço, eles tinham plena liberdade para organizar e utilizar aparelhos da forma que desejassem. Em todos os apartamentos havia TV a cabo que,

pela quantidade de pessoas, saía por um preço vantajoso. O mesmo se dava em relação ao telefone e internet banda larga.

Enquanto Juliana preparava o jantar, íamos conversando sobre minha experiência de visita. Paulo então me disse que naquele dia, às 19h00 ia passar na TV, pelo circuito interno de Betel, um documentário americano que um jornalista havia feito sobre as Testemunhas nos EUA. Este documentário havia acabado de ser traduzido, com legenda, para o português, e os dois pareciam entusiasmados com a novidade. Então, decidiram que iríamos ver o documentário antes do jantar. Assim, Juliana nos serviu petiscos de queijo e salame, ambos feitos em Betel, para enganar a fome durante o programa.

A questão tratada pelo jornalista, que não era Testemunha, era a questão do sangue. Ou seja, da não aceitação das Testemunhas de receber sangue em intervenções médicas (e em outras situações o que inclui a não ingestão de sangue pela alimentação também), e de como essa atitude tornava complicada a ação médica e as formas de tratamento mais arriscadas. O tema tratava de forma incisiva a questão autoritária envolvida nesta posição moral, mostrando que aqueles que porventura decidissem descumprir a regra do sangue eram afastados da congregação. Mas havia, contudo, na idéia do documentarista, uma tentativa também de mostrar os avanços médicos de profissionais que eventualmente recorreram a outras formas de tratamento sem uso do sangue, médicos que em alguns casos eram Testemunhas buscando outros recursos para manterem suas crenças, mas em outros casos médicos não-testemunhas que apenas procuravam outras formas de tratamento.

Durante o jantar, conversamos sobre coisas corriqueiras, mas percebi que eles queriam mesmo era falar mais sobre sua condição e forma de vida, e pareciam entusiasmados com a possibilidade de ver tudo isso registrado num trabalho acadêmico. Como, sobremesa serviram-me um sorvete de nata preparado lá mesmo em Betel, do leite das vacas criadas na fazenda. Acrescentaram mais algumas informações sobre a vida de um betelita, que me fizeram compreender que embora fosse vista, pelas Testemunhas em geral, como uma forma de vida bastante privilegiada e concorrida, essa condição carregava também características igualmente desafiadoras como o excesso de normas, a pouca quantidade de dinheiro que recebem (apesar de viverem basicamente com os recursos da sede) e a distância dos familiares. E

perguntei então se havia pessoas que desistiam de morar em Betel. Nas palavras de Juliana,

Algumas pessoas não se acostumam porque há muitas regras, muitos detalhes. Tem gente que não suporta essa vida regrada, como hora pra tudo e acaba saindo de Betel. Não é pra todo mundo, a gente trabalha bastante. Mas para quem gosta de regras aqui é um paraíso. (...) É considerado um privilégio especial. Você tá num lugar altamente espiritual porque você vê as publicações sendo feitas. A gente vê as coisas antes que chegue ao público. É um privilégio nesse sentido. Não que a gente seja melhor do que outras Testemunhas de Jeová das congregações. Mas é um privilégio no sentido de que, primeiro, de você está trabalhando no meio de pessoas que pensam como você, que são pessoas de boa índole, que você confia, de boa moral, que mantêm uma qualidade de vida que você gosta, e que te acrescenta algo positivo. E também por você estar envolvido com coisas espirituais, que te mantém espiritualmente ativo, maduro. Não como, vamos dizer assim, numa empresa que tem vários patamares diferentes e que você se sente o gerente ou o diretor. Nós não nos consideramos assim porque é como diz Jesus né todos nós somos iguais e o que nós fazemos é o que tínhamos que fazer (Juliana, 33 anos, Testemunha de Jeová há 20 anos, betelita há 7,5 anos).

Agradei pela gentileza e pelo tempo e espaço que me cederam, me despedi e deixei Betel.



Figura 08: Apartamentos dos Betelitas

Este exemplo de espaço de trabalho e vivência religiosa é fonte de tal admiração entre as Testemunhas porque se torna um símbolo de grandeza da instituição como um todo, não é à toa que é um local preparado para a visitação pública, e não só de adeptos da religião, mas de quaisquer outras pessoas que tenham o interesse de conhecer seu funcionamento.

Destacar características como a limpeza, a organização, a beleza, a fartura, a boa convivência, a satisfação, é de fundamental importância para produzirem uma idéia de distinção e prestígio da posição que ocupam enquanto Testemunhas de Jeová, em relação às demais Testemunhas do país, mas também enquanto sujeitos numa sociedade cheia de problemas. É um lugar onde, segundo eles, se pode viver, trabalhar, ter qualidade de vida.

Mas, o que não se pode perder de vista é o tipo de serviço que Betel oferece. É preciso atentar para uma questão crucial, motivo pelo qual todas essas questões se imbricam: a manutenção da atividade no Brasil, onde ganha destaque a produção gráfica, que não deve ser vista apenas como uma fábrica de impressão de livros religiosos, mas, antes, precisa ser compreendida enquanto espaço de produção material e simbólica da crença. É essa produção e reprodução que justifica a existência de Betel.

Assim, numa primeira análise, é a vida social que chama atenção nessa comunidade, a funcionalidade das coisas mediadas pelo trabalho de muitas pessoas. É possível que os dados mais objetivos, expressos pela amplidão dos departamentos descritos anteriormente e, principalmente a gráfica, chamem atenção pela quantidade de pessoas que atendem, não apenas em Betel, mas pela quantidade de Testemunhas existentes no país. Mas o que o cicerone não diz é que o percurso feito por Fabiana todos os dias diz respeito ao processo através do qual uma crença é produzida e mantida, não apenas no conteúdo daquilo que é publicado, mas, sobretudo, na Instituição que assegura essa produção.

Logo, Betel é um modelo de um Paraíso num mundo corrompido, não só para as Testemunhas que moram ali, mas também para aquelas que visitam. Mas representa também a consolidação material de um grupo religioso em terra estrangeira. E, assistir ao funcionamento desta sede é, sem dúvida, o maior estímulo para se manterem confiantes na crença que aderiram, porque a

“verdade” da crença está na legitimidade da própria Instituição que representam.

Assim, é possível ter em vista todo o processo através do qual os Estudantes da Bíblia, até então estrangeiros, cujas práticas um tanto agressivas em locais públicos provocaram proscricões contínuas, tornaram-se Testemunhas de Jeová, com uma Sede brasileira de grande importância para a atividade missionária que realizam hoje nos espaços públicos de um modo muito mais sutil, ainda que rigoroso.



Figura 09: Imagem aérea de Betel

3. TESTEMUNHA E PROTAGONISTA: disposição para uma ética da ação individual

A Organização das Testemunhas de Jeová existe em função do trabalho de pregação.

Imagina que você tem um piano de calda assim maravilhoso no meio da sua sala. Ele está ali para quê? Ele não é um enfeite. Então, o conhecimento Bíblico, a relação com Deus, tudo aquilo que a gente aprende não é simplesmente para guardar aquilo ou para que as pessoas vejam, é para você pregar para os outros. O objetivo de Deus ter nos colocado para ser Sua Testemunha é poder levar isso na pregação. Então quando você não faz é como um piano que ninguém toca. Não tem objetivo.

(Paulo, 34 anos, Testemunha de Jeová há 18 anos – Betelita há 13 anos e Ancião na congregação)

À primeira vista, as Testemunhas de Jeová são conhecidas como pessoas que andam pelas ruas em grupo, com bíblias e revistas nas mãos, batendo de porta em porta, principalmente aos domingos de manhã, para falar de assuntos religiosos e oferecer suas publicações. Isso porque a atividade de pregação, também conhecida entre elas como “serviço de campo”, constitui a tarefa mais importante a ser realizada, voltada ao público leigo com o objetivo de propagar a doutrina e atrair fiéis.

No entanto, devido ao seu ritmo insistente, e comumente hostilizado, embora estes religiosos possam estar numa busca incessante de adeptos, não é simples tornar-se uma Testemunha. O processo de conversão é lento e passa por diversas fases caracterizadas, sobretudo, por uma dimensão instrutiva, individualizada, e cíclica de construção da crença que começa e acaba na atividade de pregação; e que, deste modo, depende fundamentalmente da relação pessoal construída entre membro e leigo.

Assim, iniciante e praticante se dispõem da atividade de pregação contínua conformando dois tipos de experiência, a experiência daquele que ouve e a experiência daquele que fala, tornando aquele que aprende hábil a ensinar.

Finalmente, esta dupla disposição diante de um serviço que pode ser entendido unicamente pela via do proselitismo permite acionar outra faceta

dessa atividade. A pregação para as Testemunhas de Jeová também é essencial para a confirmação e o assentamento da fé que se quer propagar.

3.1 O Estudo Bíblico e o Processo de Conversão

Na verdade não existe o instrutor que é só instrutor. Todo instrutor já foi estudante. (Juliana, 33 anos, Testemunha de Jeová há 20 anos – Betelita)

Se, durante a atividade de pregação, observamos uma relação entre Testemunha e leigo, durante a conversão, a relação passa a ser construída em termos de *instrutor*³⁹ e *estudante*, passando necessariamente pela atividade conhecida como “estudo bíblico domiciliar” que, como o nome já diz, é realizada na casa do estudante, geralmente por duas Testemunhas sendo uma delas considerada como instrutor(a) oficial.

Ao que parece, este período de estudo corresponde a um aprofundamento de questões que são colocadas às pessoas durante a pregação, e que se referem principalmente ao conteúdo doutrinário, que dá ênfase à crença na iminência do Fim do Mundo e às esperanças das Testemunhas para um Novo Mundo a ser mantido por um governo divino. Por isso, o estudo bíblico constitui um caminho obrigatório.

A partir daí se inicia uma rotina de leituras indicadas e, posteriormente, “tomadas”, num exercício de perguntas e respostas, a cada semana durante cerca de no mínimo uma hora. E, assim que o estudante se sente minimamente convencido pelo conteúdo aprendido, passa a freqüentar as reuniões semanais no Salão do Reino próximo a sua casa, acompanhado sempre de seu/sua instrutor(a).

³⁹ Lembrando que o número mínimo de horas de pregação é de 10 horas mensais para um *Publicador*; 50 horas por mês para o *Pioneiro Auxiliar*; e 70 horas de pregação por mês para o chamado *Pioneiro Regular*. Cabe observar que as horas de estudo bíblico domiciliar também fazem parte desta contagem.

Todos os relatos que ouvi, a respeito do contato e conversão das Testemunhas, envolvem a criação e consolidação de laços afetivos⁴⁰ durante o estudo bíblico. Isso quer dizer que a efetividade deste estudo, que pretende culminar com a conversão do estudante, simboliza também uma conquista afetiva. Independente de haver laços familiares com Testemunhas ou de o primeiro contato ser estabelecido durante a pregação é fundamental que instrutor e estudante tornem-se amigos.

Isso explica muito bem por que o trabalho de pregação das Testemunhas é tão insistente, por que elas passam diversas vezes nas mesmas casas. Segundo o que me disseram, houve muitos casos em que, num primeiro momento, o dono da casa as tratou mal e, num segundo momento, as recebeu cordialmente e até aceitou fazer um estudo bíblico. E, visto que a pregação é feita geralmente na região da congregação, as Testemunhas circulam cotidianamente pelos próprios bairros em que moram, estabelecendo contatos diretos e regulares com seus próprios vizinhos. O relato de Mariana esclarece aspectos importantes dessa relação entre pregação e bairro.

Os meus vizinhos? Eu procuro conhecer, cumprimentar. É irônico eu passar e bater e falar com ele e amanhã eu passar e fazer de conta que eu nem conheço. Então eu procuro lembrar o nome. Às vezes mesmo que eu não vá voltar na casa da dela, mas eu pego o relatório, marco a história dela, o que ela já passou na vida. Isso me ajuda até a relembrar. Isso se torna até um hábito para a Testemunha de Jeová porque faz com que você guarde mais né. Como que eu posso ter um interesse genuíno pela pessoa se eu nem presto atenção no que ela fala? E quando eu voltar a ver ela, chama muito a atenção quando eu vejo a pessoa 'oi fulano, como tá o seu filho que estava doente?'. Isso chama atenção num grau, é raríssimo as pessoas terem essa atenção com o outro, de prestar atenção no que tá falando. E quando você mostra esse amor, pode ser que a gente se torne até uma psicóloga né. Porque as pessoas confiam tanto na gente quando a gente tá na pregação que elas contam os problemas, coisas que elas não contariam pra família, elas contam pra nós. Porque a gente não vai criticar, não vai contar pra outra pessoa, o que é raro hoje em dia. Não, a questão não é o nosso pensamento, não é o que eu acho. Eu não acho que você tem que largar do seu marido, eu não acho que você tem que fazer isso com seu filho. Olha a Bíblia, ela manda assim... Porque a pessoa não tem que fazer o que você quer. Eu acho que nem existe uma pessoa do jeito que você quer, porque nem você mesmo é do jeito que você quer. E você nunca consegue chegar no êxtase do que você queria. Então porque você julgar ele, tem que olhar a qualidade dele e porque ele tá olhando daquele lado. É o que te ajuda no estudo você entender a pessoa. Cada um foi criado de um jeito, foi feito de um jeito. Você ouvir histórias das pessoas te muda. Eu já tive vizinhos estúpidos, fechados, de cara fechada. E teve dia na pregação que eu perguntava para a

⁴⁰ A questão da “afetividade” é de grande valia para compreendermos a importância da atividade de pregação de casa em casa, de porta e porta, cotidianamente pelos mesmos bairros. É dessa forma que Testemunhas de Jeová acessam moradores em busca de interações pessoais cotidianas, envolvendo a criação de laços de solidariedade e partilha de histórias de vida, elementos fundamentais para a construção de interações também entre as Testemunhas e o lugar onde pregam. Evidencio melhor essa questão no capítulo 4.

peessoa 'como foi sua história de vida?'. E eu ficava uma hora com ele, ouvindo ele contar, ele chorar, ele se emocionar com a história dele e dessa história eu entendo porque que a pessoa é desse jeito e não importa mais se a pessoa é carrancuda, de cara feia. Você simplesmente cumprimenta a pessoa 'oi, tudo bem?'. E não importa como ela tá naquele dia, se ela tá brava ou não porque você sabe por que ela tá daquele jeito e ela passa a te respeitar. (Mariana, 30 anos, Testemunha de Jeová há 14 anos – pioneira regular)

Esse relato deixa evidente o motivo pelo qual a atividade de pregação nos bairros é incessante. Isso, porque, como me disse certa vez Mariana “A vida da pessoa muda”. Ou seja, há estados de ordem pessoal que podem tanto fazer com que a pessoa se aproxime quanto rejeite alguém que bata à sua porta para falar de questões religiosas. Mas o oferecimento regular desse serviço acaba mantendo o contato. Segundo Mariana, as Testemunhas elaboram relatórios sobre os moradores de seu bairro e, dessa forma, ficam alertas para a situação das famílias visitadas. Essa atitude reforça uma relação afetiva que muito provavelmente acaba sendo um fator facilitador para o início de um estudo bíblico.

No entanto, a conversão, marcada ritualmente pelo batismo por imersão, só é possível depois que o estudante começar a participar da atividade de pregação e estiver consciente e de acordo com todas as atividades que deverá realizar enquanto membro da comunidade⁴¹. Por isso, o batismo não é visto como o ponto essencial do processo de conversão. Assim, por conta também desses laços afetivos estabelecidos, muitas pessoas passam anos a fio como estudantes, freqüentando as reuniões e participando das atividades conforme sua escolha até que assumam o compromisso consigo e a congregação, o que na maioria dos casos nunca acontece.

Quando a conversão não acontece, há uma série de respostas bem definidas por seus instrutores e que pendem sempre para um mesmo sentido.

Uma coisa que eu acho que acontece é que quando a pessoa começa a estudar a Bíblia e começa a ver que aquilo é realmente importante, que aquilo na verdade é um modo de vida, nem todo mundo, embora até entenda, como a gente já ouviu de pessoas dizendo 'eu acho que isso é a verdade, eu acredito nisso'... Teve gente que até chegou a falar 'se eu tiver um dia que escolher uma religião é a Testemunha de Jeová, senão não vou ser de nenhuma outra,

⁴¹ Quando um estudante decide se batizar, ele passa por uma entrevista com os membros do corpo de anciãos. Os questionamentos que fazem parte dessa entrevista são, sobretudo, de caráter doutrinário, para que tenham em conta se esse membro está devidamente preparado para a atividade de pregação, agora, na qualidade de Testemunha de Jeová e não mais de estudante.

mas no momento eu não estou disposta a fazer determinadas mudanças', porque são mudanças que tem que fazer. Então nem todo mundo, naquele momento da vida, está disposto a isso. Acho que a razão maior é a responsabilidade que você tem que assumir. (...) O que vai mandar mais do que tudo é a humildade e a motivação do coração de quem está aprendendo. (Juliana)

Tem vários estudos que eu dirigi e a pessoa realmente desistiu. Estudou, estudou, fez aquele estudo bíblico, aí quando terminou a publicação, né, aí você sempre pergunta pra pessoa assim 'vamos fazer uma comparação do que você aprendeu da Bíblia e do que a sua religião ensina e ver se tá combinando com o que a Bíblia fala?'. Aí ela fica assim 'ah, eu sei, mas...' Ela não tem coragem de tomar posição, né. É um monte de coisas. Tinha uma, por exemplo, que falava assim pra mim 'Renata, eu não tenho coragem de sair de casa em casa, como que meus colegas de trabalho vão me encarar?'. Ela trabalhava na Prefeitura. E eu falava pra ela assim 'Julia', era o nome dela, 'alguém te dá um real?'. Já pensou você deixar de fazer alguma coisa que você gostaria muito e você não faz aquilo por medo da reação das pessoas? Você tem que ter uma vontade própria. Então junta isso. Ela sabia o que era certo. Tem muitas situações. Depende muito do lado psicológico. No caso dela, o psicológico dela, ela tem medo de ser rejeitada pela maioria. E a maioria das pessoas não são a favor das Testemunhas de Jeová. Por isso que eu falo que tem muito a ver com a personalidade da pessoa e a vontade. Ela sabia que aquilo era a verdade, só que o emocional dela não conseguia lutar. Ela precisava ser aceita pelo grupo. (Renata, 36 anos, Testemunha de Jeová há 23, pioneira regular)

Depende da pessoa. Se for uma pessoa que pega com zelo, se prepara no estudo, até em seis meses a pessoa está preparada para o batismo. Agora se for uma pessoa que, às vezes, tem pouca escolaridade, ela é muito lenta, então leva mais tempo... Porque o importante é aprender e não a quantidade. Quando a pessoa desiste, eu vejo como Jeová manda a gente ver. Se a pessoa quiser, eu estou lá disponível, se ela não quiser... Assim mesmo a gente continua lá pregando, falando, avisando. (...) Às vezes a pessoa tem um modo de vida que não agrada a Deus e não deixa. Por exemplo, cigarro. Muitas vezes não são casadas. A mudança de hábito de freqüentar as reuniões. A pessoa sabe que é a verdade, mas não quer mudar aquele hábito e freqüentar as reuniões. Isso não deixa a pessoa progredir. (Valdete, 52 anos, Testemunha de Jeová há mais de 20 anos, pioneira regular)

Os três exemplos não deixam dúvidas de que, após um período de estudo, para as instrutoras, devidamente preparadas, as possíveis razões que farão com que o estudante não se torne uma Testemunha são de caráter social. A resistência a uma tomada de posição é associada muito mais a uma "indisposição", devido a um determinado momento da vida, a uma situação particular, como um tipo de trabalho que executa; à dificuldade em romper hábitos, como o tabagismo; à dificuldade em adquirir hábitos, como as leituras requeridas e a freqüência nas reuniões; e até mesmo aos impedimentos causados pelas relações familiares mantidas e que são proibidas às Testemunhas de Jeová, como o casamento sem registro em cartório. Assim, a recusa na conversão é explicada sempre por um despreparo emocional, uma falta de vontade, uma dificuldade em progredir e fazer mudanças em sua vida,

assumindo certos posicionamentos em suas relações familiares e de trabalho (como em relação às datas festivas, por exemplo). A “verdade” do que ensinam nunca é contestada.

Disso, podemos fazer a seguinte observação. Provavelmente, as relações mais afetivas fiquem restritas ao estudo bíblico, já que esse não tem um período determinado para ser finalizado. Muitas pessoas podem passar anos como estudantes, lendo diversos livros, participando nas reuniões, assembléias, até mesmo da pregação, mas sem assumir um compromisso diante da congregação⁴².

Ao mesmo tempo, isso quer dizer que as pessoas que finalmente se convertem têm exata noção da quantidade de obrigações que deverão assumir em duas instâncias. No plano social, no que se refere ao acompanhamento das reuniões semanais no Salão do Reino (duas reuniões por semana) e da atividade de pregação, levando em conta a carga de leituras correspondentes. E no plano pessoal, tendo em vista as obrigações morais, em geral dedicadas à família; e as interdições, relativas à abstenção de cigarro, à abstenção de sangue e à comemoração das datas festivas (Páscoa, Natal e Aniversário), entre outras.

Daí em diante, há um conjunto de atividades nas congregações que constituem um preparo formativo, em relação ao conteúdo, ou seja, “no que crer”, mas também performativo, que as orienta “no que dizer”, “aonde dizer” e “como dizer”, fundamentais ao preparo de seus membros para o propósito através do qual as Testemunhas buscam sua identidade e distinção: o trabalho de pregação.

⁴² Esse fato pode responder à discrepância verificada ao comparar os dados fornecidos pelo Anuário das Testemunhas de Jeová de 2009 e os dados do Censo do IBGE de 2000. Enquanto o primeiro aponta em torno de 700.000 Testemunhas de Jeová no Brasil, o segundo aponta cerca 1.100.000 Testemunhas. Acredito que boa parte desses 400.000 se refira a *estudantes* que se autodenominaram Testemunhas no Censo.

3.2 O Salão do Reino⁴³ e seus Representantes

O Salão do Reino em questão é o “central”, o primeiro a ter sido construído na cidade de Boituva (SP)⁴⁴. Embora localizado em um bairro domiciliar, é bem próximo da área comercial da cidade. Por fora, o Salão se assemelha a uma casa, num estilo rústico, com paredes feitas de tijolos aparentes e janelas brancas. Na entrada, há uma porta larga e alta, e um tapete grande no chão. Dentro do Salão, há um corredor central, com portas laterais que dão para os banheiros, quarto de despejo, e um escritório, onde são feitas as operações financeiras de manutenção⁴⁵ do Salão, a partir das doações, e organizadas as fichas individuais que cada membro deve preencher mensalmente indicando sua cota de horas no serviço de pregação. Ao lado do escritório, na parede, fica um mural onde são expostos textos e avisos para a comunidade em geral.

O corredor central dá acesso ao salão principal que contém cadeiras confortáveis lado a lado, dispostas em três fileiras, sendo a do meio a mais larga. O local é bem arejado, pintado de branco e azul, e conta com janelas largas nas laterais e ventiladores presos a estas paredes. O “púlpito” não é um local determinado para um líder entre os membros. No que consta nas minhas observações, não há tal líder. Há, em vez disso, uma Comissão de anciãos designados e que são responsáveis pela organização das reuniões, como veremos no decorrer deste capítulo. Assim, o púlpito é apenas o local a partir do qual as reuniões são dirigidas.

Essa tribuna, toda enfeitada com tapetes e vasos de flores, é dividida em três situações. À esquerda, se encontra uma mesa com quatro cadeiras. À

⁴³ Salão do Reino é a nomeação utilizada pelas Testemunhas para se referirem aos locais de reunião. Cada Salão abriga cerca de duas congregações, é por isso que as reuniões são geralmente divididas em dois grupos, de quarta-feira e sábado para uma congregação, e de quinta-feira e domingo para a outra. Concentrei minha observação participante nas reuniões de quarta-feira e sábado para me integrar a uma congregação especificamente.

⁴⁴ Embora também tenha feito pesquisa de campo e entrevistas na cidade de São Paulo, para compreender melhor a dinâmica interna da congregação me ative ao Salão do Reino da cidade de Boituva pelo fato de concentrar não apenas membros comuns, mas também betelitas, devido à proximidade desta cidade de Betel.

⁴⁵ Os donativos feitos no Salão do Reino são administrados por cada congregação para as despesas cotidianas como água, luz, IPTU, etc.

direita, duas cadeiras lado a lado e um microfone de frente para o público. Ao centro, uma armação de madeira e um microfone, utilizados pelos diversos oradores. Nas laterais da tribuna, no alto, estão dispostas duas caixas de som. Pregado na parede central, um quadro de vidro, com os dizeres: *“Dê testemunho cabal das boas novas’ - Atos 20:24”*.

Como foi dito, cada congregação constitui em si um corpo organizado e, desta forma, este Salão é formado por duas congregações, a congregação Leste⁴⁶, composta pelas Testemunhas que moram na zona Leste da cidade, e a congregação da Central, composta por aqueles que moram ali mesmo no centro.

A responsabilidade da coordenação de todas as atividades semanais de cada congregação fica aos encargos de membros representantes, conhecidos como “anciãos” e “servos ministeriais”. Compreender as atividades exercidas por estes dois grupos de membros é, portanto, fundamental para compreender a dinâmica das reuniões das Testemunhas no Salão do Reino.

Os anciãos são conhecidos como servos responsáveis pela manutenção das questões espirituais da congregação. Fica sobre sua responsabilidade o andamento das reuniões, bem como a manutenção do trabalho de pregação e, nesse sentido, a manutenção de um bem-estar entre os membros na congregação. Diante de problemas, como desentendimentos entre membros, ou mesmo desentendimentos conjugais, entre pais e filhos, ou comportamento indevido de congregados, é esperado que os anciãos ajam como conselheiros e, sempre em dois ou mais, procurem restabelecer a ordem e harmonia entre as pessoas envolvidas. Essa ajuda se dá a partir da leitura em conjunto dos textos bíblicos referentes ao problema em questão. Nesta função, eles tanto podem ser solicitados por alguém da congregação, quanto podem chamar atenção de alguém ou oferecer auxílio. No caso do auxílio estar relacionado a questões de ordem material, como ajuda financeira, a questão vai a público e todos da congregação podem se envolver conforme a opinião de cada um. No entanto, um ancião nunca age como porta-voz de alguém para a resolução de um problema, mas apenas como um conselheiro.

⁴⁶ Alvo de boa parte de minha observação participante.

Em casos de “desassociação”, são os anciãos que intervêm e mediam a situação entre o fiel e a congregação. Este fiel é, então, orientado a desculpar-se publicamente pelo erro cometido. Caso não o faça, é entendido que este não se arrependeu de seu ato, e aí sim é desassociado publicamente⁴⁷, e impedido de participar do trabalho de pregação, embora não seja impedido de participar das reuniões. Uma vez desassociado, este fiel pode novamente tornar-se um membro ativo conforme for retomando paulatinamente suas atividades dentro da congregação, sob a inspeção dos anciãos. Os casos mais comuns e que podem levar à desassociação são os relacionados ao “mau-comportamento” do fiel na vida familiar, como a prática do adultério, atos de violência com quem quer que seja, ou práticas consideradas proibidas e imorais pela religião, como o uso de drogas e práticas sexuais antes do casamento⁴⁸.

Uma observação relevante é a de que o termo “ancião” não se refere a um homem maduro, ou mesmo idoso, em anos de vida, mas em responsabilidade dentro da congregação, podendo ser casado ou solteiro, contanto que tenha mais de 25 anos. Esta posição na congregação é a de maior destaque, sendo que um membro apenas pode ser “designado” ancião pela Comissão de Filial de Betel⁴⁹, a partir de seu comportamento como Testemunha de Jeová, o que inclui a participação constante em todas as

⁴⁷ Esse ato público, embora discreto, é um alerta para a congregação, que passa a tratar essa pessoa com um considerável distanciamento. Durante a reunião, o ancião responsável apenas menciona o nome completo da pessoa e diz que ela não é mais Testemunha de Jeová.

⁴⁸ Um aspecto interessante da “desassociação” é o fato de não haver nem um afastamento efetivo da pessoa desassociada e nem um convívio harmônico. Há certo distanciamento dos demais membros de forma que este se sinta isolado, no entanto, a família deste ex-membro acaba passando pelo constrangimento em vê-lo “marcado” entre os congregados. Assim, ou o ex-membro pára de freqüentar as reuniões ou mantém a presença com a intenção de se reintegrar à congregação. Essa reintegração depende de seu retorno paulatino às atividades e a uma entrevista com o corpo de anciãos. Essa mobilidade do membro, de ir e vir, não sem constrangimento para si e sua família, acaba, entretanto, permitindo um tipo de circulação interna de membros recorrentemente desassociados e reintegrados, evitando que estes sejam efetivamente afastados do grupo.

⁴⁹ O processo já é conhecido. O Corpo de Anciãos indica um membro da congregação para ser designado ancião e faz uma entrevista com ele, desejando saber se ele gostaria de exercer essa função. Então é encaminhado um pedido até a Comissão de Filial que, após passar pelos pareceres dos superintendentes de circuito e distrito, dá o parecer final.

atividades, bem como um comportamento exemplar também em seu seio familiar⁵⁰.

Já os servos ministeriais ficam responsáveis pelas atividades de ordem técnica, como a manutenção do Salão do Reino (limpeza, elétrica, hidráulica, correspondências, atividades no escritório, etc.), e a organização material das reuniões (iluminação, posição dos microfones e acomodação dos congregados). Indicados pelo corpo de anciãos conforme sua dedicação na congregação, ou seja, sua assiduidade nas reuniões e no trabalho de pregação, os servos ministeriais também são designados apenas pela Comissão de Filial. Diferentemente do ancião, uma Testemunha pode se tornar servo ministerial a partir de 18 anos de idade. Aquele que deseje ser um dia um ancião, antes, deve obrigatoriamente prestar auxílio como servo ministerial. Apenas homens exercem atividades de coordenação, tanto na organização geral quanto nas reuniões especificamente, cabendo às mulheres a participação apenas nas dinâmicas encenadas durante as atividades da “Escola do Ministério Teocrático”, de que falaremos mais adiante.

⁵⁰ É preciso destacar que essa posição não é definitiva. Caso haja algum problema de ordem moral, mesmo que não seja de autoria do próprio ancião, mas de ordem familiar, ele é prontamente destituído desse “cargo”. Um caso desse tipo ocorreu durante meu trabalho de campo em uma outra congregação, quando a filha de um ancião, que também era Testemunha de Jeová, ficou grávida sem estar casada. Prontamente ela foi desassociada e seu pai destituído do cargo de ancião. Um tempo depois, a moça se casou e foi reintegrada à congregação. Seu pai, porém, não foi reintegrado ao Corpo de anciãos.

3.3 A Dinâmica das Reuniões

3.3.1 Quarta-Feira: Educar-se para Educar

Quarta-feira, à noite, as Testemunhas da congregação Leste chegam ao Salão do Reino para mais uma reunião. Animados, conversam informalmente enquanto cumprimentam os que vão chegando. Pouco a pouco o Salão fica cheio. Visitantes são bem-vindos, mesmo que seja apenas para fazer uma pesquisa. Não parecem se importar com a presença de um pesquisador porque em geral acreditam que qualquer um que os visite vai “ver a diferença das outras religiões”.

São exatas 19h15min e um dos anciãos se dirige ao microfone principal e pede aos demais que se assentem porque a reunião vai ser iniciada. Este mesmo ancião sobe à tribuna e avisa que o cântico a ser entoado é o de número 118, intitulado “Zelemos pela casa de Deus”. Conforme as caixas de som o reproduzem em sua forma instrumental, as Testemunhas, em pé, tomam seus livros de cânticos (Watch Tower, 1985) e começam a cantar:

118. ZELEMOS PELA CASA DE DEUS
(MALAQUIAS 3:10)

Zelemos da casa santa de Deus,
Provando que somos bons servos Seus.
O nome sagrado nela reluz.
Com glória celeste, Deus a conduz.

Tal qual Neemias que restaurou
A adoração que sempre prezou,
Rendamos a Deus as “décimas partes”,
Sabendo que Ele assim ordenou.

A gloriosa luz está
Na casa santa de Jeová.
Por esta vamos bem zelar.
Conosco Ele irá morar.

A casa de Deus recebe atenção,
É sua família em união.
Agora ali reside a paz,
Pois há um “mordomo” fiel e veraz.

As “coisas valiosas” vamos levar,
Com nossas “primícias”, a Deus honrar.
Jeová, do seu trono, bênçãos derrama,
E faz-nos servi-Lo com gozo sem par.

A gloriosa luz está
Na casa santa de Jeová.
Por esta vamos bem zelar.
Conosco Ele irá morar.

Então, o ancião faz uma oração de abertura em voz alta, pedindo proteção, sabedoria, enquanto todos os presentes ficam de pé, em silêncio, com suas cabeças baixas e os olhos fechados. Ao terminar, todos dizem “Amém” e se sentam. Está iniciada a reunião do dia, dividida em três períodos: Estudo Bíblico de Congregação, Escola do Ministério Teocrático e Reunião de Serviço.

☒ Estudo Bíblico de Congregação

A primeira parte da reunião é dedicada ao “estudo” do livro “Viva tendo em mente o dia de Jeová” (Watch Tower, 2006) ⁵¹. Dois irmãos ficam na tribuna, um em cada microfone e, conforme o primeiro lê o parágrafo, o outro lê a questão proposta e indica um irmão da congregação para respondê-la. Assim, os irmãos se voluntariam para responder as perguntas e dois servos ministeriais, um em cada corredor, ficam encarregados de levar o microfone até o irmão para que este possa responder. A dinâmica é simples: é feita a leitura de um texto, geralmente de uns 8 parágrafos, parágrafo por parágrafo, são colocadas as questões e os demais participam respondendo as perguntas colocadas. Cada Testemunha acompanha a reunião com seu próprio livro. E a participação da congregação é intensa⁵², sendo que para cada questão cerca de 4 pessoas erguem a mão para responder.

Para um visitante, é quase impossível acompanhar o conteúdo da leitura porque é tudo muito rápido. Quem opte por prestar atenção na movimentação geral, em quem diz o quê, não consegue prestar atenção no que está sendo dito, e vice-versa.

⁵¹ A leitura fica restrita a 8 parágrafos de um capítulo. O seu conteúdo é essencialmente doutrinário e contém uma pergunta por parágrafo. Essas perguntas são enunciadas na tribuna.

⁵² É importante tomar nota de que, para participar da reunião de forma plena, esse exercício, de leitura e busca de respostas para as perguntas, deve ser feito em casa, ou seja, num momento anterior, porque a dinâmica da reunião é muito rápida e seria impossível participar ativamente apenas a partir da leitura feita naquela hora.

Evidentemente que as questões colocadas referentes aos parágrafos são facilmente respondidas, pois se destinam muito mais a uma memorização textual do que a uma reflexão externa. Por esse motivo, este processo é rápido, trazendo consultas à Bíblia conforme esta é citada durante o texto.

Junto com cada livro, as pessoas mantêm uma espécie de calendário com as marcações dos capítulos e parágrafos a serem lidos para cada semana. Há também um folheto⁵³ contendo toda a programação das reuniões do mês, incluindo os cânticos e o tempo a ser gasto em cada atividade. Este momento da reunião dura cerca de 30 minutos. Concluída a leitura e verificação do texto, os dois irmãos se sentam. Outro ancião sobe à tribuna e dá início à segunda parte da reunião.

☒ Escola do Ministério Teocrático⁵⁴

O ancião responsável discursa rapidamente sobre o tema “perseverança” considerando uma leitura que já deveria ter sido feita por todos da congregação em seus lares. Depois, questiona o público a respeito de alguma participação. Há nesse momento uma participação geral, embora discreta, onde a mesma dinâmica anterior é seguida. As pessoas que desejam fazer comentários a respeito da leitura obrigatória levantam suas mãos e são logo auxiliadas pelo servo ministerial com o microfone. Após alguns comentários, de mais ou menos 5 pessoas, o ancião desce da tribuna dando lugar a um jovem.

O pré-adolescente, de cerca de 12 anos, ocupa a tribuna, faz referência à “lição” a ser considerada citando as páginas 111 a 114 do livro “Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático” e o assunto: “modulação de voz”. E, então, começa a ler um texto bíblico já selecionado. O texto em questão é Gênesis 25: 1 – 18. Em princípio fico perdida, pois não estou com a Bíblia para acompanhar a leitura e o texto me parece bastante complicado, pois trata da linhagem de Abraão e, por isso, contém toda sorte de nomes complicados de pessoas e

⁵³ Conhecido como “Nosso Ministério do Reino”, este folheto é distribuído mensalmente contendo a indicação de cada leitura semanal para orientar a congregação.

⁵⁴ Estudo baseado no livro: Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania. Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático. Cesário Lange, SP, Brasil: (Brazilian Edition) Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2001.

lugares por onde estas pessoas teriam passado. É quando me ocorre que objetivo em questão, embora todos acompanhem o menino numa leitura individual, é observar a modulação de voz do garoto. Ou seja, mais importante do que o conteúdo, neste momento, é a forma como o garoto lê. Terminada a leitura, o menino desce da tribuna e o ancião, responsável por esta parte da reunião, toma o seu lugar e começa a analisar a leitura do jovem de uma forma apreciativa, mostrando-o como exemplo da forma correta de ler. Então, desce da tribuna novamente e dá lugar a outra situação.

Na segunda dinâmica, duas mulheres sobem à tribuna, ocupam as cadeiras com a mesa e iniciam uma conversa. Uma delas fala da dificuldade de ensinar valores cristãos aos seus filhos enquanto a outra fica encarregada de instruí-la a partir de mandamentos bíblicos, falando sobre a importância de dar responsabilidade a eles nas tarefas de casa e na escola. Ao fim do diálogo, a segunda mulher indica à primeira o livro “O segredo da família feliz” (Watch Tower, 2006b). A cena é clara, trata de mostrar o papel de uma Testemunha em orientar as pessoas em situações familiares delicadas, onde podemos interpretar a segunda mulher como uma Testemunha e, a outra, uma pessoa comum, provavelmente uma estudante. Como na sessão anterior, ao final da apresentação, as duas voltam aos seus lugares e o ancião ocupa novamente a tribuna para comentar a cena assistida. Citando a página 93 do livro principal, ele analisa o tipo de fala de cada uma delas, enfatizando a necessidade de transmitir segurança, fluência e atenção à expressão das emoções, ou seja, mostrar interesse pela pessoa que expressa um problema, uma questão pessoal. Nesse caso, além de incentivar às Testemunhas a terem um comportamento “bondoso”, voltado às necessidades das pessoas a sua volta, chama atenção para uma postura adequada.

Na terceira, e última cena desta parte da reunião, um homem com cerca de 30 anos sobe à tribuna e discursa sobre um tema a partir de um texto escrito. O título é “Por que esforços humanos não vão trazer alívio?” e fala de como Jeová é o único recurso que o homem dispõe para viver com segurança. Outra vez, a razão da dinâmica está em observar a maneira como o jovem discursa sobre o tema, sem ler o texto. Esse é um dos casos em que apenas homens participam, pois se trata de treinar futuros oradores.

Como podemos perceber, nesse momento, a tarefa do ancião é de grande importância porque compete a ele a condução de cada apresentação, bem como o comentário acerca do desempenho, da performance, de cada um que se expõe diante do público. Como um professor que orienta um aluno, o ancião atua como um instrutor que não somente faz críticas, mas elogia os pontos fortes e alerta para possíveis melhoras na ação individual. O livro em questão serve, então, como um guia, que orienta não só o ancião, mas toda a comunidade. A proposta é, portanto, treinar as Testemunhas para que estas aprendam a se portar diante de seu público, tanto nos momentos de pregação, quanto nos estudos bíblicos a que se dedicam. Em seguida, iniciam outro cântico e dão continuidade à última parte da reunião.

211. TRABALHADORES JUBILOSOS NA COLHEITA

(MATEUS 9:37, 38)

A época é de colheita,
Um tempo sem comparação.
Os anjos estão trabalhando,
Ceifar é sua função.
Jesus é quem fez o plantio,
No campo a semente lançou.
E nós jubilosos podemos ser.
A safra já amadurou.

O “trigo” está no “celeiro”.
O “joio” já se definiu
E chora, rangendo os dentes.
Por Deus, rejeitado, se viu.
Os servos de Deus, bem dispostos,
De sol a sol vão trabalhar.
A safra de mansos, quão grande é!
Urgente é colaborar.

Na terminação da colheita,
Mostrar diligência convém,
Usar um compasso intenso
E acelerado também.
Mostrar interesse nos mansos,
Com nosso amor bem condiz;
À classe do “trigo” os ajuntar.
Que bela colheita feliz!

Avisa o Dono aos servos:
‘O grão atingiu madurez.
Estão muito brancos os campos,
A ceifa requer rapidez’.
Até o final da colheita,
Esforços não vamos medir.
A safra precisa de todos nós,
Com júbilo vamos servir.

■ Reunião de Serviço

Um servo ministerial informa que a assistência é de 137 pessoas, o que significa o número de pessoas presentes no dia. Então, tem início alguns anúncios importantes, razão desta última etapa.

Um ancião sobe à tribuna e lê a todos uma carta enviada pela Comissão de Filial de Betel sobre o lançamento de mais um DVD com tradução para o português, com o título “Empenhem-se por obras que agradam a Deus”, cuja finalidade é incentivar os jovens a adquirirem maiores responsabilidades dentro de suas congregações.

Em seguida, anuncia a chegada de irmãos à congregação que mudaram recentemente para a cidade, assim como a transferência de irmãos para outras congregações por motivos semelhantes. Anuncia também a designação de dois novos servos ministeriais, ambos com cerca de 30 anos de idade.

Então, um jovem servo ministerial apresenta um convite a respeito da “Comemoração da Morte de Cristo”⁵⁵, que é realizada todo ano pelas Testemunhas entre os meses de Março e Abril. Trata-se de um evento aberto, onde a intenção é justamente convidar o maior número de pessoas possível. Por isso, o período que antecede essa comemoração é entendido por todos como um período de “campanha” para promover o evento e, portanto, se torna também um momento para intensificar o trabalho de pregação.

São distribuídos os convites aos membros da congregação e então é feita uma nova dinâmica para demonstrar como todos devem fazer o convite à comunidade. Um casal sobe ao púlpito e a mulher representa o papel da Testemunha fazendo o convite a um estudante, papel representado por seu marido. É necessário salientar cada aspecto do convite, como o aviso de que “não se faz coleta” e o fato de haver pessoas de diferentes faixas etárias e diferentes camadas sociais. Em seguida, duas mulheres ocupam o púlpito e fazem uma nova dinâmica, dessa vez entre mãe e filha, sendo que ambas representam respectivamente uma Testemunha e uma pessoa leiga.

⁵⁵ Essa comemoração é realizada todos os anos desde os tempos do presidente Russell. E consiste numa representação da Santa Ceia, onde estão presentes o vinho e o pão sem fermento. Nesta ocasião, o evento bíblico é lembrado e comemorado como forma de confirmação de que são seguidores de Cristo.

De um modo geral, o ancião, presente na tribuna, orienta o “treino” em casa da apresentação do convite, e a insistência em entregar em todas as casas por onde passarem durante a pregação, mas priorizando um contato direto com o morador para ter a oportunidade de explicar o sentido da comemoração e a importância do comparecimento de todos.

O último cântico é entoado:

87. A REFEIÇÃO NOTURNA DO SENHOR
(1 CORÍNTIOS 11:23-26)

Jeová, nosso Pai nas alturas,
A noite sagrada chegou.
No dia quatorze do mês de nisã
Tua glória se manifestou.
Comeu Israel um cordeiro.
Liberto o povo partiu.
E Jesus, por sofrer,
qual Cordeiro morrer,
A divina palavra cumpriu.

Diante de ti nós estamos
Unidos em comemorar,
Teu grande amor em mandar-nos,
do céu, Teu Filho pra nos resgatar.
Nós já vemos posta a mesa
Com vinho e ázimo pão.
São lembretes vitais, muito memoriais,
Como símbolos de redenção.

O pão representa o corpo
Que Cristo por nós todos deu.
O copo de vinho um símbolo é
Do sangue que ele verteu.
Então, Jeová, dessa noite
Lembramos com terno amor.
E assim, com Jesus, andaremos na luz,
Dando sempre a ti o louvor.

É finalizada a reunião com uma oração dirigida por um ancião, que pede proteção a todos, perdão pelos pecados e finaliza com o *Amém* público. É o fim de mais uma reunião de quarta-feira às 21h00 pontualmente.

Através do título “Educar-se para Educar”, atribuído às reuniões de quarta-feira, faço menção ao seu principal objetivo que ganha destaque no segundo período da reunião com a Escola do Ministério Teocrático. A reunião, neste dia, portanto, está fundamentada no preparo de cada membro da congregação para a atividade de pregação. E este preparo, como foi possível perceber, consiste não apenas na internalização de um conjunto de crenças

que serão levadas a público, mas num processo de caracterização apreendido em dramas encenados como exercícios posturais, também necessários ao cotidiano na congregação de um modo geral. Outro dado interessante é o número de publicações da Sociedade a que se faz referência em cada momento da reunião. Em outras palavras, há uma vasta quantidade de publicações para todos os assuntos, para a “padronização” de um modo de pregar, para assuntos de ordem comportamental (sobre o papel dos jovens, por exemplo) e a questão mais propriamente teológica.

3.3.2 Sábado: Construindo um Saber sobre o Mundo

Sábado à noite, a congregação Leste se reúne para o estudo da revista “A Sentinela”, edição mensal de estudo, que conta com quatro “artigos” principais descritos já na capa da revista, com os respectivos cânticos, relacionados ao tema dos artigos a serem entoados a cada estudo.

As Testemunhas chegam, cumprimentam-se e conversam animadamente. Cada pessoa que chega é percebida e recebida por um grupo de servos ministeriais que apenas as cumprimenta ou amistosamente as conduz, se necessário, aos assentos vagos.

São exatas 20h00min e um dos anciãos se dirige ao microfone e pede aos demais que se assentem para que a reunião comece. Este avisa que o cântico a ser entoado é o de número 29, intitulado “Avante, Testemunhas”. Como sempre, as caixas de som o reproduzem em sua forma instrumental, e as Testemunhas, em pé, tomam seus livros de cânticos e começam a cantar:

29. AVANTE, TESTEMUNHAS

(LUCAS 16:16)

Firmes, pujantes, os servos do Senhor
As novas do Reino, defendem com ardor,
Pois sabem que Deus os resguarda;
Seu poder contra Satanás não tarda.

Então, Testemunhas valentes, avançai!
Alegres, aos mansos, verdades ensinai.
Sim, ide pregar que a Nova Ordem vem.
Ricas bênçãos, guardadas, Jeová tem.

Homens iníquos desprezam a razão.

Ao nome de Deus mostram grande aversão.
Será restaurado de novo,
Mediante seu mui amado povo.

Então, Testemunhas valentes, avançai!
Alegres, aos mansos, verdades ensinai.
Sim, ide pregar que a Nova Ordem vem.
Ricas bênçãos, guardadas, Jeová tem.

Como guerreiros, não levam vida vã,
Rejeitam o mundo, mantendo mente sã.
Não querem ficar corrompidos;
Mas, honrosos, manter-se destemidos.

Então, Testemunhas valentes, avançai!
Alegres, aos mansos, verdades ensinai.
Sim, ide pregar que a Nova Ordem vem.
Ricas bênçãos, guardadas, Jeová tem.

Em seguida, o mesmo ancião que orientou o cântico dirige a oração de abertura da reunião. Na oração, recitada de forma breve e em voz audível, porém suplicante, pede conhecimento, proteção e perdão dos pecados. O público, ainda em pé, permanece de cabeça baixa e olhos fechados até que a oração termine com um sonoro *Amém* proferido por todos. Todos se sentam.

■ Discurso Público

O ancião responsável pela abertura da reunião apresenta o tema a ser considerado: “Como encontrar segurança num mundo perigoso”. Chama então um ancião convidado, vindo de uma congregação de Iperó (cidade vizinha) para o discurso daquela noite⁵⁶. O novo ancião se acomoda na tribuna, cumprimenta a todos e inicia seu discurso com algumas manchetes dos

⁵⁶ Em cada congregação há um Corpo de Anciãos, de número variável. A cada reunião, um ancião diferente fica responsável pela montagem do texto do discurso. Ou seja, os discursos são geralmente atribuídos aos anciãos de forma rotativa. Uma vez considerado o tema do discurso, há um arquivo, concedido pela Comissão de Filial, com esboços já contendo o esqueleto do texto. A partir desse esboço, o ancião responsável pelo discurso da vez e irá acrescentar citações bíblicas adequadas, sugestões de publicações e possíveis exemplos de situações cotidianas que auxiliem no entendimento do assunto abordado. Desse modo, os textos sempre têm estreita relação com o tema do artigo da revista a ser estudada naquele dia. Como podemos perceber, a liberdade do ancião na construção do discurso é mínima. Ao que concluo que, quanto menor for a possibilidade de destaque pessoal de cada membro, menor a possibilidade de qualquer referência carismática com este. Assim, todos os anciãos podem ser vistos como contribuidores, mas a nenhum deles é agregado um valor de maior importância. Desse modo, tudo o que fazem é devidamente controlado pela Comissão de Filial, através dos relatórios periódicos dos superintendentes de circuito e distrito.

principais jornais da semana. As notícias são de assaltos ocorridos na última semana na cidade de São Paulo. E assim o irmão começa a falar a respeito dos perigos do mundo atual e de como o Salmo 91 pode ajudar as pessoas a se orientarem e se protegerem de todos estes perigos.

Segundo este orador, Satanás faria uso dos desejos carnis humanos para fazer com que o homem fraquejasse em relação aos propósitos divinos. Jeová, portanto, seria o único refúgio humano possível.

O orador, fazendo uso agora de dados da década de 1970 e 1980, embora não citando suas fontes, mas referindo-se a elas como resultado de uma pesquisa da Organização, discursa a respeito do crescimento da criminalidade no decorrer dos anos. Os relatos vão dando forma a um quadro dramático das mudanças que o mundo estaria vivendo, mudanças para pior.

São citados trechos bíblicos que são, um a um, consultados pelo público e lidos em voz alta pelo orador. Todos eles confirmam que as atrocidades ocorridas já são previstas e a única proteção possível é a divina. Esta proteção, portanto, seria como uma armadura, um escudo, contra as maldades do mundo.

O mesmo orador recorre então a um exemplo muito ilustrativo do que significaria uma pessoa que não dispusesse desta armadura divina de proteção. Segundo o exemplo, o homem, ou o ser humano, é tomado, analogamente, tal qual um comprimido efervescente. Dispondo ainda de seu envelope e caixinha, este comprimido simbolizaria um homem que porta a armadura protetora de Deus. Então, conforme este homem começasse a se descuidar de suas obrigações espirituais, sua proteção diminuiria. O orador narra assim o processo de perda deste escudo por um homem que perdesse sua fé e se afastasse de Deus. O homem que parasse de crer e cumprir suas tarefas seria semelhante ao comprimido já sem a caixinha e o envelope. Por fim, o orador coloca este comprimido em um copo de água, e este começa a se dissolver e ferver. Assim, conclui o orador, ocorreria com o homem sem fé, “descumpridor das leis”, “distanciado de Deus” e sem proteção, seria diluído, dissolvido, pelo mundo ao seu redor ou, como costumam se referir as Testemunhas, pelo *sistema de coisas*. Assim, o irmão insiste que as Testemunhas estariam protegidas dos males desde que não se distanciassem

dos propósitos divinos. O orador termina seu discurso e, após receber uma salva de palmas, cede lugar ao ancião que está dirigindo a reunião.

Seguindo um roteiro, o ancião responsável daquela noite dá o título de outro cântico. As pessoas novamente consultam seus livros e todos cantam:

10. SEJAMOS CONSTANTES, INABALÁVEIS
(1 CORÍNTIOS 15:58)

Neste o caso dos dias finais,
Temos de dar energias vitais,
Inabaláveis queremos servir,
Fidelidade exibir

Constantes nós vamos ser,
Longe do mundo viver,
Bem nutridos na fé,
Integridade ter.

Neste sistema, manter mente sã
É um dever, incumbência cristã.
Fé e constância mostremos a Jah,
Ele nos amparará.

Constantes nós vamos ser,
Longe do mundo viver,
Bem nutridos na fé,
Integridade ter.

Vendo o alvo tão inspirador,
Nós serviremos a Deus com vigor.
Sempre iremos o Reino buscar.
Breve o fim vai chegar.

Constantes nós vamos ser,
Longe do mundo viver,
Bem nutridos na fé,
Integridade ter.

■ Estudo de *A Sentinela*

A segunda e maior parte da reunião é caracterizada pela leitura do artigo designado. Um irmão, não necessariamente um ancião, se posiciona ao lado direito do palco, diante do microfone, e começa a leitura numa dinâmica bastante simples. Cada artigo consta de um número de parágrafos marcados com uma questão correspondente ao fim do texto. A cada parágrafo lido em voz alta, o ancião dirigente lê a pergunta referente e os irmãos desejosos de responder a questão erguem suas mãos para que os servos ministeriais

venham em sua direção com o microfone. Então o irmão selecionado responde a pergunta.

O artigo, de título “Por que manter a integridade?”, consta de 5 páginas que totalizam 17 parágrafos e, portanto, 17 questões. O texto trata basicamente da necessidade de uma Testemunha se esforçar para se manter obediente aos “preceitos morais” e evitar situações que a induzam ao “erro”, e citam como exemplos, agir com violência, fazer fofocas ou acessar sites com conteúdo pornográfico.

Como encerramento é entoado um último cântico:

160. ANDAR EM INTEGRIDADE

(SALMO 26:1)

Oh, julga-me, Senhor Jeová, meu Deus.
Confio só em ti e nos juízos teus.
Eu ando, sim, na minha retidão;
Refina, por favor, meus rins e coração.

Mas, quanto a mim,
A ti, Jeová, eu vim.
Andar até o fim
Integridade sim!

Afasto-me de tudo o que é mau.
Iniquidade há, em excessivo grau.
Suplico a ti, ó Rocha, Salvador,
A tua proteção, no dia do furor.

Mas, quanto a mim,
A ti, Jeová, eu vim.
Andar até o fim
Integridade sim!

É meu prazer andar na tua lei.
A tua casa, Pai, é meu lugar, bem sei.
Do teu altar, em volta vou marchar,
Pois quero te servir; tua glória declarar.

Mas, quanto a mim,
A ti, Jeová, eu vim.
Andar até o fim
Integridade sim!

O ancião dirigente faz a última oração, agradecendo a reunião, pedindo proteção para os presentes e perdão pelos pecados. Terminam com outro sonoro Amém e está terminada a reunião de sábado, com a duração de exata 1h45min, com a presença de 128 pessoas, informação dada pelo ancião.

Alguns ficam ainda por uns minutos conversando enquanto os servos ministeriais, responsáveis pelo fechamento do Salão, organizam as cadeiras, fecham as janelas, desligam os ventiladores e luzes. Mais um dia de atividades cumpridas.

De modo semelhante à reunião de quarta-feira, a reunião sábado é longa, porém, dinâmica. Nesse dia, contudo, a reunião se destina mais ao fortalecimento da crença, auxiliado pelo ajuste das questões do mundo atual, neste caso a violência, com o que seria propriamente esperado segundo as Profecias. O perfeito arranjo entre o mundo vivido e o mundo esperado dá a idéia central dos discursos, a idéia de que não se pode desanimar.

É notável a maneira pela qual as atividades em congregação são realizadas de forma a incluir todos os membros sem que ninguém tenha um papel centralizador no andamento da reunião. Embora os discursos principais sejam rotativos, o conjunto de anciãos que não discursa naquele dia fica responsável por outras tarefas, como a oração, a condução do cântico e das perguntas à comunidade. O mesmo acontece entre os servos ministeriais. Do mesmo modo, periodicamente todos os membros da congregação são designados aos dramas encenados à comunidade durante as atividades da Escola do Ministério Teocrático. A tendência desse tipo de relação comunitária dinâmica é que todos se sintam igualmente representados dentro da congregação. Sem o perceber, os membros da Sociedade tornam-se Testemunhas também da eficácia desse arranjo social em manter coesa a comunidade de membros. É possível, e muito provável, que essas designações de servos e anciãos acarretem insatisfações, no entanto, ao que parece, estas conseguem ser contidas pela estrutura dinâmica de poder que organiza e dirige a congregação, já que o aval das designações é dado pela Comissão de Filial.

E, se por um lado, nenhum membro parece ganhar destaque entre os demais, é durante a pregação nas ruas que todos, principalmente as mulheres, que não possuem funções específicas, podem lidar com sua atividade como uma ação de considerável protagonismo em relação à divulgação da crença que possuem.

3.4 Quem Testemunha, Prega

O trabalho de pregação, longe de ser uma simples atividade em que se dedica alguns minutinhos em qualquer dia da semana, é atividade obrigatória para todos os membros⁵⁷, e precisa ser realizada cotidianamente, geralmente nos fins de semana, debaixo de sol, no vento frio, nos dias de folga do trabalho, nos domingos de manhã, nos feriados. Um fator de extrema importância, porém, é que este mesmo trabalho que lhes confere identidade de grupo é também o que desperta grande antipatia na sociedade em geral, principalmente por ser considerada uma forma de aproximação inconveniente. No entanto, em vez de encontrar pessoas aborrecidas com esta obrigação, encontrei fiéis insistentes que compreendem este trabalho também como uma prestação de um “serviço social”.

Alguns relatos explicitam a relação destes fiéis com essa atividade.

Quando a gente está em trabalho de pregação, a gente é preparado para falar com todos os tipos de pessoas. Por exemplo: às vezes a gente encontra uma pessoa idosa e já adaptamos a situação pra falar pra ela de um futuro que Deus promete, que um dia, por ela estar com a saúde limitada, ela pode novamente estar vivendo como uma pessoa jovem, se ela não gostaria disso. Aí você pega no livro de Isaías e já mostra pra ela que isso é possível. Quando você encontra um jovem você fala de um futuro, que futuro ele gostaria de ter. Por exemplo, você pega o livro de Revelação, 21:4, Deus ali promete um futuro onde a situação que nós vivemos hoje, violência, guerra, fome, vai deixar de existir. Ninguém vai chorar mais por tudo aquilo que nós vivemos hoje... Pega uma pessoa que é crente e você já fala de Jesus Cristo pra ela. A maioria das pessoas que nos atende são pessoas religiosas, e você já começa falando de Jesus Cristo, né. Então são diversas né (situações), quase sempre adaptações. Pega uma pessoa jovem, você tem que ter uma adaptação pra aquela pessoa jovem, você num vai falar, por exemplo, de violência, pegar um jovem de 15 anos, falar de violência pra ele e ficar mostrando textos bíblicos de coisas que ainda vai se cumprir, quer dizer..., é difícil. Então você pega um texto e fala do que Deus promete, que ele vai poder fazer no futuro, no paraíso, poder brincar com um leão, poder brincar com uma cobra perigosa, ou brincar com um urso, ele já fica 'opa, será que é possível mesmo?'. Aí você mostra na Bíblia que é possível... (Marcelo, 37 anos, técnico em informática, Testemunha de Jeová há 15 anos, servo ministerial, publicador)

⁵⁷ Segundo as entrevistas, todas as Testemunhas de Jeová, incluindo os membros da Comissão de Filial e do Corpo Governante, realizam a atividade de pregação de porta em porta. Entretanto, não foi possível verificar essa questão. Também, é importante salientar que estas atividades não se referem apenas aos adultos, mas também aos jovens - me refiro aos adolescentes entre 14 e 18 anos, que, em geral, ainda contam com responsabilidades escolares -, embora não haja nenhuma idade estipulada a partir da qual esta atividade é exigida.

Eu gosto muito de alguém me ouvir e fazer um diálogo comigo, porque falando comigo eu posso mostrar como funciona os mandamentos, qual é a vontade de Deus. Aquele que fala é muito mais fácil de persuadir do que aquele fechado. Filipenses 1:10 certifica do que é mais importante, aí eu vou usando o conhecimento que Jeová me deu e dentro de segundos já me vem na mente, o que é melhor do que o assunto... do Reino de Deus. De tanto que eu amo falar nesses assuntos que eu nem percebo, quando vejo já passou 15, 20 minutos. Hoje sou um cidadão que tenho alegria de viver, tenho paz porque o que tira nossa paz é a gente ter dúvida, não ter confiança. Hoje, o que no passado eu vivia sedento, hoje eu tenho condições de dialogar com qualquer pessoa, independente do nível de conhecimento, e de sair para pregar de casa em casa de cabeça erguida. O que é melhor, a riqueza física ou o conhecimento espiritual? Eu diria que seria o conhecimento espiritual. Eu não queria se um Abílio Diniz, Silvio Santos, ou esses homens que ganham muito dinheiro no dia do Armagedon. Eu queria ser o mesmo que eu sou". (Seu José, 61 anos, operário aposentado, Testemunha de Jeová há 33 anos, publicador)

Gosto de conversar com gente religiosa, apesar de ter diferença de questões doutrinárias, mas eu acho que é mais fácil desenvolver uma conversa porque primeiro que a pessoa já acredita em Deus e na Bíblia né. Então eu acho que é mais fácil você dali partir para uma conversa mais definida, um assunto mais definido. Diferente se você conversa com uma pessoa que não é religiosa, não acredita em Deus, que primeiro você vai ter que explicar para ela que Deus existe, que isso já num é fácil porque você num vai poder usar a Bíblia. E pra mim uma coisa que me dá muita satisfação no trabalho de campo é poder usar a Bíblia... A gente num está atrás de quantidade, a gente está atrás de pessoas. Mesmo que seja uma pessoa já valeu à pena. (Juliana, trabalha na faxina em Betel)

Sou do tipo que gosta de todos os desafios. Então quando uma pessoa aparentemente não vai receber bem, ou vem com uma atitude arrogante, ou uma forte objeção, então dá muita satisfação a gente conseguir com jeitinho usar a Bíblia pra argumentar com ela, não pra fazer um debate né, mas pra poder amansar a pessoa, explicar que o ponto de vista dela ela poderia ver de outra maneira. E também pelo lado daquelas pessoas que por serem receptivas, não terem tanta objeção, oposição, elas vão progredir mais rápido, aceitar e aí a alegria é muito grande de ajudar alguém a se tornar Testemunha de Jeová. (Paulo, trabalha como tradutor em Betel, ancião)

As narrativas acima ilustram o modo como é realizada a pregação. Logo, podemos identificar a forma de abordagem e os assuntos comumente tratados. A variedade de temas e a idéia de adaptá-los às pessoas conforme a idade e condição social enfatizam a existência de estratégias para a divulgação da crença do grupo, onde vale destacar a menção recorrente à Bíblia.

Desse modo, encontramos elementos particulares que demonstram como são treinados para a pregação. E o que chama atenção, nos quatro relatos, é o sentido racional com que se relacionam com a doutrina, onde fica evidente que, uma vez amparados no discurso bíblico, aceitar o sentido da mensagem pregada não é uma questão de empatia com um pensamento

religioso, mas uma questão de “esclarecimento”, ou “progresso”, em relação a uma “evidência” apresentada.

Há, portanto, uma construção de verdades amparadas em um discurso moral que dá a idéia de que essas verdades podem ser verificadas, no caso, na Bíblia. Nesse processo, o tom de certa forma autoritário com que pregam sua mensagem revela mais do que um sentimento de segurança em relação ao discurso, dada a propriedade com que descrevem suas atividades. Tal ritmo inflexível, taxativo, longe de refletir apenas uma segurança intelectual, reflete uma relação de protagonismo que a pregação estabelece entre Testemunha e leigo.

Ora, essa aparente autonomia proporcionada pelo preparo recebido atenua as posições hierárquicas dentro da comunidade de tal forma que Marcelo, seu José, Juliana e Paulo apresentam discursos e formas de abordagem muito semelhantes, embora assumam posições diferenciadas dentro da congregação.

Portanto, longe de sentirem-se submetidos a um sistema religioso autoritário, devido ao excesso de leituras e de horas de pregação a que são envolvidos, além das diversas restrições, sentem-se preparados por um sistema que, mais do que democrático, porque é conhecido entre eles como “teocrático”, permite que todos se tornem hábeis a pregar. Por isso, a atividade de pregação tem duas dimensões fundamentais, a saber, a divulgação da doutrina, ação propriamente proselitista, e o assentamento da fé, já que permite que a crença seja propagada e ao mesmo tempo reafirmada, assimilada, nessa atividade performática.

3.5 Pregando em meio à Diversidade Religiosa

Analisemos o seguinte trecho retirado da revista *Despertai!*:

IGREJAS: Que rumo estão tomando?

O que está acontecendo às igrejas “cristãs”? Onde você mora, elas estão diminuindo ou aumentando? É provável que ouça falar em reavivamento religioso. Vez por outra, ouve-se falar de igrejas em expansão em lugares como África, Estados Unidos e Europa Oriental. No entanto, as notícias que chegam de outros lugares do mundo, em especial da Europa Ocidental, falam de igrejas que fecham, de igrejas cujo número de adeptos diminui cada vez mais e de uma apatia generalizada em relação à religião.

Por causa da diminuição na assistência, muitas igrejas mudaram de estratégia. Algumas afirmam que “não julgam ninguém”, dando a entender que Deus aceita todo tipo de conduta. Em vez de ensinar a Palavra de Deus, cada vez mais igrejas oferecem diversão, emoção e atrações que nada têm a ver com religião. Embora alguns dos que freqüentam as igrejas considerem essas mudanças como necessárias adaptações às realidades do mundo moderno, muitas pessoas sinceras ficam pensando se as igrejas não estão se afastando da missão dada por Jesus.

O texto apresentado acima foi retirado da revista *Despertai!* do mês de Fevereiro de 2007 (Watch Tower, p. 3). Textos semelhantes podem ser encontrados em revistas dos anos anteriores. No entanto, há algum tempo, houve uma mudança na forma de a Sociedade falar a respeito de outras religiões. Se até os anos 1980, a postura das Testemunhas de Jeová era agressiva e se dirigia especialmente à Igreja Católica, nas décadas seguintes houve uma alteração tanto no tom quanto no conjunto de denominações religiosas mencionadas. Os discursos passaram de um tom imperativo e agressivo, para o “reflexivo”, não apenas sobre o catolicismo, mas sobre o contexto religioso mundial, considerando, sobretudo, o crescimento das Igrejas Pentecostais.

E é nessa circulação de Testemunhas de Jeová durante a pregação de porta em porta, que elas circulam pelo campo religioso, refletindo também à sua maneira sobre este contexto. Os relatos descritos abaixo nos oferecem pistas sobre essa reflexão:

Existe dentro de cada ser humano a questão espiritual. O que é a questão espiritual? Conhecer a Deus. As religiões, elas aproveitam isso, fazem na verdade um centro comercial e para atrair as pessoas elas fazem um grande banquete. Cada um tem a sua mesa enfeitada e cada um coloca o prato que mais atrai. Antigamente as religiões eram mais rígidas. Elas não aceitavam isso e pronto e acabou. Era proibido cortar cabelo, era proibido passar maquiagem. Hoje não, hoje mudou. Elas cortam o cabelo, pintam as unhas, de clarinho, soltaram ‘vamos soltar um pouquinho’ né. Então, na verdade, eles fazem um grande banquete, eu vejo realmente uma mesa muito grande, eles enfeitam, colocam várias comidas diferentes com bases de ensino diferentes, o que atrai as pessoas. ‘O que atrai? Isso e isso’. Então eles vão montando a

religião de acordo com o que as pessoas querem. Mas, por que as pessoas vêm lá e aqui? Porque isso na verdade não nutre as necessidades espirituais dela, não ajuda ela a encontrar o lado espiritual. Agora quando você vem e estuda o que as Testemunhas de Jeová colocam, não o ensino delas, é o ensino da Bíblia, você nunca verá 'as Testemunhas de Jeová acham isso'. E você nunca verá um ensinamento contrário ao que está na Bíblia. Eu nunca achei. Tanto que quando eu me tornei uma Testemunha de Jeová seguidora eu vi que era algo sólido. Isso supre a necessidade espiritual. (...) É isso que me fez querer ser uma Testemunha de Jeová cada vez melhor, porque eu tenho um objetivo, eu tenho aonde chegar. (...) É uma coisa muito fora do normal, é o que a Bíblia chama de 'poder além do normal'. (Mariana, 30 anos, dona de casa, Testemunha de Jeová há 14 anos, pioneira regular)

... realmente existe essa diversidade, e as pessoas têm essa opção. Só que o dia em que essas pessoas tomarem a posição de fazer um estudo da Bíblia e descobrirem o ponto de vista da Bíblia, aí elas não pulariam de galho em galho. Porque a verdade bíblica é única. Não existem várias verdades. O que eu acho é isso, que falta às pessoas é fazerem uma pesquisa da Bíblia. (Sônia, 36 anos, dona de casa, Testemunha de Jeová há 23 anos, Pioneira Regular na Congregação de Libras).

Às vezes é assim complicado pra gente alcançar o coração delas, levar as Boas Novas, esse conhecimento que a gente tem para elas, mas às vezes eu vejo um pouco mais de esforço, se elas nos permitem, talvez tentar voltar, e responder perguntas, talvez tirar as dúvidas delas, para tentar atingir o coração. E mostrar realmente o que a Bíblia ensina. Aí é uma questão delas, né. Se elas vão atender ou não. Então a gente tem que ter paciência, né, tolerância, persistência nesse sentido. (Dona Nilza, 49 anos, empregada doméstica, Testemunha de Jeová há 33 anos, publicadora)

Na verdade eu acho positivo, embora pareça ser confuso, porque eu acho que na verdade tudo isso indica que as pessoas estão atrás de algo espiritual. Porque se eu vou formar uma igreja ou se eu vou atrás de um banco de igreja é porque eu tô atrás de alguma coisa, tá faltando alguma coisa na minha vida. Então eu acho que hoje, apesar do mundo ser tão livre e ser tão moderno as pessoas ainda buscam algo interno, dentro delas, que é Deus. E a gente vê que embora o mundo esteja tão moderno, nunca se falou tanto de religião e de Deus como a gente vê no mundo hoje. Então eu vejo isso como um lado positivo porque a gente tem a oportunidade então de mostrar para as pessoas que existe um Deus vivo que se importa com você, que quer te ajudar, que tem um futuro maravilhoso. Então acho que embora exista toda essa, até uma certa assim mediocridade em volta da religião, mas é porque as pessoas estão em busca de Deus, às vezes o jeito que ela busca Deus não é o certo mesmo e é por isso que a gente faz esse trabalho, para mostrar para elas o que realmente a Bíblia ensina, o que Deus espera de nós. Acho mais fácil conversar com uma pessoa assim, que de certa forma está em busca de Deus, do que uma pessoa que fala assim 'olha, nem quero saber de Deus', como a gente já ouviu, 'meu Deus é o dinheiro, meus Deus é o Diabo e eu quero servir a Ele'. Então pra mim é produtivo, porque eu vou ter chance de mostrar para as pessoas que existe mesmo uma forma de adorar a Deus que é agradável a Ele. Não tô dizendo que é certo, deixo bem claro isso, o fato de as pessoas manipularem até o nome de Deus e textos da Bíblia e frases bíblicas pra ir pra Igreja, num é isso. Eu tô querendo dizer que eu acho positivo o lado de as pessoas estarem interessadas na verdade e em Deus. Elas estão numa busca espiritual que às vezes elas não entendem porque não acharam aquilo que complete elas. (Juliana, 33 anos, betelita)

Associando o texto retirado da revista *Desperta!*, destacado no início deste tópico, aos relatos aqui descritos, é patente a forma como as

Testemunhas conseguem fazer uma relação entre a diversidade de religiões existente e a importância não somente da religião que seguem, e que evidentemente crêem ser a única verdadeira, mas a importância da atividade de pregação que fazem.

Mariana descreve este contexto fazendo uma analogia com um banquete, onde a diversidade de pratos corresponderia à diversidade de religiões. E salienta o *ensino bíblico* como fundamento de sua crença, de seu *objetivo*. Do mesmo modo, Sônia relaciona a fé a um ato de total racionalidade, onde bastaria *estudar* ou *fazer uma pesquisa* da Bíblia para chegar a uma postura adequada, *verdadeira*. Dona Nilza enfatiza a importância da atividade de pregação ao expressar a necessidade de *levar um conhecimento, responder perguntas e tirar dúvidas*, deixando claro não só que a questão passa pelo crivo único da racionalidade, mas exprimindo nesse relato, sua autoridade diante desse *conhecimento* a ser transmitido. Finalmente, Juliana, mantendo-se também firme em relação à necessidade de um *conhecimento verdadeiro*, reitera a autoridade das Testemunhas em relação à transmissão desse conhecimento quando diz “é por isso que a gente faz esse trabalho”, e deixa evidente o sentimento de que sua atividade é essencial ao encarar o contexto diverso como *positivo e produtivo*.

Os quatro relatos salientam a criação de uma auto-imagem, que a prática religiosa lhes proporciona, que lhes dá um lugar específico no mundo social em meio aos outros grupos religiosos. Por isso, a diversidade religiosa é fundamental no sentido que oferece o espaço social necessário para esse grupo religioso se manter ativo, não apenas propagando sua fé, mas internalizando-a ao propagá-la.

A forma como a doutrina é assentada, considerando a crença na própria Sociedade que representam e o conjunto de práticas a que são submetidos para a atividade de pregação, modela a compreensão do mundo social de tal modo que a pluralidade religiosa acaba sendo interpretada de forma a reforçar a crença que têm, o que lhes permite à sua maneira se beneficiarem deste contexto plural e fragmentado de práticas religiosas. Longe de parecer um problema, as Testemunhas de Jeová se posicionam no campo religioso e lidam com um público também religioso e, desse modo, encontram um lugar para si

não apenas nos planos “divinos”, mas no mundo social, frente às demais religiões no contexto brasileiro.

3.6 Ética da Ação Individual

Há dois pontos de vista em relação à prática religiosa das Testemunhas de Jeová que cabe aqui ressaltar. Por um lado, há o aspecto coletivo, caracterizado pelas reuniões semanais e pelas demais atividades em grupo, que promove a manutenção da mensagem e que funciona como um espaço de comunhão religiosa e afetiva fundamental para a coesão da comunidade. Por outro lado, há o aspecto pessoal, promovido pela rotina de leituras e aprendizado que depende tanto do desejo quanto das possibilidades de cada um diante de sua situação particular, na medida em que envolve a confluência entre vida familiar e profissional.

Esse processo de conjugação entre as práticas coletivas e a condução da vida privada culmina na formação de um *ethos* que depende, em última instância, de um exercício de reflexão individual que torna a crença, enquanto “verdade”, passível de verificação e reafirmação cotidiana e que ocorre essencialmente durante a pregação de porta em porta.

Em outras palavras, toda vez que uma Testemunha bate numa porta e aciona uma pessoa, com quem irá debater sobre um determinado conjunto de conhecimento, independente do resultado dessa pregação, o processo do debate exige um exercício reflexivo e, portanto, individual, de todo o conjunto da crença que esta defende, o que acaba por reforçar a crença não somente na doutrina (conteúdo), mas também na Instituição. A pregação é o principal meio para reforçar essa fé, é o momento cabal para a internalização de tudo aquilo que é aprendido nas reuniões.

Poderia parecer, num primeiro momento, que a questão da pregação intensa tenha maior relação com uma ação proselitista. No entanto, proponho que a atividade de pregação constitui um tipo de prática ritual através da qual é possível perceber o exercício reflexivo em torno de um discurso apreendido e que, ainda que performático, cria um espaço para que cada Testemunha sinta-se protagonista de sua fé.

Desse modo, a partir da congruência particular entre doutrina e prática no mundo social, as Testemunhas de Jeová constituem um sistema religioso fortemente apoiado numa ética de ação individual, mantendo ao mesmo tempo uma forte coesão comunitária.

É na particularidade destas práticas que está a idéia de regulação individual, onde cada um tem o seu papel que consiste de toda forma em acessar um público, quem quer que seja, e confrontá-lo com a “verdade”. Esse exercício em si preenche o objetivo de verificação pessoal da crença, o confronto direto com os preceitos. Por isso a questão da angariação de fiéis não pode ser vista como sentido único da pregação de porta em porta.

Nesse sentido, a pregação é a alma da sociabilidade entre as Testemunhas de Jeová que viabiliza a permanência desses religiosos no campo de disputas simbólicas que constitui o campo religioso. Tudo começa a termina na pregação.

4. SOCIABILIDADE NA CENA PÚBLICA: (Re)Inventando a Cidade

Todos têm o direito de ouvir as Boas Novas (Seu Irineu, Testemunha de Jeová há 30 anos).

4.1 Situação 1⁵⁸

Na sexta-feira do dia 07 de Março de 2008, Simone percorreu todas as ruas do condomínio fechado onde mora, na cidade de Boituva, deixando um convite na porta de cada uma das cerca de 500 casas existentes. O motivo era a Comemoração da Morte de Cristo, evento realizado uma vez ao ano nos Salões do Reino das Testemunhas de Jeová em todo o mundo.

Em uma situação rotineira, Testemunhas de Jeová esforçam-se em acessar os moradores de cada casa para a entrega pessoal do convite. A intenção é explicar o sentido e importância do evento, e estabelecer o contato direto com os moradores. Nesta ocasião, por se tratar de um condomínio fechado, cujo território estruturalmente cercado torna as ruas espaços restritos ao alcance e uso público geral, exceto pelos seus moradores e prestadores de serviços particulares, Simone preferiu não bater nas portas.

E porque não houve queixas de nenhum morador, como averiguou com alguns funcionários, Simone e algumas irmãs da congregação, que não moravam no condomínio, deram início semanas depois a uma atividade de pregação diferente, cuja proposta seria a de entrar em contato com os moradores a partir de cartas padronizadas escritas a próprio punho ou digitadas⁵⁹.

O projeto consistia na elaboração de 4 modelos de cartas contendo trechos bíblicos relacionando questões da vida cotidiana com preceitos religiosos (família, morte, casamento, etc.), contendo também exemplares de tratados distribuídos na pregação convencional. A idéia era distribuir um modelo por semana. Finalmente, o objetivo dessa atividade era o oferecimento

⁵⁸ Relato registrado durante minha pesquisa de campo na congregação Leste da cidade de Boituva.

⁵⁹ Ver modelo de carta no Anexo C.

do estudo bíblico domiciliar, e para isso cada carta conteria remetente com o endereço e o telefone de quem a tivesse escrito ou distribuído.

No entanto, na semana seguinte à distribuição do primeiro modelo de carta, Simone foi informada por funcionários que alguns moradores haviam se queixado na portaria. O questionamento era o seguinte: num primeiro caso, se pessoas “de fora” – não moradores – haviam distribuído essas cartas, quem havia permitido? E, num segundo caso, ao contrário, como pessoas “de dentro” – moradores – poderiam se aproveitar do fato de compartilharem tal espaço fechado para acessar as casas através de práticas religiosas sendo que a intenção do condomínio fechado era justamente impedir esse tipo de acesso direto, entre outros.

A nova situação gerou um dilema complicado para Simone pela posição ambígua que ela passou a ocupar, já que era a moradora “de dentro” do condomínio, mas era percebida como “de fora” enquanto Testemunha de Jeová e, portanto, estava tentando fazer uso de um espaço considerado privado, de que dispõe acesso, como se fosse público.

Diante da convicção religiosa e da importância do trabalho de pregação como a expressão máxima desta fé, considerando o fato de ser uma moradora do condomínio, por que não pregar também neste espaço? Como lidar com os constrangimentos gerados por sua decisão de distribuir as cartas considerando a possível, e provável, não aceitação dos moradores, bem como com a exposição de seus familiares (pelo fato de haver se identificado nas cartas) que não são adeptos da mesma doutrina religiosa? Como conciliar seu papel de moradora de uma área cercada por regras privadas, alheias à sua orientação religiosa, à certeza da legitimidade de seu trabalho como Testemunha de Jeová?

Parecia evidente que aos moradores não agradava imaginar a possibilidade de um dia se depararem com um religioso, no caso uma Testemunha de Jeová, pregando em sua porta, fosse ele morador ou não do condomínio. Além disso, havia o constrangimento pelo qual haviam passado os funcionários que receberam as queixas. Considerando os transtornos gerados entre vizinhos, funcionários e irmãos, Simone desistiu dessa alternativa de pregação por cartas no condomínio fechado em que mora.

4.2 Situação 2

Comecei minha pesquisa de campo na cidade de São Paulo, em Junho de 2008, a partir de uma congregação da zona leste próxima à casa onde eu me hospedava, no bairro Chácara Mafalda, a congregação Vila Invernada⁶⁰.

Neste primeiro momento do campo, em que priorizei um contato com a congregação a partir da participação nas reuniões de quarta-feira e sábado, fui muito bem recebida e, rapidamente, convidada por Valdete a conhecer o sistema de pregação por telefone, coordenado por ela e alguns voluntários, criado para acessar moradores de condomínios com mais de 3 habitações⁶¹.

Encontrei Valdete e Bruna, também Testemunha de Jeová, na Avenida Sapopemba, e então continuamos o trajeto até sua casa a pé, seguindo por uma travessa da grande avenida, recortando algumas ruas bairro adentro. O bairro Vila Invernada é tipicamente residencial, formado, sobretudo, por casas de classe média e pequenos comércios. Localizado numa região geograficamente acidentada, tem uma vista particularmente interessante para o conjunto de prédios de alto padrão do bairro Jardim Anália Franco.

O sistema de pregação por telefone, como me explicou Valdete, seria, portanto, uma alternativa de pregação àquelas regiões que as Testemunhas de Jeová não podem alcançar pela atividade feita nas ruas, a pé. Embora seja uma atividade ainda recente e não padronizada, ainda que esteja sendo utilizada por diversas congregações na cidade de São Paulo, exige muita organização e disposição, ficando aos encargos de cada congregação a adesão ou não a esta prática.

Assim, cada congregação fica responsável por um perímetro da cidade, que corresponde ao bairro que esta representa e o seu entorno. Este

⁶⁰ Neste período a Congregação Vila Invernada utilizava o Salão do Reino da Rua São Sabino, nº325, Vila Diva, São Paulo. Em 2009, quando retornei à Congregação, o Salão do Reino que ocupavam era outro, na Rua Almirante Alexandrino, nº 560, Água Rasa, São Paulo.

⁶¹ Assim como no caso das pregações feitas nas ruas, não pude participar da pregação por telefone. A justificativa é de que, estando presente, eu poderia ser confundida como uma Testemunha de Jeová, mas principalmente, nos dois casos, estaria dando “falso testemunho”. Por isso, Valdete apenas me mostrou as pastas dos prédios, os registros das ligações, os modelos das cartas, e me explicou os pormenores do processo de criação e manutenção dessa atividade.

perímetro, classificado como “território de pregação” é então mapeado segundo suas características estruturais, ou seja, a quantidade de casas, prédios e espaços comerciais que possui. Então, os congregados responsáveis elaboram uma pasta para cada edifício ou condomínio localizado, considerando a quantidade de andares e apartamentos, buscando o número de telefone de cada residência através de listas na internet ou mesmo pessoalmente na portaria dos prédios. Tendo esses dados organizados sistematicamente, iniciam a pregação do seguinte modo.

Aos domingos, à tarde, o grupo de Testemunhas voluntárias se reúne no Salão da Congregação e a partir de cada pasta iniciam as ligações⁶². A primeira intenção é se apresentarem, explicando o tipo de atividade desenvolvida, e oferecerem uma carta⁶³, que pode ser enviada pelo correio (no modo carta social) ou ser entregue pessoalmente no prédio, endereçada ao responsável da residência e contendo o remetente de quem a enviou.

Todo tipo de acesso conseguido – se o morador atendeu, se conseguiu conversar, sobre o que falou – é devidamente registrado na pasta correspondente. Por exemplo, quando o morador diz não querer receber mais contato, eles registram a recusa e não ligam mais. No caso daqueles moradores que aceitam a carta, há um percurso através de 7 modelos de cartas, cada um tratando de diferentes assuntos da vida comum – como felicidade, trabalho, violência, morte – sob o ponto de vista religioso. Assim, a cada carta enviada há uma ligação subsequente, no domingo seguinte, para saber o que a pessoa achou e se podem enviar outra carta. Quando conseguem seguir todo o processo até a sétima carta é hora de oferecer uma visita e o estudo bíblico domiciliar.

Vale registrar que este tipo de atividade é realizada em edifícios não somente domiciliares mas também comerciais, chamados pelas Testemunhas de “comércio inacessível”, que compõem áreas também não alcançadas na atividade feita à pé. Nestes casos, as Testemunhas apenas entregam cartas nos próprios prédios, sem utilizar os serviços dos correios. O mesmo é feito em

⁶² Como uma das principais voluntárias para essa atividade, Valdete também realiza a pregação por telefone em sua casa com um grupo de voluntários aos domingos de manhã.

⁶³ Esta carta tem exatamente o mesmo padrão da carta descrita na situação 1.

situações em que há casas localizadas na parte de cima de lojas. Também entregam essas cartas em escolas e em feiras livres.

Embora Valdete assinale que as rejeições neste tipo de pregação são menores do que de porta em porta e a atividade mais eficiente, no sentido de que se toma menos tempo entre uma ligação e outra do que entre uma casa e outra, adverte também que este novo formato de pregação exige um tipo de trabalho ao qual muitas pessoas não se adaptam pelo fato de a conversa por telefone exigir muito mais persuasão para segurar a pessoa – na linha – do que uma conversa cara a cara.

Em Junho de 2008, quando entrei em contato com a atividade de pregação por telefone coordenada por Valdete, havia em torno de 10 prédios demarcados nas pastas. Em Janeiro de 2010, em minha última visita, Valdete me apresentou quase 30 prédios mapeados. Atualmente, segundo me disseram, a congregação Vila Invernada entrega quase 3 mil cartas neste tipo de pregação, através das quais acessa um território que corresponde ao bairro Vila Invernada e adjacências dos bairros Água Rasa, Jardim Anália Franco, Vila Formosa, Vila Diva e Vila Celeste, regiões complexas compostas por residências térreas, apartamentos e intensa atividade comercial.

4.3 Pregação e Interação Espacial

As Testemunhas de Jeová não utilizam nenhum veículo midiático, como jornal, rádio ou emissora de TV para a formação de seu público⁶⁴. Ao contrário disto, se ocupam somente com a atividade de pregação cotidiana nas ruas. Considerando também que não participam ativamente de nenhuma instância social a partir da qual possam divulgar sua religião, como movimento social ou entidade filantrópica, e tampouco têm representatividade política, é necessário observar o modo como estes religiosos se projetam socialmente e que tipo de

⁶⁴ Exceto pela mídia eletrônica, onde dispõem de um site oficial contendo a descrição de suas publicações e alguns textos sobre assuntos diversos, semelhantes aos encontrados nos folhetos distribuídos na pregação. No entanto, para ter acesso às publicações específicas é necessário o contato para o envio das mesmas pelo correio. Ver: <http://www.watchtower.org/t/index.html>.

experiência social esta prática suscita nos dias atuais. Uma vez que as Testemunhas de Jeová dependam da atividade de pregação nas vias públicas, como esta atividade incide sobre o modo como exercitam sua sociabilidade? E como as diversas estruturas de urbanização da cidade afetam a pregação?

Na primeira situação, na cidade de Boituva, se em princípio a questão está na estrutura do condomínio fechado que impede qualquer Testemunha de Jeová de praticar sua fé; a tentativa de Simone – moradora - de resolvê-lo, uma vez que ao morar no condomínio pode fazer uso de seu espaço, gera um novo conflito quando esta tenta estabelecer interações com os moradores a partir de práticas destinadas aos espaços públicos, restritas nos condomínios. É quando Simone, ao romper com a barreira existente naquele espaço aparentemente público, percebe quão “de fora” ela se torna devido à sua prática religiosa. Assim, percebida a resistência à sua atividade de pregação, Simone e suas *irmãs* vêm-se prontamente obrigadas a desistirem da entrega regular das cartas.

Contudo, essa experiência com o condomínio fechado impõe uma reflexão imediata acerca de suas representações sobre a cidade e a própria crença, afinal qual regra deveriam privilegiar, aquela que inscreve o “direito” das pessoas de partilharem da pregação, ou a que argumenta sobre o “direito” dos moradores do condomínio à privacidade? A cidade que neste momento se impõe a elas, com suas normas políticas e sociais, não corresponde à cidade com a qual partilham sua experiência religiosa.

No caso de Boituva, cidade com pouco mais de 40 mil habitantes, a crise acabou sendo minimizada por diversos fatores, como o fato de a região contar com uma área ampla de residências comuns, em que os condomínios representam uma porção menor no conjunto dos territórios de pregação. Mas, principalmente, pelo fato de ser uma atividade nova na região e que conta apenas com alguns voluntários. Contudo, ainda assim, todos os anos os convites para a Comemoração da Morte de Cristo continuam a ser entregues nos condomínios fechados da cidade, embora a atividade se restrinja a esse evento especificamente. Assim, a tentativa de conduzir um novo tipo de pregação, ao ser inviabilizada, foi reprimida e reduzida a entrega apenas do convite para o evento anual.

Já o segundo caso, da Congregação Vila Invernada, em São Paulo, ilustra mais propriamente situações vivenciadas com grande frequência não somente por Testemunhas de Jeová, mas por outros grupos, religiosos ou não, que dependam do contato direto com moradores de áreas de difícil acesso. Se o bairro Vila Invernada apresenta uma estrutura mais tradicional de casas térreas e sobrados contíguos, servido conjuntamente de pontos de comércio e serviços públicos básicos, como escolas públicas; os bairros que a Congregação Vila Invernada cobre são um pouco diferentes e o bairro Jardim Anália Franco é ideal para explicitar essa desproporção.

Segundo Rolnik e Frúgoli Jr (2001), o Jardim Anália Franco - junto da Praça Sílvio Romero, no bairro do Tatuapé – representa hoje um ponto de emergência de prédios de alto padrão construídos em decorrência do *boom* imobiliário dos anos 1980, estimulando a valorização local com a proximidade de espaços de lazer, como o parque estadual CERET (Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador – 1974), e de consumo, como o Shopping Anália Franco, construído em 1999.

Esse padrão de segregação espacial, particular das formas de habitação das camadas mais altas da população, e que passou a se configurar a partir da década de 1980, mudou consideravelmente a cidade de São Paulo e sua região metropolitana, gerando espaços isolados por muros e equipamentos de segurança, privatizando não apenas áreas residenciais, mas também áreas de consumo e lazer. Esta composição espacial específica dos espaços urbanos, sobre a qual Teresa Caldeira se refere como “enclaves fortificados”, é descrita pela autora da seguinte maneira:

Os enclaves fortificados incluem conjuntos de escritórios, shopping centers, e cada vez mais outros espaços que têm sido adaptados para se conformarem a esse modelo, como escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos. Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente (Caldeira, 2000, p. 258-259).

E, conforme acrescentam Rolnik e Frúgoli Jr, em 2001 este bairro já contava “com 50 mil habitantes (...) com renda familiar 63% acima da média da

Grande São Paulo, com 50 edifícios residenciais de alto padrão e 12 edifícios em projeto – em geral de 3 a 4 dormitórios” (p.51, 2001).

Hoje, além do Shopping, o bairro conta com a Universidade Cruzeiro do Sul, a Unidade do Hospital São Luiz, recentemente instalada, e os hospitais Montemagno e Amil (ainda em fase de construção) nos seus arredores, além de concessionárias, entre outros pontos comerciais dedicados a este público de maior poder aquisitivo.

Esta estrutura espacial e socioeconômica gera outras transformações na geografia do bairro como as longas avenidas projetadas, sobretudo, para a passagem de carros, semáforos e faixas para pedestres que conectam os prédios de alto-padrão aos serviços que a região oferece como o Shopping e os hospitais. Um exemplo disso é o pequeno terminal de ônibus alocado ao Shopping indicando que as ruas ao redor são lugares de passagem principalmente para os prestadores de serviços desse grande centro comercial. Mesmo considerando a aglutinação dos bairros que impede de discernir o começo e o fim do Jardim Anália Franco, é nítida a escassez de residências ou comércio que possam ser acessados por alguma pessoa numa caminhada.

Assim, encontrando dificuldades para a interação com moradores na pregação feita nas ruas, Testemunhas de Jeová se apropriam de outras formas de abordagem, como a distribuição de cartas e a oferta de seus serviços por telefone, prática corriqueira utilizada por bancos, entidades filantrópicas e setores comerciais como instituições de ensino, por exemplo, para manterem sua prática distintiva.



Figura 10: Vista para o Bairro Jardim Anália Franco

(vista da janela do Salão do Reino na Congregação Vila Invernada)



Figura 11: Bairro Jardim Anália Franco

(ao lado do Shopping Anália Fraco)



Figura 12: Bairro Anália Franco e Shopping



Figura 13: Vista do CERET para o Jardim Anália Franco

Nesse sentido, ao problematizarmos a atividade de pregação convencional, nas ruas, de porta em porta, no contexto urbano apresentado acima, pode parecer que se as transformações espaciais estão mudando as características da vida pública, dos usos do espaço público, acabam afetando também as características do trabalho de pregação das Testemunhas de Jeová e, por isso, a mudança das práticas se torna necessária. Ou seja, a geografia da cidade está transformando as práticas.

Mas, diante da complexidade das transformações da atividade de pregação das Testemunhas de Jeová, considerando a importância cabal dessa prática para a experiência religiosa cotidiana, cabe problematizarmos essa questão. De que forma a atividade de pregação incide sobre o modo como as Testemunhas de Jeová inscrevem a cidade? Ou seja, que tipo de cidade se constitui dessas interações? Melhor dizendo, que concepção de cidade as Testemunhas de Jeová constroem a partir de seus laços de sociabilidade, já que possuem a necessidade de interagirem com espaços considerados enclaves fortificados, que pressupõem justamente a recusa imediata ao contato com quem é “de fora”? Dito de outra forma, se a cidade pode transformar práticas sociais, podem as práticas transformar a cidade?

Ao entrar em contato com Testemunhas de Jeová de uma cidade pequena como Boituva e de uma cidade grande como São Paulo, pude perceber que os contextos em que a cidade parecia impor condições à prática religiosa nas ruas revelavam uma concepção de cidade geográfica, política e socialmente demarcada, tornando a atividade das Testemunhas de Jeová invisível em sua particularidade. Entretanto, meus registros de campo me revelavam, ao contrário, que as Testemunhas mantinham uma experiência intensa com a cidade e de interação com seus habitantes, indicando que a única forma, portanto, de manterem suas práticas seria reconfigurando a cidade de que necessitam, escapando aos limites impostos pela representação formal desse contexto.

Somente ao considerar a dinâmica social e territorial nas congregações das Testemunhas de Jeová em suas práticas cotidianas para além de uma cidade preconcebida é que pude perceber os limites desta circunscrição política, que somente a pesquisa de campo poderia evidenciar.

4.4 Espacialidade e Dinâmica Social das Congregações

Toda e qualquer aproximação da doutrina da Sociedade Torre de Vigia depende exclusivamente da aproximação pessoal com seus membros, que se dá mais amplamente nas ruas, durante a pregação. E como as publicações das Testemunhas não são vendidas, ou seja, propriamente comercializadas a preços fixos em espaços definidos, acabam sendo divulgadas exclusivamente pelas Testemunhas, em mãos, reiterando a importância da atividade feita de porta em porta.

Por isso, para compreender melhor o tipo de interação entre as Testemunhas de Jeová e seu público é preciso considerar o modo como é constituída essa relação entre cada congregação com seu entorno, ou seja, com os bairros que a compõem, evidenciando as principais características dos Salões do Reino, centrais na constituição dessas interações.

Os Salões do Reino são espaços fechados⁶⁵, que podem ser facilmente confundidos com domicílios comuns, instituições diversas, ou mesmo pontos comerciais; são também esteticamente discretos e não padronizados. Quase sempre apresentam em sua fachada a indicação “Salão do Reino das Testemunhas de Jeová”. E como são comumente localizados em ruas de pouco movimento, no interior dos bairros, são geralmente percebidos por habitantes das cercanias, tornando-se opções de difícil acesso para quem não coabite na vizinhança ou não tenha relações mais próximas com o bairro, conforme podemos verificar nas fotografias abaixo.

⁶⁵ A circulação de pessoas nos Salões é restrita às reuniões e atividades de manutenção, como limpeza. Fora isso, os Salões são mantidos fechados.



Figura 14: Salão do Reino de Boituva/SP - Rua João Leite, 443, Jardim Oreana.



Figura 15: Salão localizado na Rua São Sabino nº325

(abriga as congregações Vila Diva e Vila Invernada, na cidade de São Paulo)



Figura 16: Salão localizado na Rua Dias Leme nº303

(responsável pelas congregações do Alto da Móoca e Parque da Móoca/SP)

Outro aspecto importante é que a construção de Salões do Reino depende do número de membros da congregação. Em geral, os Salões comportam em torno de 150 pessoas e quando há uma congregação com muitos membros é feita a divisão da mesma em dois grupos que continuam a partilhar o mesmo Salão, mas em dias diferentes (Quarta-feira e Sábado/Quinta-feira e Domingo). Nessas circunstâncias, nem sempre as congregações respondem somente ao bairro em que está localizado o Salão⁶⁶.

Por isso, à medida que essas congregações chegam ao volume máximo de público permitido, é feito um pedido formal de construção de um novo Salão para a Comissão de Betel. Uma vez aceito o pedido e angariada a verba necessária, este novo Salão será construído provavelmente num bairro que

⁶⁶ Uma particularidade dessas congregações, nesse sentido, está na existência de grupos concernentes a outros idiomas principalmente no município de São Paulo, entre eles: Espanhol, Inglês, Libras (Língua Brasileira de Sinais), Chinês, Coreano e Japonês. Como parece indicar, essas congregações são freqüentemente organizadas a partir de bairros que tenham o público específico, como congregações de língua japonesa no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. O caso das congregações em Libras é semelhante, e apresenta congregações em maior número, e em outras cidades, segundo também o público existente.

possa agregar estrategicamente as Testemunhas de Jeová de seu entorno e, assim, a congregação com público excedente é dividida, passando a constituir duas congregações em vez de uma única.

Esta forma de circunscrever os bairros torna-se fundamental para a atividade de pregação que consiste justamente num movimento cotidiano circular nos arredores do Salão. Isso quer dizer que os Salões ficam projetados de modo a proporcionar a interação entre a congregação e seu entorno numa dinâmica contínua oferecida pela pregação de porta em porta, facilitando revisitas regulares às casas. Há, portanto, uma imensa mobilidade das Testemunhas de Jeová pelos espaços próximos aos salões de tal modo que a presença física destes não é capaz, por si só, de representar o alcance e a especificidade da atuação deste grupo religioso.

Podemos então compreender o quanto a pregação valoriza a residência e o contato direto com os moradores. Tudo é feito de modo que as Testemunhas possam alcançar algo mais do que as ruas, no caso, as portas. Dito de outro modo, para as Testemunhas o fundamental é o contato, a conversa. Neste sentido, é imprescindível que elas construam um espaço em que possam localizar os residentes sempre que tornarem a passar pregando pelo bairro. As ruas são o meio para se chegar às portas.

Cabe, então, visitar algumas das questões apontadas no decorrer deste capítulo: “Que concepção de “cidade” as Testemunhas de Jeová constroem a partir de seus laços de sociabilidade, já que possuem a necessidade de interagirem com espaços considerados enclaves fortificados, que pressupõem justamente a recusa imediata ao contato com quem é “de fora”? Como acessar essas portas aparentemente tão protegidas? E, se a cidade pode transformar práticas sociais, podem as práticas transformar a cidade?”.

É salutar perceber que no processo de construção de interações entre espaços sociais e prática religiosa as Testemunhas não apenas redefinem suas práticas ao criarem o sistema de pregação por telefone, mas principalmente, tendo como alvo a porta do morador dos prédios e enclaves, redefinem também a própria noção de “cidade”. Ou seja, em vez de apenas reagirem aos padrões de segregação impostos pela geografia urbana, como habitantes passivos da cidade que parece constituída e fechada à práticas

como a pregação religiosa, elas reintegram-se à cidade recriando a porta que desejam acessar, não mais pelas ruas, mas pelas cartas e telefonemas. Neste sentido torna-se interessante observarmos atentamente o mapa da distribuição dos salões das Testemunhas na cidade de São Paulo, comparando-o com outros relacionados a dois grupos religiosos bastante significativos na cidade para pensarmos os limites da compreensão que estes mapas nos oferecem. Vejamos:



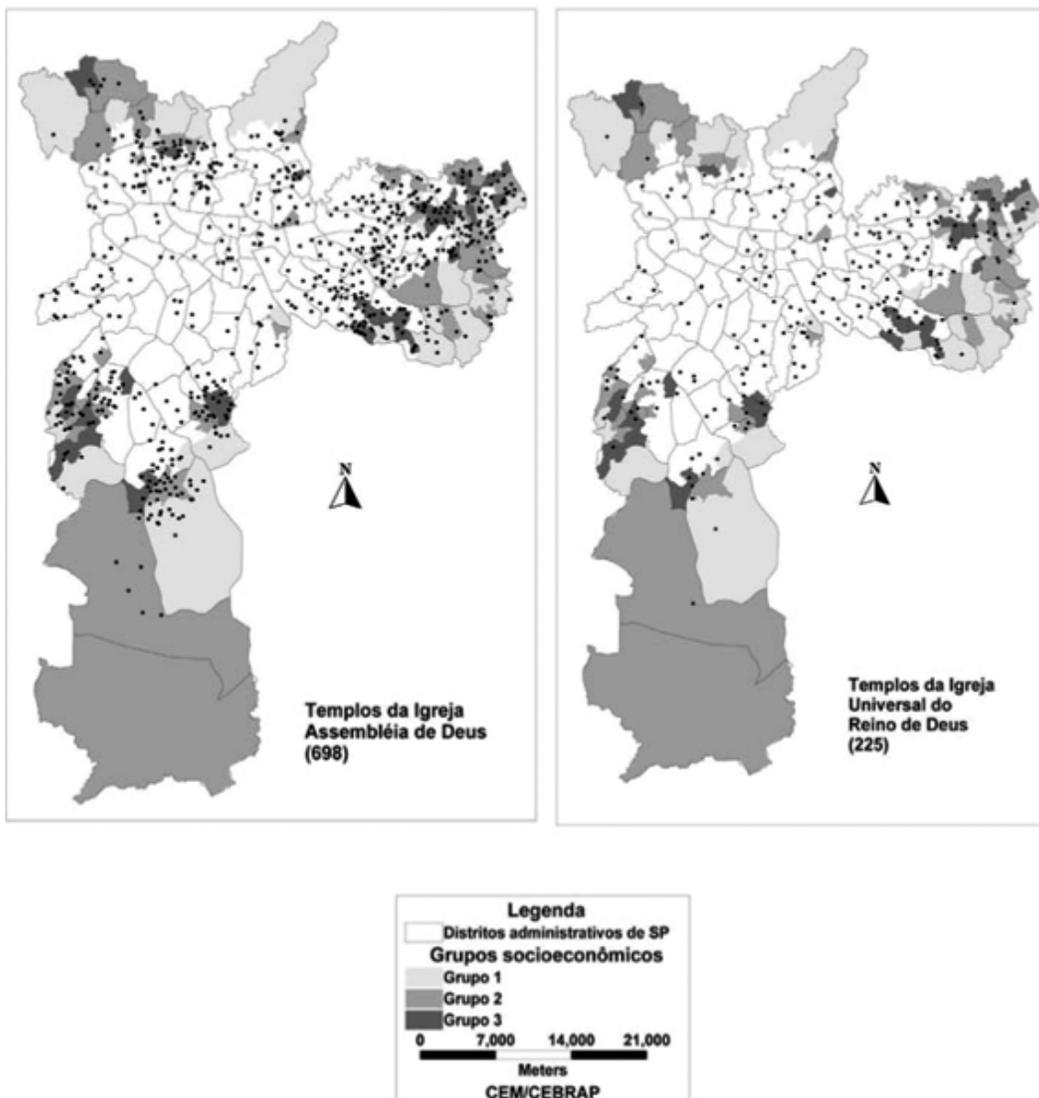
Mapa 01: Localização dos Templos das Testemunhas de Jeová

(343 ao todo - Referências de 2009)

Partindo então para uma análise comparativa na metrópole paulista, vejamos agora a localização geográfica de templos de duas Igrejas pentecostais de destaque no país. A saber, a Assembléia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil, que contém cerca 8,4 milhões de membros, segundo dos dados do último censo. E a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que se

expandiu rapidamente entre as décadas de 1980 e 1990; e que segundo os dados do IBGE, em 2000 contabilizavam mais de 2 milhões de adeptos no país.

Templos e Grupos Socioeconômicos



Fonte: Censos demográficos IBGE 1991-2000, elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole (CEM)/Cebap, 2003. Banco de dados de endereços religiosos na cidade de São Paulo, elaboração CEPID-FAPESP/ Centro de Estudos da Metrópole (CEM)/Cebap, 2003.

Mapa 02: Localização dos Templos da Assembléia de Deus e da IURD⁶⁷

⁶⁷ Fonte: Almeida, Ronaldo de. *Religião na metrópole paulista*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 19, nº. 56. São Paulo, Outubro de 2004.

Quando comparamos os mapas dos três grupos religiosos, o que podemos compreender? Em contraste, o que representam?

A cidade apresentada pelo mapa segue o modelo cartográfico, sendo, portanto, representada e delimitada por um aparato material, com fronteiras claras e rígidas. Da mesma forma os templos religiosos que, no caso das Testemunhas de Jeová, como busquei demonstrar até aqui, possuem uma dinâmica bastante acentuada e móvel, aparecem como espaços fixos que podem dar a falsa impressão de que constituem ali templos à espera de fiéis. Desse modo, os mapas configuram a localização e o alcance de templos religiosos enquanto instituições delimitadas por espacialidades urbanas claramente definidas que não nos permite perceber a mobilidade e a atuação destes grupos nos processos de constituição de uma cidade compreensível apenas do ponto de vista relacional. Assim, cabem algumas observações.

A primeira delas refere-se à localização dos templos dos três grupos religiosos segundo as regiões socioeconômicas demarcadas e que destacam os grupos sociais mais pobres. De acordo com Almeida (2004), os templos da IURD encontram-se preferencialmente nas principais vias da cidade, em pontos onde ganham visibilidade. Enquanto que a Assembléia de Deus mantém templos em vias principais, mas os concentra nas regiões de maior vulnerabilidade social, no interior dos bairros.

Se pensarmos em termos dessa distribuição, os templos das Testemunhas de Jeová estão dispostos predominantemente no interior dos bairros, estando também mais afastados do centro e concentrados principalmente na região Leste. Assim, ao que parece, os três grupos concentram seus templos nas mesmas regiões da cidade, dando a entender que respondem e atendem a um mesmo público, a população mais pobre⁶⁸, mas também uma classe média (média e baixa).

⁶⁸ Vale considerar, como aponta Caldeira (2001), que entre os anos 1970 e 1990 houve grandes transformações nos padrões de habitação na cidade de São Paulo que deslocaram condomínios fechados de alto padrão para regiões distantes do centro de modo que estes passaram a conviver com regiões mais pobres, como é o caso dos bairros do Morumbi e de Paraisópolis, bairros vizinhos com grande contraste social. Também é preciso destacar a ampla utilização da classe média de prédios para moradia. Assim sendo, não podemos perder de vista a complexa configuração sócio-espacial que estas regiões demarcadas apresentam e que as referências socioeconômicas dos mapas não nos permite acessar.

No entanto, sistemas como o de pregação por telefone e distribuição de cartas, apresentados nos dois relatos etnográficos iniciais, apontam para uma composição mais ampla de oferta de serviços religiosos, que busca alcançar diversos públicos, deixando evidente o modo como as demarcações dos mapas simplificam consideravelmente as interações sociais proporcionadas pela atividade religiosa. Ou seja, para que estas demarcações dessem conta dessa dinâmica religiosa, teriam que abranger áreas maiores que revelassem a diversidade de interações.

O segundo ponto a considerar, refere-se ao número de templos de cada grupo. Tendo em conta o importante crescimento da IURD nas duas últimas décadas, é curioso notar que seus membros compõem menos da metade dos templos da Assembléia de Deus. E é mais curioso ainda considerar que apresentam menos templos do que as Testemunhas de Jeová.

No entanto, esta precoce constatação merece uma ressalva. Embora as Testemunhas de Jeová pareçam ter um número de templos aproximado do número de templos da Assembléia de Deus e, nesse sentido, maior do que o da IURD, é importante destacar o padrão que os templos das Testemunhas de Jeová apresentam. Se por um lado cada templo agrega cerca de duas congregações em média, por outro lado, cada congregação dificilmente ultrapassa 200 membros. Enquanto que a Assembléia de Deus e, destacadamente, a IURD apresentam estruturas materiais que comportam um número significativamente superior de membros, concentrando muitas vezes milhares de fiéis num mesmo templo.

Ao comparar os mapas, as marcações dos templos parecem identificar a mesma circunstância entre os diferentes grupos, mas será que tais demarcações representam um mesmo modo de interagir com a cidade? Por outro lado, se estas diferentes denominações religiosas estão interagindo com os espaços de formas distintas, respondem à mesma cidade?

Levando em conta que os templos das Testemunhas de Jeová constituem-se de congregações formadas segundo bairros demarcados para os quais seus membros pregam de porta em porta regularmente, as demarcações dos Salões do Reino compõem, como busquei mostrar a pouco, um circuito de interações maior e mais dinâmico do que o mapa faz parecer.

Os templos, quando circunscritos no mapa, parecem espaços sólidos, definidos, mas a dinâmica das interações que evoca, com as particularidades da prática religiosa, os torna espaços relacionais que ultrapassam os limites físicos e políticos da cidade. Ao que concluo que as fronteiras simbólicas entre bairros como Vila Invernada e Jardim Anália Franco, ou entre um condomínio fechado e o espaço ao seu redor, constituem, sobretudo, espaços de troca, diálogo e convivência muitas vezes dramática, cuja redefinição ocupa um lugar central nos processos de constituição do lugar simbólico que as Testemunhas de Jeová ocupam na cidade.

Bairros como o Jardim Anália Franco têm crescido a cada dia, modificando paisagens e redes de relações com as quais estas congregações lidavam e neste sentido, reconfigurar essas territorialidades nos próprios termos passa a ser um exercício constante e fundamental para a solidificação da própria crença. Isso porque a crença não está dentro do templo, como os mapas podem fazer parecer, mas fora, nas práticas, sendo por esse motivo, constantemente reinventada – ao mesmo tempo em que é mantida – pelas interações que as práticas proporcionam.

Daí a importância em problematizar os limites das análises de grupos sociais a partir da representação cartográfica que ofusca a dinâmica, as possibilidades de invenção do próprio espaço urbano a partir de contextos relacionais. Quer dizer, do ponto de vista institucional, político, a cidade existe, está definida, mas do ponto de vista das pessoas que interagem nestes contextos, e não só Testemunhas de Jeová, através das práticas mais variadas, a cidade está sendo construída o tempo todo.

4.5 Reinventando as Portas

A constatação de seu Irineu, utilizada na epígrafe deste capítulo, de que “Todos têm o direito de ouvir as Boas Novas”, tem grande impacto para a compreensão da atividade de pregação por telefone que ele realiza todos os domingos para acessar os moradores dos prédios existentes no bairro em que mora, na cidade de São Paulo. Ao pensar na pregação como um “direito” não só dele como Testemunha, mas de seu público, demonstra que sua cidade,

durante a atividade de pregação, é construída através das interações que ultrapassam limites físicos e socioeconômicos.

Do mesmo modo, Simone, enquanto moradora de um condomínio fechado, se depara com limites institucionais que simplesmente não fazem sentido para ela enquanto Testemunha de Jeová e que a obrigam a repensar seu lugar não apenas no universo religioso, mas no espaço urbano.

Ambos, cada qual pertencente a sua comunidade de congregados e, portanto, a um contexto particular, uma vez que dependem da identificação com o espaço local em que exercem sua atividade religiosa, são impelidos a repensar e recompor cotidianamente essa identificação a partir da mobilidade das interações entre territórios e práticas.

Considerando as formas de construção da cidade de que necessitam para exercerem sua fé, é possível perceber como suas práticas aparentemente tão rígidas tornam-se elásticas, móveis. A questão é que as ruas estão dispostas em contextos específicos, são moldadas segundo padrões que incitam formas de circular, mas mesmo assim as Testemunhas continuam caminhando e para transpor as restrições impostas pelos padrões de segregação atuais nos espaços urbanos, elas criam outras formas de acessar os moradores, reinventando os lugares de acesso à porta. E, ao reinventarem estes espaços, elas não somente recriam um modo de acessar o morador, mas redirecionam a casa, trazendo as portas dos prédios e condomínios fechados para as ruas, tornando público, através do uso dos serviços do correio e das linhas telefônicas, o que é privado.

Por isso, nem a padronização do serviço de pregação por telefone, nem a eficácia desta abordagem são essenciais para tornar essa atividade mais interessante, visto que a idéia aqui é mostrar justamente o modo como conflitos são resolvidos, ampliando as possibilidades de interações entre pessoas e lugares.

Assim, o sentido concorrencial, através do qual poderíamos pensar analogamente os mapas dos templos religiosos da Assembléia de Deus, da IURD e das Testemunhas de Jeová, a partir de relações entre “ofertas de serviços”, é ofuscado pela perspectiva das interações simbólicas entre atores e espaços sociais, entre agentes que criam e recriam os espaços ao seu próprio modo. Isso fica evidente no fato de as cartas e telefonemas em nenhum

momento ocuparem o lugar da porta, mas, antes, serem um meio, um caminho necessário, de chegar até esta.

A pregação por telefone abre espaço para uma nova dinâmica de relações que só evidencia a ambigüidade existente na postura aparentemente radical destes religiosos que, para manterem as práticas que fundamentam sua crença, abrem espaço para uma nova dinâmica de relações. Ou seja, é na mobilidade das práticas de pregação que as Testemunhas protegem seu lugar no campo religioso, bem como no espaço urbano.

As duas situações registradas em minha pesquisa de campo mostram que há questões que ainda merecem atenção, tanto sobre a diversidade de práticas religiosas, como no caso da pregação das Testemunhas de Jeová que não pode ser compreendida a partir de termos restritos como “proselitismo”, quanto para a forma com que os espaços urbanos têm sido circunscritos para pensarmos essas práticas. E que, portanto, ao contrário de analisar estas práticas a partir de uma perspectiva de cidade imposta é preciso entender que “cidade” eles têm para nos apresentar.

CONSIDERAÇÕES, FINAIS?

Como uma instituição intrinsecamente dedicada ao que é fixo na vida constitui tão notável exemplo de tudo o que nela muda? (Geertz, 2004: 67).

A questão acima está indicada por Geertz na obra “Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia”, onde o autor analisa as particularidades do processo de islamização destas duas sociedades, tratando, no entanto, de tecer não apenas especificidades, mas experiências partilhadas entre estas nações.

Embora Geertz esteja falando de mudança religiosa a partir da análise comparativa entre dois contextos culturais diferenciados, segundo seus respectivos processos históricos, sua principal questão não é descrever particularidades apenas, mas analisar formas de “olhar o mundo”.

Estas formas, uma vez que dependem da conjunção entre crença e conduta de vida (ação), como “reflexos mútuos” de uma “luta pelo real”, estão intimamente ligadas a uma espécie de eco do que se passa no mundo social. O interesse do antropólogo, portanto, estaria na maneira como essas transformações ocorrem enquanto processo, ou seja, “na maneira pela qual as coisas deixam de ser o que são e se transformam em outras coisas” (p.70).

Assim, tendo esse processo em vista, tentei ao longo de todo o trabalho me concentrar justamente na relação entre mudança e permanência como aspectos intrínsecos da dinâmica religiosa.

Por isso, cabe retomar a questão: “de que maneira as Testemunhas de Jeová mantêm forte coesão comunitária/institucional no contexto contemporâneo de acentuada fragmentação e mobilidade das instituições religiosas?”. Ou seja, de que forma as Testemunhas se mantêm no cenário religioso brasileiro caracterizado por intensas transformações que implicam na convivência e na circulação irrestrita entre crenças, ritos e pessoas? Ou, ainda, de que modo as Testemunhas convivem com esta dinâmica brasileira mantendo suas práticas restritivas/distintivas, aparentemente contrárias ao movimento do campo religioso?

Posso dizer que o maior desafio enfrentado nesta pesquisa foi, portanto, a necessidade de pensar e construir estratégias metodológicas que me permitissem dispor as Testemunhas de Jeová no campo religioso brasileiro a partir do tipo de experiência social que suscitam. E isso só foi possível quando percebi o movimento de tensão entre a mobilidade e a radicalidade de suas práticas para a conservação do grupo.

Por um lado, ao me indagar sobre a forma como as Testemunhas de Jeová mantinham coesão comunitária, era preciso considerar o aspecto disciplinar de seu rigorismo religioso, presente em suas interdições, em seu ardor missionário, em sua intolerância às demais doutrinas, aspectos até então identificados e reduzidos a conceitos como “fundamentalismo”, “milenarismo”, “renúncia do mundo”. Kelley (1995) argumenta que a adesão a grupos religiosos deste tipo ocorreria não “apesar” de suas exigências sobre a conduta de vida, mas “por causa” delas, sendo, portanto, essenciais à forte coesão comunitária.

E, nesse sentido, o que parecia garantir essa coesão eram justamente o grau de disciplina e tais elementos de controle da conduta individual presentes na manutenção das crenças e práticas conservadoras. Quer dizer, parecia que as Testemunhas de Jeová mantinham-se coesas pelo fato de não permitirem a mudança.

Contudo, minha análise, sobretudo etnográfica, me conduzia a outras reflexões. E o que percebi, analisando o grupo sob diferentes aspectos no decorrer dos seus 140 anos de existência, é a forma como as mudanças foram a principal razão de sua permanência no cenário religioso mundial, sem perder de vista as transformações nas políticas mundiais que influenciaram estas mudanças.

Mais dos que simples análises históricas, os dois primeiros capítulos deste trabalho tratam, por esse motivo, das transformações pelas quais a Sociedade Torre de Vigia passou, construindo práticas distintivas, estruturando atividades expansionistas, reformulando a hierarquia administrativa, o que culminou na composição de um Corpo Governante, anulando a figura de um líder carismático, que até os anos 1970 havia ganhado grande destaque. E, no plano comunitário, enfatizam o modo como as práticas de pregação conhecidas pelo tom agressivo, com marchas públicas e ataques diretos à

Igreja Católica e a sistemas políticos, foram sendo substituídas, a partir dos anos 1950, por uma abordagem discreta, mais pacífica, ainda que insistente e hostilizada.

E, embora as proibições à comemoração a datas festivas e ao serviço militar tenham se mantido, até mesmo a interdição sobre o sangue tem sofrido constantes alterações, devido principalmente à criação de alternativas médicas, o que tem feito com que as decisões sobre essas alternativas sejam analisadas segundo casos específicos, considerando um espaço para a “consciência individual”.

Do mesmo modo, os últimos dois capítulos enfatizam a atividade de pregação de porta em porta e o conjunto de relações definidas em torno do preparo de uma Testemunha para pregar como dispositivos simbólicos capazes de atenuar conflitos e promover forte comunhão entre os congregados e, ao mesmo tempo, permitir que cada Testemunha se torne protagonista e responsável por sua fé; a ponto de criarem alternativas de pregação em espaços sociais segregados, revelando experiências intensas de interação com a cidade em que vivem e com seus habitantes, remodelando práticas que acabam reinventando os próprios espaços.

Também cabe considerar a importância de suas publicações que lidam com um conjunto muito amplo de discursos, tanto em relação às questões sociais, quanto às questões ambientais, das inovações da medicina, da genética, das formas de comunicação, como parte também constitutiva dessa ampliação de seu escopo religioso, revitalizando cotidianamente sua leitura do mundo.

Há uma dimensão de conflito que acaba provocando um espaço de mobilidade das práticas, tornando o grupo flexível de um modo bastante particular, ainda que pareça rígido.

Todo este processo só reitera o fato de que, em vez de estarem apartadas, as Testemunhas de Jeová têm, não apenas acompanhado, mas cooptado com o contexto de transformações pelas quais tem passado o campo religioso para modificarem sua estrutura administrativa e suas práticas, o que evidencia o ajuste contínuo do grupo ao mundo social.

A mudança representa aqui um elemento de extrema importância para a permanência. É a capacidade de conviverem, rivalizarem, cooptarem,

reinventando suas crenças e práticas quando necessário, que as permite sentir as mudanças como recursos importantes para manterem suas crenças e distinção entre as demais denominações religiosas.

Ao analisar a experiência religiosa das Testemunhas de Jeová e dar visibilidade aos meios dos quais lançaram mão para crescerem, se organizarem, se expandirem e se manterem no campo religioso, tendo em mente essa tensão entre permanência e mudança, fica evidente que defini-las a partir de termos redutores, tais como “fundamentalismo”, seria ignorar parte importante de sua ação no mundo social, perpetuando tais conceitos ao invés de considerar dimensões de conflito que, por fim, me permitiram inserir as Testemunhas de Jeová nesta dinâmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo Rômulo Machado de. A Universalização do Reino de Deus. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado/Unicamp, 1996a.

_____. A Universalização do Reino de Deus. Revista Novos Estudos Cebrap, nº. 44, Março de 1996b, p. 12 – 23.

_____. Religião na metrópole paulista. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 19, nº. 56. São Paulo, Outubro de 2004.

_____. A guerra das possessões. In: ORO, Ari Pedro, CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (Orgs.) Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Editora Paulinas, 2003, p. 321 – 364.

_____. Dez anos do “chute na santa”: a intolerância com a diferença. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007, p. 171 – 189.

ALMEIDA, Ronaldo & MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. Revista São Paulo em Perspectiva. V. 15, nº. 3. São Paulo, Julho/Setembro de 2001.

_____. O Campo Religioso Brasileiro no Limiar do Século: Problemas e Perspectivas. In: RATTNER, Henrique (org.). Brasil no Limiar do Século XXI: Alternativas para a Construção de uma Sociedade Sustentável. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 325 – 339.

ALMEIDA, Ronaldo & D'ANDREA, Tiarajú. "Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana" In: *Revista Novos Estudos Cebrap*. São Paulo: Cebrap, n. 68, Março de 2004, p.94-106.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados. In: Heitor Frúgoli Jr., Luciana Teixeira de Andrade, Fernanda Arêas Peixoto (orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006, p. 305 – 329.

BAUMAN, Zygmunt. *Religião pós-moderna?* In: *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 205 – 230.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9 - 24, 2000.

_____. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 2004.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 197 – 212.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 74-82.

_____. “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 27-78.

_____. “Apêndice I: Uma interpretação da Teoria da Religião de Max Weber”. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 79-98.

_____. “Sociólogos da crença e crenças de sociólogos”. In: BOURDIEU, Pierre.. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 108 – 118.

_____. “A dissolução do religioso”. In: _____. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 119 – 125.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na Sociologia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. “A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Faustino. e MENEZES, Renata (orgs.). As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 35 - 48.

CASTRO, Eduardo Góes de. A Torre sob Vigia: As Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930 – 1954). Dissertação de Mestrado apresentado ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

DA MATTA, Roberto. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar; 1979, p. 139 – 193.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “*Ethos* privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação”. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; e PEIXOTO, Clarice (orgs.). Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 51 – 87.

DURHAM, Eunice. Introdução. In: A dinâmica da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FRÚGOLI JR, Heitor. Sociabilidade Urbana, Rio de Janeiro, Ed Jorge Zahar, 2007.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: _____. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978. P. 101-142.

_____. Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. “O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder”. In: Geertz. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 149 – 165.

GIUMBELLI, Emerson. O reconhecimento da “religião” em uma “república laica”. In: GIUMBELLI, Emerson. O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002, p. 185 - 226.

GOMES, Edlaine de Campos. “Família e trajetórias individuais em um contexto religioso plural”. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; e PEIXOTO, Clarice (orgs.). Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 191 - 217.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. “La religion éclatée: réflexions préalables sur la modernité religieuse”. In: HERVIEU-LÉGER, D. Le pèlerin et le converti: La religion en mouvement. Paris: Flammarion, 1999, p. 29 – 60.

HOLDEN, Andrew. Jehovah’s Witnesses: portrait of a contemporary religious movement. London; New York: Routledge, 2002.

KELLEY, Dean M. Why Conservative Churches are growing: a study in sociology of Religion. Georgia: Mercer University Press, 1995.

LANDES, Ruth. A cidade das mulheres. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O circuito neo-esotérico. In: Teixeira, Faustino. e Menezes, Renata (orgs.). As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, P. 161 - 172.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 44, p. 24-44, mar. 1996.

MARIZ, Cecília Loreto. Secularização e Dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 25 – 39, 2000.

MARTY, Martin E. "Fundamentals of Fundamentalism". In: KAPLAN, Lawrence (org.). Fundamentalism in Comparative Perspective. Amherst: University of Massachusetts, 1992, p. 15 – 23.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e FILHO, Procópio Velasques. Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MONTERO, Paula. Religiões e Dilemas da Sociedade Brasileira. In: MICELI, Sérgio. (Org.). O que ler na ciência social brasileira. 2. ed. (Antropologia, v.1). São Paulo: Sumaré, 1999. p. 327-367.

_____. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. Revista Novos Estudos Cebrap, nº. 74. São Paulo, Março de 2006.

ORO, Ivo Pedro. O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Liberdade de cultos na sociedade de serviços: em defesa do consumidor religioso. In: Revista Novos Estudos Cebrap, nº. 44, Março de 1996, p. 3 – 11.

_____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele sentido. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, jun. 1998.

_____. Sociologia da religião: área impuramente acadêmica. In: MICELE, Sérgio (Org.). O que ler na ciência social brasileira. 2. ed. São Paulo: Ed. Sumaré. ANPOCS, Brasília, DF: CAPES, 1999. P.237-286. (Sociologia, v.2)

_____. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (orgs.). Globalização e Religião. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999, p. 249 – 262.

PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROLNIK, Raquel e FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. Revista Cadernos Metrópole, nº 6, PP.43-66, 2º semestre de 2001.

SANCHIS, P. “O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?”. In: HOORNAERT, E. (org.). História da igreja na América latina e no Caribe (1945 – 1995). Petrópolis, RJ: Vozes/Cehila, 1995.

_____. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (orgs.). Globalização e Religião. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999, p. 103 – 115.

SILVA, Eliane Moura. Repensando o Fanatismo Religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. Coleção Primeira Versão, v.126, Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2004.

SILVA, Esequias Soares da. Testemunhas de Jeová: a inserção de suas crenças no texto da tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2007.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.). As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1967.

WEBER, Max. "A psicologia social das religiões mundiais". In: _____. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 309-346.

WEBER, Max. "Rejeições religiosas do mundo e suas direções". In: _____. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 371-410.

FONTES DA INTERNET

- http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultadosamostra/brasil/pdf/tabela_1_1_2.pdf
- <http://www.jw-media.org>
- <http://watchtower.org>
- <http://www.triangulosroxos.org.br/>
- <http://www.mormon.org.br/>
- <http://www.portaladventista.org/portal/>

PUBLICAÇÕES CONSULTADAS DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA.
Cantemos Louvores a Jeová. Cesário Lange, SP, Brasil: (Brazilian Edition)
Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1985.

_____. Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino. Cesário Lange, SP: Editora Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.

_____. Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2001.

_____. Organizados para Fazer a Vontade de Jeová. Cesário Lange, S.P.: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2005a.

_____. O que a Bíblia realmente ensina? Cesário Lange, S.P.: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2005b.

_____. Viva tendo em mente o dia de Jeová. Cesário Lange, SP, Brasil: (Brazilian Edition) Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2006a.

_____. O segredo de uma família feliz. Cesário Lange, SP, Brasil: (Brazilian Edition) Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2006b.

_____. 2009 Anuário das Testemunhas de Jeová: Com o relatório do ano de serviço de 2008. Cesário Lange, S.P.: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2009.

OUTROS

➤ DVD Transfusion Alternatives: Documentary Series. Watch Tower Bible and Tract Society of New York, Inc. 25 Columbia Heights, NY, U.S.A.

ANEXOS

ANEXO A - Convite de Estudo Bíblico

TENHA UM ESTUDO BÍBLICO DOMICILIAR GRATUITO

Algumas das perguntas mais importantes que já foram feitas são respondidas pela Bíblia, incluindo:

- *Será que Deus realmente se importa conosco?*
- *A guerra e o sofrimento acabarão algum dia?*
- *O que acontece depois da morte?*
- *Há alguma esperança para os mortos?*
- *O que preciso fazer para Deus ouvir minhas orações?*
- *Como posso encontrar a felicidade?*

Eu gostaria de saber as respostas a essas perguntas. Sem compromisso, solicito um exemplar gratuito do livro *O Que a Bíblia Realmente Ensina?*. (Para solicitar um exemplar, basta preencher o cupom e enviá-lo pelo correio usando o endereço abaixo.)

Nome _____

Endereço _____
(Rua, número e bairro)

Cidade _____
Estado _____ CEP _____

Peça informações sobre seus estudos bíblicos gratuitos, em domicílio.

Testemunhas de Jeová, BRASIL: Caixa Postal 92, Tatuí, SP, 18270-970; BOLI-
VIA: Casilla 6397, Santa Cruz; PARAGUAI: Casilla de Correo 482, 1209 Asun-
ción; URUGUAI: Casilla 17030, César Mayo Gutiérrez 2645 y Cno. Varzi, 12500
Montevideo www.watchtower.org Impresso no Brasil
Não jogue este impresso na via pública. sf-T 7/08



VOCÊ ESTÁ CONVIDADO
Para um programa semanal
de palestras sobre a Bíblia



Discurso Bíblico e Estudo de A Sentinela
Discurso e consideração em grupo sobre a importância da Bíblia em nossos dias e como podemos aplicar sua orientação na vida

Estudo Bíblico de Congregação, Escola do Ministério Teocrático e Reunião de Serviço
Estudo de assuntos bíblicos e um curso progressivo sobre como ensinar a Bíblia a outros

Todos são bem-vindos Não se faz coleta

Sábado, 18h
Quarta-feira, 19h15
R. João Leite, 443 - Jd. Oreana
Boituva - SP, 18550-000

ANEXO B - Modelo de Questionário Aplicado

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Data ____/____/____



Congregação: _____

- Nome do entrevistado e idade:

- Qual sua cidade/estado de origem?

- Há quanto tempo é Testemunha de Jeová? _____ anos.
- Quais pessoas na família são Testemunhas de Jeová:
- Fale-me a respeito de sua trajetória religiosa (infância, como, quando e por quê o(a) Sr(a) se tornou Testemunha de Jeová)
- Qual é a maior satisfação em ser Testemunha de Jeová?
- Qual é a religião das pessoas de sua família que não são Testemunha de Jeová? Como é conviver com elas considerando essa diferença religiosa?
- Durante as pregações, com quais tipos de pessoas gosta de conversar? Sobre quais assuntos mais gosta de falar?
- Como encara o conjunto de atividades prestadas à Organização (contribuição financeira, o trabalho de pregação, os estudos, os tipos de reuniões)?
- O que mudou em sua vida, em sua forma de encarar o mundo, lidar com as pessoas, depois que se tornou Testemunha de Jeová?
- Qual é a sua relação com seus vizinhos já que é a eles que geralmente prega?
- Durante o trabalho de pregação o(a) Sr(a) conversa com diversas pessoas e percebe que há muitas opções religiosas e pessoas que freqüentam diferentes religiões ao mesmo tempo. O que acha dessa diversidade?

- Você já deu muitos estudos bíblicos? Quantas dessas pessoas se batizaram? Considerando que a maioria dos estudos acaba, como você se sente em oferecer seu tempo a essas pessoas e depois vê-las desistir do estudo? Tem alguma história que você gostaria de me contar sobre isso?
- De quando você é Testemunha de Jeová, viu muitas pessoas serem desassociadas? Quais são os motivos mais freqüentes?
- Além das publicações da Organização, quais são os outros tipos de leituras que gosta de fazer?
- Qual é a sua posição no Salão do Reino (servo ministerial, ancião)? Fale sobre ela. Quantas horas de pregação faz por mês?
- Posso chamar as Testemunhas de Jeová de “evangélicos” (já que fazem também um trabalho de evangelização)?

Para betelitas:

- Há quanto tempo você mora em Betel?
- Como é viver em Betel? Como foi essa tomada de decisão de ir para Betel? Qual foi a reação de sua família?
- Qual é sua atividade em Betel?
- Você pensa em sair de Betel algum dia?
- Em relação à experiência religiosa, o que diferencia um betelita de uma Testemunha de Jeová de fora?

ANEXO C – Modelos de Cartas

Modelo Especial

Remetente	com
Endereço e Telefone	

Prezado Morador(a);

Moro aqui mesmo em Boituva e sou Testemunha de Jeová. Venho por meio desta carta convidar-lhe para um evento muito importante que tenho certeza que irá apreciar muito. Trata-se da comemoração (ou celebração) da morte de Jesus Cristo.

O Evangelho de Mateus relata: “Jesus tomou um pão, e, depois de proferir uma bênção, partiu-o, e, dando-o aos discípulos, disse: ‘Tomai, comei. Isto significa meu corpo. Bebei dele, todos vós; pois isto significa meu “sangue do pacto”, que há de ser derramado em benefício de muitos, para o perdão de pecados” – Mateus 26: 26 a 28.

Assim, tanto o pão como o vinho são apenas símbolos. O pão simboliza o corpo perfeito de Jesus e o vinho tinto representa o sangue dele. Ao sacrificar a sua vida perfeita, Jesus tornou possível:

- Perdão de pecados;
- Consciência limpa perante Deus;
- A esperança de vida eterna numa Terra paradisíaca.

Você poderá mostrar gratidão por esse sacrifício de Jesus estando presente na comemoração da sua morte, que será realizada no dia 22 de Março de 2008, às 20:00 no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová situado na Rua João Leite, nº 443, no Bairro Jardim Oreana, aqui mesmo em Boituva (próximo à Sabesp). O convite está anexo e, se desejar maiores informações, basta entrar em contato conosco.

Atenciosamente,

Modelo 1

Remetente	com
Endereço e Telefone	

Prezado Morador(a);

Bom dia! Tenho o prazer de lhe trazer uma informação muito importante, que tenho certeza de que lhe será de grande ajuda. Sou Testemunha de Jeová e participo de um trabalho voluntário realizado em mais de 200 países. Estou participando desta atividade porque me importo com meus vizinhos.

Já se perguntou alguma vez se existe vida após a morte? O que acontece na morte não é um mistério para Deus, o criador do cérebro. Ele sabe a verdade e, na Sua Palavra, a Bíblia, ele explica a condição dos mortos. O ensino claro da Bíblia é: *“quando uma pessoa morre, ela deixa de existir”*. A morte é o oposto da vida. Os mortos não vêem, não ouvem, nem pensam. Nenhuma parte de nós sobrevive à morte do corpo. Nós não possuímos uma alma ou espírito imortal.

Depois de mencionar que os vivos estão cientes de que vão morrer, Salomão escreveu: *“Os mortos, porém, não estão cientes de absolutamente nada”*. Então, ele ampliou essa verdade básica dizendo que os mortos não podem amar nem odiar, e que *“não há trabalho, nem planejamento, nem conhecimento, nem sabedoria [na sepultura]”* (Eclesiastes 9:5, 6, 10). Também o Salmo 146:4 diz que, quando uma pessoa morre, *“perecem deveras os seus pensamentos”*. Nós somos mortais e não sobrevivemos à morte do corpo. A nossa vida é como a chama de uma vela. Quando a chama se apaga, ela não vai para nenhum lugar. Ela simplesmente acaba. Isso deixa claro para nós que não existe vida após a morte e esse Tratado⁶⁹, como o título “Você tem um espírito imortal?”, trará mais informações sobre esse assunto. Gostaria muito que lesse.

Atenciosamente,

⁶⁹ Tratado 1.

Modelo 2

Remetente com Endereço e Telefone

Boituva, ____ de Fevereiro de 2008.

Prezado Morador(a);

Sou Testemunha de Jeová e participo de um trabalho voluntário que tem por objetivo ajudar as pessoas, por meio da Bíblia, a terem uma vida satisfatória.

Com certeza o(a) senhor(a) já notou que muitas famílias estão se desfazendo. O que acha que tem causado isso? Como é possível ter uma vida familiar feliz?

Deus deseja que a sua vida familiar seja feliz. A sua Palavra, a Bíblia, fornece orientações para todos os membros da família, explicando o papel que Deus quer que cada um desempenhe. Lemos, no texto de Colossenses 3: 18 a 21: *“Vós esposas estejais sujeitas aos vossos maridos... Maridos persisti em amar as vossas esposas...vós filhos em tudo sede obedientes aos vossos pais...vós pais não estejais exasperando os vossos filhos”*.

Quando os membros da família cumprem seus respectivos papéis em harmonia com os conselhos de Deus, os resultados são muito satisfatórios. Jesus disse: *“felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!”* – Lucas 11: 28.

O tratado anexo⁷⁰ a essa carta trará muitas informações que lhe ajudará a tornar sua vida familiar mais feliz. Gostaria muito que lesse.

Atenciosamente,

⁷⁰ Tratado 2.

Tratado⁷¹ 1



Tratado 2



⁷¹ Os tratados são folhetos pequenos, de seis páginas, que comumente tratam de questões pontuais, como a vida familiar, a importância da Bíblia.